

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**ACONSELHAMENTO PASTORAL E A LEITURA
POPULAR DA BÍBLIA: UM DIÁLOGO COM O
PENSAMENTO DE CARLOS MESTERS**

Priscila Leite

São Bernardo do Campo
2015

ACONSELHAMENTO PASTORAL E A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA: UM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE CARLOS MESTERS

Priscila Leite

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre.

Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Religião e dinâmicas Psicossociais e Pedagógicas

Orientador: Prof. Dr. Jung Mo Sung

São Bernardo do Campo
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

L536a	Leite, Priscila Aconselhamento pastoral e a leitura popular da Bíblia: um diálogo com o pensamento de Carlos Mesters / Priscila Leite -- São Bernardo do Campo, 2015. 82fl. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) -- Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós-Graduação Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo Bibliografia Orientação de: Jung Mo Sung 1. Aconselhamento Pastoral 2. Bíblia – Leitura I. Título
	CDD 253.5

A dissertação de mestrado intitulada: “**ACONSELHAMENTO PASTORAL E A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA: UM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE CARLOS MESTERS**” foi apresentada e aprovada em 08 de abril de 2015, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Jung Mo Sung (Presidente/UMESP), Profa. Dra. Blanches de Paula (Titular/UMESP) e Prof. Dr. Márcio Fabri dos Anjos (Titular/ Centro Universitário São Camilo - Campus Pompeia, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão).

Prof. Dr. Jung Mo Sung

Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Helmut Henders

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Religião e Dinâmicas Psicossociais e Pedagógicas

Dedico este trabalho aos meus filhos,

Pedro e Luiza.

Aos meus professores.

Aos amigos e às amigas de verdade

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida, pela força e sustento.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jung Mo Sung, por sua dedicação, competência e confiança, que tornou possível a conclusão desta pesquisa, a minha sincera gratidão e respeito.

Aos Professores com carinho. Em especial a Prof. Dra. Blanches de Paula que, desde o início da minha vida acadêmica, esteve comigo e ao Prof. Dr. Cláudio Ribeiro pelo incentivo e apoio para que eu continuasse nessa caminhada.

Às minhas amigas e aos meus amigos que fizeram tudo valer a pena. Pessoas incríveis e abençoadoras.

À minha família pelo apoio e compreensão. São o meu chão e o meu descanso.

À Universidade Metodista de São Paulo e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, na pessoa de seus professores/as, demais funcionários/as e colegas.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao IEPG (Instituto Ecumênico da Pós-Graduação) pela oportunidade de crescer e ser.

Minha mais profunda gratidão.

Quero escutar a mim mesma, mesma, me reconhecer, me escolher.

Quero escutar você, sua história, seus medos, suas coragens.

Quero escutar o diálogo, abrir a minha porta e cear com a Vida.

Blanches de Paula

Priscila Leite. Aconselhamento Pastoral e a Leitura Popular da Bíblia: Um diálogo com o pensamento de Carlos Mesters. 2015. 82 f. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Resumo

O presente trabalho aborda as contribuições da Leitura Popular da Bíblia (LPB), na perspectiva de Carlos Mesters, para os processos de cuidado no Aconselhamento Pastoral (AP). Ao repensar criticamente os modelos de Aconselhamento Pastoral (AP), a partir dos principais autores publicados no Brasil sobre o tema, verifica-se que o “como fazer” do aconselhamento pastoral é fundamental. Da mesma forma que refletir o “como” usar a Bíblia nos processos de cuidado e auxílio no aconselhamento deveria estar diretamente relacionado ao saber escutar e discernir a necessidade do outro. Sendo assim, é proveitoso integrar à reflexão e prática do cuidado pastoral, enquanto aconselhamento, as perspectivas da espiritualidade e das ciências do comportamento humano com a metodologia da LPB. A LPB empresta seu modo hermenêutico de ver, julgar e agir e aproveita a pedagogia de Paulo Freire nos processos relacionais entre aconselhador/a e aconselhando/a. Este trabalho pretende assim propor uma leitura de mundo que parta da vida vivida levando em consideração a idade, etnia, situação socioeconômica, estado civil, gênero, etc., no sentido de proporcionar saúde integral ao ser humano. Este tipo de leitura articulada com as contribuições da LPB pode promover melhor as habilidades para a escuta que reconheça as relações no Aconselhamento Pastoral como um processo pedagógico e libertador entre aconselhador/a e aconselhando/a. Processo em que a leitura contextualizada, integral e libertadora da Bíblia e ciências humanas iluminam o caminho para uma vida mais humanizadora.

Palavras-chave: Aconselhamento Pastoral; Leitura Popular da Bíblia; Pedagogia do Diálogo.

Priscila Leite. Pastoral Counseling and the Popular Reading of the Bible: A dialogue with the thought of Carlos Mesters. 2015. 82 f. (Master's Thesis) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Abstract

This paper discusses the contributions of the Popular Reading of the Bible (PRB) with a view to Carlos Mesters for the care processes in Pastoral Counseling (PC). Critically rethinking the models of Pastoral Counseling (PC) from the main authors published in Brazil on the subject, it seems that the "how to do" pastoral counseling is fundamental. As well as meditating on the "how" to use the Bible in the care and assistance cases in counseling should be directly related to knowing how to listen and discern the needs of others. Therefore, it is useful to integrate the reflection and practice of pastoral care, while counseling, the prospects of spirituality and human behavior sciences with the methodology of PRB. The PRB lends its hermeneutic view, judgement and acting and takes the Paulo Freire's pedagogy in relational processes between advisor and advisee. This work intends to propose such a world reading that starts from the life lived taking into account age, ethnicity, socioeconomic status, marital status, gender, etc., in order to provide integral health to the human being. This type of comprehensive reading with the contributions of PRB can better promote the skills for listening that recognizes the relationships in Pastoral Counseling as an educational and liberating process between advisor and advisee. Process in which the contextualized, integral and liberating reading of the Bible and humanities light the way for a more humanizing life.

Keywords: Pastoral Counseling; Popular Reading of the Bible; Dialogue Pedagogy

SUMÁRIO

Introdução	3
Capítulo 1 ACONSELHAMENTO PASTORAL A PARTIR DOS PRINCIPAIS MODELOS E AUTORES NO BRASIL	8
1 Panorama do Aconselhamento Pastoral a partir dos modelos e autores mais influentes do Brasil.....	8
1.1 O modelo bíblico de Jay Adams e Gary Collins	13
1.2 O modelo holístico de Howard Clinebell e o modelo de libertação e crescimento para uma poimênica de libertação	20
2 Análise crítica dos modelos de aconselhamento	26
Capítulo 2 A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA NA PERSPECTIVA DE CARLOS MESTERS PARA O ACONSELHAMENTO PASTORAL ..	32
1 A importância da Bíblia para o mundo evangélico brasileiro	32
2 Mesters e a Leitura Popular da Bíblia	37
3 A contribuição da Leitura Popular da Bíblia para o Aconselhamento Pastoral	41
4 A LPB e as relações de ajuda no Aconselhamento	46
Capítulo 3 ACONSELHAMENTO PASTORAL E PEDAGOGIA DIALÓGICA	52
1 Aconselhamento Pastoral e sua práxis pedagógica	52
2 Ensinar com a vida e para a vida	57
3 Aprender a aprender caminhar junto	62
4 Aprender a partilhar em comunhão	67
Considerações Finais	73

Introdução

O interesse pelo tema pesquisado surgiu durante o curso de graduação em Teologia (UMESP), de 2009 a 2012. Além das aulas de cuidado pastoral e aconselhamento, a prática e vivência como liderança leiga em uma igreja de tradição pentecostal levaram-me a refletir a respeito da necessidade e importância do tema do Aconselhamento Pastoral.

Ao longo dos mais de vinte anos trabalhando junto com adolescentes e juvenis na Escola Bíblica Dominical, por inúmeras vezes, fui procurada por alunos/as, pais, amigos/as para “conversas”. Contavam suas dúvidas, seus “achismos”, que tinham vergonha de perguntar em público, pediam conselhos, falavam dos problemas da vida, da falta de dinheiro, de discussões em família, problemas com drogas e álcool, paixões, desilusões, desabafos, mas também compartilhavam sucessos, alegrias e boas novas.

Percebi que as pessoas faziam isso, mesmo após terem ido pedir auxílio do/a pastor/a. Observei que, como se ainda estivessem insatisfeitas ou perdidas, elas queriam alguém que as ouvisse, sem julgamento; buscavam apoio e, principalmente, alguém que pudesse trazer alento e esperança por meio daquilo que consideravam ser a palavra de Deus – a Bíblia. Eu mesma, em um momento de extrema fragilidade e total desamparo, após um divórcio, ao procurar apoio e consolo, deparei-me com o completo despreparo do pastor que, lamentando-se, disse-me que procurasse alento em minha família e que orasse mais.

Na vivência com essas comunidades, observei que duas situações prevalecem. A primeira é quando um/a pastor/a ou liderança é procurado/a para auxílio e aconselhamento e tendem a ter respostas prontas, em nome de uma espiritualidade desarraigada da vida encarnada, dos dogmas ou de uma adequação da vida aos sistemas socioeconômicos, políticos e institucionais injustos e opressores. Neste caso, é comum o cultivo de uma fé culpabilizante e conformada que sugere ser sempre a falta de adequação da pessoa às diretrizes e ao entendimento bíblico mais fundamentalista da instituição o motivo dos sofrimentos e das “más” escolhas.

A outra situação é percebida quando a prática do aconselhamento é realizada por profissionais de teologia e psicologia, geralmente mais disponíveis ao atendimento da classe

média de pensamento ilustrado¹. Neste aconselhamento, geralmente reproduzem-se as concepções psicológicas elaboradas pela cultura dominante, a qual não se relaciona bem com a cultura popular e não lida adequadamente com expressões e linguagens culturais diferentes. Em outras palavras, a prática do aconselhamento na cultura religiosa mais popular é mais realizada por leigos/as e se comunica pouco com o mundo da psicologia e da teologia pastoral e, desta maneira, costuma ter uma leitura fundamentalista da Bíblia que não responde as necessidades e a complexidade da vida.

Em ambas as situações, existe uma falta de adequação do uso da Bíblia entre a proposta apresentada pelos representantes e lideranças religiosos dessas igrejas e a mentalidade religiosa popular. Quem procura ajuda e aconselhamento pastoral quer ser ouvido sem julgamento, quer um espaço onde possa falar e, mais que conselhos práticos, busca orientação espiritual, pois suas necessidades concretas, problemas e sofrimentos sempre vêm acompanhados de espiritualidade e fé construídas, vivenciadas neste dia a dia. Portanto, a Bíblia é norteadora e fundamento de esperança nessas comunidades.

Em contrapartida, também é possível observar que, mesmo sendo esta a situação mais comum, existem aconselhadoras/es preocupados em ouvir, em acompanhar e, nas suas relações com o outro, fazer destes momentos espaços de escuta e auxílio. Mesmo assim, tais intenções não são suficientes para que, neste processo, o uso da Bíblia afirme que o aconselhamento esteja comprometido com uma proposta que visa pensar e buscar sentido na existência em uma *práxis* que humanize e seja libertadora.

Diante de tudo isso, surgiram as seguintes questões: Como proporcionar um aconselhamento pastoral que escute, que tenha uma hermenêutica que valorize e priorize a Bíblia, sem negar a ajuda da psicologia e de outras ciências, e que, por fim, dialogue na mesma linguagem de quem necessita? Como contextualizar um aconselhamento que abarque a pluralidade da cultura e da religiosidade brasileira?

¹ O pensamento ilustrado (Iluminismo) Durante os séculos XVII e XVIII, o dinamismo da sociedade capitalista nascente, da ciência em desenvolvimento, esbarraram nos entraves do sistema absolutista de poder e nos dogmas obscurantistas pregados por instituições religiosas que se aliaram aos reis de poder absoluto. Vários intelectuais, alguns deles ligados a burguesia, outros independentes ou até aristocratas, passaram a criticar a teoria do conhecimento então vigente (conhecimento é revelação divina), anunciando um conjunto de ideias que preconizavam uma nova forma de pensar a natureza, a sociedade e, mais tarde, novas estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais, mais condizentes com a exigência de liberdade dos tempos então em curso. Ideias tradicionais concernentes a temas como Deus, existência humana, universo e natureza foram questionadas e modificadas produzindo como resultado uma revolução intelectual que trouxe a tona uma “nova visão do mundo – racional mecanicista e em grande parte impessoal, mas ao mesmo tempo humanitária, tolerante e, por conseguinte, voltada para a compreensão tanto das fraquezas quanto das aspirações da humanidade”. (BURNS, EDWARD McNALL. História da Civilização ocidental: do homem das cavernas as naves espaciais / EDWARD McNALL BURNS, ROBERT E. LERNER, STANDISH MEACHAM; São Paulo: Globo, 2003, p.453).

Minha hipótese é a de que seja possível uma metodologia que favoreça esses aspectos no aconselhamento, ao unir a discussão acerca da Leitura Popular da Bíblia em Carlos Mesters com o tema do aconselhamento pastoral. Carlos Mesters debruçou-se sobre o trabalho de analisar o modo como a Bíblia vinha sendo apresentada ao povo brasileiro em geral e sobre a falta de adequação entre a proposta dos representantes e lideranças religiosos da Igreja e a mentalidade religiosa popular. Foi um dos principais criadores de um método hermenêutico de leitura da Bíblia que, durante meus estudos, fez-me vislumbrar a possibilidade de contribuições importantes para o aconselhamento pastoral. Desde o início das leituras e pesquisa, ficou evidente a necessidade de uma antropologia teológica que abraçasse o humano de maneira contextualizada, levando em consideração suas necessidades, angústias, limites do ser e do existir, assim como a necessidade de “revisitarmos” definições terminológicas e conceitos referentes ao tema do Aconselhamento Pastoral. Independentemente dos modelos de Aconselhamento Pastoral identificados e já estudados, com seus mais variados desdobramentos, seja fazendo parte do grupo que segue o modelo bíblico - fundamentalista ou evangelical - ou o grupo do modelo mais holístico, o qual visa integrar as ciências humanas e tem buscado ser mais contextualizado, fica claro que existe a necessidade de possibilitar o desenvolvimento de uma metodologia nova.

Nos últimos anos, o número de pesquisas e produções científicas a respeito do tema aconselhamento vem aumentando na América Latina, porém, grande parte do que se tem produzido respalda-se em metodologias já existentes e bases teóricas provenientes do contexto estadunidense. Há também uma constante valorização da psicoterapia em detrimento da sabedoria bíblica e da espiritualidade. No Brasil, isto fica ainda mais reduzido, limitando-se à pesquisa bibliográfica, já que boa parte dela tem data inferior ao ano de 2000. Embora a demanda e a procura por apoio e auxílio tenham aumentado muito nas comunidades evangélicas, tanto dos aconselhadores/as como dos/as aconselhados/as, os estudos para novos caminhos e metodologias são escassos e insuficientes. No Programa de Ciências da Religião da Universidade Metodista, sou a única mestranda a tratar deste tema com este enfoque.

O que propomos na pesquisa apresentada nesta dissertação é pensar a respeito das possíveis contribuições do método de Leitura Popular da Bíblia (LPB) em Carlos Mesters para um novo caminho metodológico e hermenêutico no Aconselhamento Pastoral. Queremos com isso indicar a importância da perspectiva dialógica na relação entre aconselhador/a e aconselhando/a como processo pedagógico no/do aconselhamento pastoral.

A partir disso, surge a pergunta principal que norteará nossa pesquisa: Quais as contribuições que a LPB pode oferecer para o Aconselhamento Pastoral? A suspeita é de que a LPB pode contribuir para um método de relacionamento que prioriza o diálogo e contextualiza a vida em todos os seus aspectos e de maneira integral, durante os processos de cuidado entre aconselhador/a e aconselhando/a. Um método, por sua vez, que parta da vida vivida, de um lugar hermenêutico que possibilite olhar a vida a partir de quem necessita, com linguagem e relação que humanizem e libertem.

Assim como a Teologia, o Aconselhamento Pastoral lida com a totalidade da existência da caminhada humana, com o seu sentido, a sua finitude e sua finalidade. Com esta pesquisa, procuraremos responder como a Leitura Popular da Bíblia em Carlos Mesters pode proporcionar um caminho metodológico contextualizado no Aconselhamento Pastoral, junto com as ciências humanas, que priorize uma perspectiva dialógica nos relacionamentos durante os processos de cuidado.

Apontamos uma leitura bíblica que parta de uma leitura de mundo compatível com a cultura da América Latina, principalmente no Brasil. Neste sentido, apresentamos o método de Leitura Popular da Bíblia como uma hermenêutica capaz de proporcionar, junto com as ciências humanas, uma forma libertária de ajuda. Evidentemente, o relacionamento entre aconselhador/a e aconselhando/a também se molda a esses princípios num processo pedagógico em que a sabedoria Bíblica e uma leitura de mundo que parta da vida vivida, independentemente de idade, etnia, situação socioeconômica e/ou estado civil, possa proporcionar saúde integral ao ser humano.

É um tema que, de maneira existencial, tem sido questionado tanto no meio teológico como no campo das ciências do cuidado humano. No campo das Ciências da Religião, o estudo do aconselhamento pastoral nos proporciona vasta contribuição para manter a saúde integral em todos os momentos e fases da vida e para compreender o ser humano na pós-modernidade.

Desta forma, no capítulo I, apresentamos os modelos de Aconselhamento Pastoral, considerando os principais autores traduzidos em português do tema. Não se trata de algo muito aprofundado, mas sim de um panorama das contribuições e limites desses modelos diante do contexto brasileiro. Procuramos, de maneira crítica, vários enfoques de aconselhamento que, de maneira mais bíblica ou mais psicológica, fazem parte de um cenário em que diversidade e adequações tentam dar conta dos desafios encontrados nas relações de cuidado no contexto brasileiro. Destacamos a importância, a aceitação ou a rejeição das ciências humanas, o uso da Bíblia e a forma de relacionamento no processo de cuidado do AP

em cada uma das abordagens, identificando e justificando a possibilidade da contribuição da Leitura Popular da Bíblia como necessidade de novos caminhos.

No capítulo II, falamos sobre a importância da Bíblia para o mundo evangélico brasileiro e apresentamos o método de Leitura Popular da Bíblia de Carlos Mesters. Contamos um pouco da história do autor e a elaboração de seu método. Em seguida, oferecemos uma reflexão de como a LPB pode contribuir para o AP como ferramenta metodológica de orientação nos relacionamentos e hermenêutica bíblica em um processo que é pedagógico.

O capítulo III trata da relação entre a pedagogia dialógica de Paulo Freire e o Aconselhamento Pastoral. Mostramos como, durante seu processo, o aconselhamento é pedagógico e como a LPB coopera neste sentido para um relacionamento em diálogo no desenvolvimento de uma escuta libertadora e terapêutica. Terapêutica não só na forma de cuidado individual, mas também na forma comunitária.

Entendemos que esta pesquisa ajudará, não só a refletir os métodos de aconselhamentos descontextualizados da nossa realidade de vida e necessidades, mas também na possibilidade de viabilizar um possível novo caminho metodológico que reconheça as relações no Aconselhamento Pastoral como um processo pedagógico entre aconselhador/a e aconselhando/a, vida e Bíblia, fé e ciências humanas de maneira contextualizada, integral e libertadora.

Assim, na busca de novos caminhos, nutrimos a esperança de nos juntarmos a outras pesquisas já realizadas e a outros pensamentos que possibilitem ampliar certos ângulos do conhecimento de modo a contribuir para o cuidado das pessoas e para a construção de um diálogo incentivador a uma boa conversa que gera “conversão”, uma grande e longa conversa que transforma e mostra novas direções.

Capítulo 1

ACONSELHAMENTO PASTORAL A PARTIR DOS PRINCIPAIS MODELOS E AUTORES NO BRASIL

1 Panorama do Aconselhamento Pastoral a partir dos modelos e autores mais influentes do Brasil

Pretendemos neste capítulo, analisar e apontar tanto as características basilares como o método dos principais autores que influenciaram o movimento de aconselhamento pastoral no Brasil. Para restringir o tamanho da pesquisa ao contexto brasileiro, pesquisamos somente obras em língua portuguesa e os autores mais representativos dentro de cada abordagem do Aconselhamento Pastoral. Os autores analisados neste capítulo são Jay Adams, Gary Collins, Howard Clinebell, Richard Wangen, Lothar Carlos Hoch e Christoph Schneider-Harpprecht.

Assim como a Teologia, o Aconselhamento Pastoral² lida com a totalidade da existência da caminhada humana, com seu sentido, finitude e finalidade. O aconselhamento, sendo assim, mostra ser uma das dimensões do cuidado pastoral que potencialmente pode ajudar o ser humano nos processos de cura e apoio em suas mais variadas formas.

Neste sentido, o aconselhamento pastoral pode auxiliar no encaminhamento, orientação e discernimento dos impasses, crises e dificuldades da vida. Ainda, ele proporciona

² O termo “aconselhamento pastoral” é uma tradução para o português da palavra inglesa *pastoral counseling*, usada especialmente no contexto norte-americano do séc. 20. Outros termos técnicos são usados nessa área, como a palavra artificial *poimênica* (a ciência do agir do pastor [em grego *poimen*]), *clínica pastoral* (o acompanhamento pastoral na área da saúde), *psicologia pastoral* (a interpretação da pastoral sob a perspectiva psicológica) ou a definição dos parceiros na conversação como *paciente*, *cliente* ou *aconselhando*. O termo “pastoral” é considerado problemático quando reduzido a “extensão funcional do substantivo *pastor*”, condicionando a tarefa do aconselhar somente a clérigos. Definimos o aconselhamento pastoral como uma dimensão da poimênica (ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na área da saúde através da convivência diária no contexto da igreja) que procura ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas. (SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p.291)

assistência diante das dimensões da vida como os relacionamentos, a sexualidade, as enfermidades, as perdas, os lutos, o desemprego, a violência, os conflitos éticos intra e interpessoais e outros tipos de adversidades resultantes do viver, restaurando de forma coadjuvante a integralidade do ser humano.

Ao longo da história moderna, as ciências humanas trouxeram grandes contribuições e avanços tanto para o aprofundamento e desenvolvimento do tema como para a prática do Aconselhamento Pastoral. No entanto, no decorrer do processo de apreensão desses saberes, algumas terminologias e/ou conceitos, afastaram o aconselhamento de seu objetivo primordial enquanto cura d'alma, resultando muitas vezes em uma "psicologização" do cuidado pastoral e da Bíblia ou aversão total de qualquer possível contribuição ou intervenção das ciências humanas junto a mesma.

Geralmente as aproximações e os distanciamentos conceituais produzidos durante a história sempre demonstram a imposição de uma área do conhecimento sobre a outra, e isto não foi diferente com o cuidado pastoral e as ciências humanas. Essa realidade, por sua vez, não nega os problemas que nascem da própria definição do termo aconselhamento pastoral. Entretanto, evidencia a necessidade de "revisitarmos" as definições terminológicas e os conceitos referentes ao tema em diálogo com as disciplinas relacionadas de áreas diferentes do conhecimento com o intuito de contribuir de várias formas para a construção da interdisciplinaridade.

Para Berger (1972), a interação existente entre duas ou mais disciplinas acontece desde a simples comunicação das ideias até à integração mútua de conceitos, terminologia, metodologia, procedimentos, dados e organização da investigação. Desta forma, a interdisciplinaridade refere-se, quase sempre, à tarefa de identificar e definir nas disciplinas em diálogo os pontos comuns, justapostos, complementares ou substituíveis em seus métodos, conceitos e dificuldades. Tal conformidade possibilita o diálogo e a contribuição de outras ciências, mas conservando as especificidades necessárias para que o Aconselhamento Pastoral cumpra com seu propósito.

A história do aconselhamento pastoral perpassa os mesmos caminhos percorridos pela Teologia Pastoral. A Teologia Pastoral não é somente uma disciplina teológica que teoriza ou aplica os conhecimentos da teologia histórica e sistemática, mas pode ser compreendida como uma reflexão crítica e construtiva sobre a vida e a igreja ou sobre as comunidades de fé. Assim, ela visa à transformação de padrões e situações insatisfatórias que ocorrem na vida das pessoas bem como a formação de teologias que fundamentam nossa práxis e entendimento de saúde integral norteados pelos princípios bíblicos.

Paula (in RENDERS; SOUZA [org.], 2011, p. 261) afirma que a teologia pastoral busca, centralmente, “compreender e refletir sobre a práxis de mulheres, homens, igrejas, grupos que articulam a fé, ou seja, o evangelho no cotidiano da vida”. Em outras palavras, a articulação entre a fé e a vida nutre o pensar teológico que, por sua vez, alimenta a práxis do cuidado pastoral também na forma de aconselhamento.

No âmbito católico, o Aconselhamento Pastoral se encontra dissolvido nas diferentes pastorais voltadas para os grupos específicos e, também, nos sacramentos. (HOCH, 1989). Embora em compreensão teórica seja semelhante às igrejas protestantes, a prática do aconselhamento pastoral dentro dos dois contextos ocorre de formas muito diferentes entre si. De um modo geral, no contexto latino-americano, as igrejas evangélicas além de não serem uniformes, sofrem influências diretas dos autores e métodos norte americanos e europeus, tanto no protestantismo de imigração como no de missão e até mesmo no pentecostalismo. Observamos que neste trabalho focaremos a pesquisa somente no mundo protestante.

No Brasil, devido à dependência histórica das igrejas evangélicas dos imigrantes europeus, das igrejas dos Estados Unidos e da teologia produzida no exterior; encontramos na maioria dessas igrejas, até hoje, diferentes propostas sejam ortodoxas ou liberais de aconselhamento provenientes das desenvolvidas por essas regiões de acordo com o respectivo posicionamento do/a pastor/a.

Christoph Schneider-Harpprecht (1998) esboça esse processo de inculturação com uma visão geral da história do aconselhamento pastoral e os seus principais modelos nas igrejas evangélicas na América Latina, mais especificamente o Brasil. O entendimento do contexto em que esses modelos se desenvolvem e suas motivações ajudam a perceber a construção de um panorama brasileiro atual e, ainda, os seus métodos de trabalho. Schneider, assim, destaca duas influências quanto aos métodos de trabalho aplicados na práxis do aconselhamento pastoral: A da Psicologia pastoral, “pastoral counseling”, e a do Aconselhamento centrado na Palavra.

O autor mencionado entende por Psicologia Pastoral (pastoral counseling) a junção do movimento surgido nos Estados Unidos durante as décadas de 20 e 30, que visa o aconselhamento terapêutico e uma formação clínica de teólogos com as ideias europeias, após a década de 60, de uma psicologia pastoral influenciada por Freud.

Alguns autores, como Collins (1996), responsabilizam, mesmo que parcialmente, Sigmund Freud pela profissionalização do aconselhamento, já que o referido médico e psicanalista acreditava que a psicoterapia era uma tarefa que requeria tanta perícia como uma cirurgia e, portanto, não era algo que não treinados deveriam tentar fazer.

As influências da psicanálise freudiana não fizeram com que os pastores deixassem de exercer o aconselhamento pastoral, mas geraram certa insegurança no trabalho pastoral e a incerteza de que, possivelmente, sem o preparo proposto por Freud, este trabalho teria condições de oferecer ajuda efetiva às pessoas (COLLINS, 1996). Desta forma, o aconselhamento foi se especializando e diante das psicologias seculares reagindo, ora unicamente por assimilação, ora na tentativa de diálogo com a teologia cristã.

Um nome muito importante neste movimento de especialização do aconselhamento pastoral - principalmente por sua influência nos Estados Unidos e por consequência no Brasil - é o de Anton Boisen. Boisen criou o EPC (Educação Pastoral Clínica) - treinamento que “incentiva o contato entre “estudos teológicos e relacionamentos interpessoais” dentro de uma igreja, hospital ou outro estabelecimento clínico para pessoas que tenham vocações ligadas a igreja” (HURDING, 1997, p.257). O contato proposto pelo teólogo resgatou por meio de sua prática a “segurança” e o espaço do pastor no campo do aconselhamento.

Soares afirma que o trabalho de Boisen pretendeu unir os elos de duas correntes basilares da saúde do indivíduo:

Os elos do cuidado pastoral, que historicamente pode ser caracterizado pela tentativa de curar as feridas das pessoas que procuram apoio, e os elos das psicologias seculares, que forneceram técnicas seguras de abordagem a estas pessoas e as curas destas feridas. (SOARES, 1999, p.62)

Por sua vez, o Aconselhamento centrado na Palavra, também conhecido como, Aconselhamento Bíblico defende a primazia da proclamação dos ensinamentos da Bíblia, diminuindo ou negando o valor da contribuição da psicologia. Soares lembra que se por um lado, o EPC contribuiu significativamente com a igreja e ampliou seus espaços de atuação na sociedade, por outro ele foi alvo de rejeições por parte de algumas igrejas, geralmente entre as de linha conservadora (SOARES, 1999, p.62).

Segundo Hurding (1997), a rejeição da contribuição da psicologia para o aconselhamento pastoral se deu pelo fato de “famosos e influentes pastores”, nos Estados Unidos e Londres, terem absorvido com “demasiada facilidade as pressuposições da psicanálise”.

A tendência consistiu num liberalismo cristão que, à deriva, foi arrastado até os bancos de areia de onde Deus é visto como bondosamente permissivo e onde a humanidade é considerada neurótica, em vez de pecadora. (HURDING, 1997, p.263)

Como consequência deste distanciamento entre a psicanálise e movimentos como o EPC, nos Estados Unidos, surgem respostas cristãs. “Em parte como uma reação à influência

secularizante das psicoterapias, e em parte como uma tentativa de encontrar certo grau de integração entre a psicologia e a teologia conservadora” (HURDING, 1997, p.316). Mas sempre primando pelo enfoque bíblico como crivo das metodologias empregadas.

“Em geral a partir da década de vinte até o início da de setenta, parece, que, da parte da igreja, houve mais “aceitação” ou “rejeição” do que “aprimoramento” dos *insights* seculares”. (HURDING, 1997, p.263) Certo é, que diante destas duas influências ou “escolas”, várias abordagens teóricas e metodologias se desenvolveram. Seus principais pressupostos teóricos e conceituais formaram modelos de aconselhamento pastoral que direta ou indiretamente preceituam o jeito de ser e fazer o aconselhamento pastoral no Brasil.

Diferente do contexto estadunidense e europeu, na América Latina e Brasil não se repetiu da mesma forma o conflito entre as duas abordagens, embora também exista. Na verdade as alas mais evangélicas ou liberais promovem a psicologia pastoral e tentam conciliá-la com a crença fundamentalista. Um fator diferencial e importante na América Latina e Brasil a ser considerado é a Teologia da Libertação, que durante muito tempo manteve uma atitude crítica e relativamente indiferente frente à psicologia, mas isso também começou a mudar e tomar novos rumos diante da aceitação da importância do indivíduo.

A maioria dos livros e quase todo o alicerce do método e teoria do aconselhamento são influenciados ou traduzidos de livros escritos para a realidade e contexto estadunidense. Desta maneira, pouco eles retratam o contexto brasileiro organizacional de igrejas, seja nos planos econômico, social, ético, conflitos de exclusões étnicas e de cultura plural. Muito menos, tais conteúdos entendem ou reconhecem a dimensão da pluralidade cultural religiosa popular com suas benzeduras e rituais como terapia e cuidado.

Christoph Schneider-Harpprecht (1998) identifica quatro modelos teóricos predominantes no aconselhamento na América Latina e Brasil:

- a) O modelo fundamentalista,
- b) O modelo evangélico de psicologia pastoral,
- c) O modelo holístico de libertação e crescimento,
- d) O modelo contextual de uma poimênica de libertação.

Alguns modelos, principalmente os bíblicamente fundamentalistas, ignoram qualquer reflexão sobre o contexto social, histórico e cultural. Fundamentam-se na Bíblia como regra única e descontextualizada da vida estabelecendo no aconselhamento dominação pelo dogma e obrigações.

Outros, como o modelo evangélico de psicologia pastoral, admitem a ajuda das ciências humanas, mas psicologizando a teologia ou teologizando a psicologia com fins de

proselitismo ou afirmação da primazia cristã. Mesmo os modelos como o holístico de libertação e crescimento e o contextual de uma poimênica de libertação, que conseguem de maneira mais abrangente entender o ser humano admitindo um crescimento do mesmo, como ser integral fundamentado nos conceitos bíblicos, tende a confundir crescimento constante com o mito do progresso contínuo.

A fim de entendermos melhor, de forma crítica os principais modelos de Aconselhamento Pastoral difundidos no Brasil, analisaremos algumas obras pertencentes ao tema. Para isso, utilizaremos os autores mais representativos dentro de cada abordagem do Aconselhamento Pastoral.

1.1 O modelo bíblico de Jay Adams e Gary Collins

O modelo bíblico é composto de duas abordagens (modelo fundamentalista e modelo evangelical de psicologia pastoral) que só diferem entre si quanto à aceitação e diálogo com outras ciências.

O livro *Conselheiro Capaz*, de Jay Adams, publicado em 1970 nos Estados Unidos e com primeira edição no Brasil em 1977, representa bem o modelo ou abordagem fundamentalista que não reconhece nenhum outro valor ou recurso além do bíblico. A Bíblia torna-se um manual irrefutável e único na prática do aconselhamento.

1.1.1 Jay Adams³

Jay Adams, pastor presbiteriano, pastoreou igrejas na Pensilvânia e Nova Jersey, serviu como um oficial denominacional, foi professor no Seminário Teológico de Westminster, na Filadélfia, diretor do programa de Doutorado no Seminário Teológico de Westminster, na Califórnia, e depois como pastor da igreja na Carolina do Sul. Ele também foi o fundador da

³ O modelo de Jay Adams é considerado fundamentalista. Fundamentalismo é um movimento religioso e conservador, nascido entre os protestantes dos E.U.A. no início do século XX, que enfatiza a interpretação literal da Bíblia como fundamental à vida e à doutrina cristãs. Embora militante, não se trata de movimento unificado, e acaba denominando diferentes tendências protestantes do séc. XX. No Brasil ela também encontrou forte acolhida, sendo usada até a atualidade. Constitui-se, por assim dizer, em uma interpretação literal das palavras da Bíblia. Os fundamentalistas creem na “inerrância bíblica” ignorando a possibilidade de a Bíblia conter qualquer espécie de aspecto mitológico ou ilustrativo. Consideram todas as suas histórias como narrativas seguras e literais de fatos que realmente aconteceram.

Fundação Christian Counseling, na Filadélfia, a National Association of Nouthetic Counselors, e o Institute for Nouthetic Studies.

Em 1999, o Dr. Adams aposentou do pastorado da igreja que ele tinha plantado na Carolina do Sul e tem dedicado seu tempo a escrever e fazer palestras. No outono de 2001, o Instituto de Formação Redentor Aconselhamento Bíblico (RBCTI) foi criado na Igreja Presbiteriana Redeemer em Moore, South Carolina, para fornecer um veículo através do qual o Dr. Adams poderia continuar a ensinar e treinar conselheiros bíblicos / noutéticos.

Para Adams, (1999, p. 57-63) a “técnica bíblica” por excelência é, indubitavelmente, aquela a que chama aconselhamento noutético. O adjetivo é derivado verbo grego *noutheteo* e do substantivo correspondente *nouthesia*, palavras encontradas nos escritos do apóstolo Paulo que envolvem os conceitos de admoestação, confronto, mas que não são determinadas como vocábulo em nossa língua. Adams, assim, descreve *nouthesia* como um “vocábulo rico de significação”, mas que não tem um equivalente exato quando se traduz para o português.

A palavra *nouthétesis* focaliza aquele que faz a confrontação e aquele que a sofre. A *nouthétese* pressupõe, especificamente, a necessidade de que se verifique mudança na pessoa confrontada, a qual pode opor ou não alguma resistência. Num ou noutro caso, há algum problema em sua vida, problema esse que requer solução. Por conseguinte, a confrontação *nouthética* sugere, necessariamente, antes de tudo, que há algo de errado com o indivíduo que precisa ser *noutheticamente* confrontado. A ideia de alguma coisa errada, algum pecado, alguma obstrução, algum problema, alguma dificuldade, alguma necessidade que precise ser reconhecida e tratada, é uma ideia fundamental. (ADAMS, 1999, p.58)

Jay Adams, subsequentemente, declara haver três elementos básicos dentro da prática do aconselhamento *nouthético*: 1- Efetuar mudança de conduta e de personalidade; 2- Confrontação verbal e relação interpessoal; 3- Motivação pelo amor, para o bem do “cliente” e para a glória de Deus. Para isso, o eixo central é a Bíblia. Os argumentos, os pressupostos e a própria prática e operacionalização do aconselhamento visam enquadrar o aconselhando aos princípios bíblicos. Segundo Hurding uma das afirmações de Adams é de que

A Bíblia é inequívoca quando enfatiza dois conselhos opostos, o “divino” e o “demoníaco”, e quando destaca qual a aflição humana, exceto a de origem demoníaca, é ou física ou pecaminosa (e às vezes ambas as coisas), permeiam os objetivos e as técnicas de seu aconselhamento *nouthético*. (HURDING, 1995, p. 320)

A Bíblia, assim, torna-se instrumento de confrontação, visando ao arrependimento que produz mudança e transformação diante de comportamentos envolvidos em pecado. O aconselhamento *nouthético* aplica-se intensamente e, sobretudo à discussão de “o quê”. Todo o

porquê que o “consultante” precisa saber pode ser claramente demonstrado pelo “o quê”; o que foi feito, qual atitude gerou a dificuldade e o que fazer para corrigir.

O autor do livro *Conselheiro Capaz* diz que os cristãos não têm de estar fazendo perguntas; eles já sabem por que a natureza humana decaída age pecaminosamente. Pressupõe-se já ser sabido o porquê, antes mesmo de se começar o aconselhamento, porque “a razão pela qual as pessoas se envolvem em problemas em suas relações com Deus e com o próximo está em sua natureza pecaminosa. Os seres humanos já nascem pecadores.” (ADAMS, 1999, p.61).

Outra característica do aconselhamento noutético é a estreita relação que é feita entre pecado, doença e proselitismo. Adams, neste sentido, sugere que certas doenças são hamartogênicas, isto é, podem ser compreendidas como consequências ou sintomas de comportamentos inadequados e pecaminosos. Ele afirma veementemente que o aconselhamento em si sempre tem o objetivo de evangelizar, já que o autor é categórico ao dizer que “o aconselhamento é redentor” e “o que Deus, em Cristo, fez pelo pecador condiciona o que o conselheiro faz”. Ainda, o autor ateste que “questões tais como lei e amor, responsabilidade e irresponsabilidade, relação e alienação, culpa e perdão, céu e inferno compõe o conteúdo do aconselhamento”. (Adams, 1999, p.78)

Quanto ao perfil do aconselhador e sua relação com o aconselhando, é importante mencionar a autoridade investida e legitimada pela Bíblia assumida pela figura do aconselhador. Jay Adams (1996, p.22) diz que “embora todo crente deva tornar-se um conselheiro para seus colegas cristãos, a obra do aconselhamento, como vocação especial, foi atribuída particularmente ao pastor”. Adams acredita que

O verdadeiro aconselhamento inclui a transmissão de informação. Aconselhar significa, entre outras coisas, dar conselhos. O Espírito Santo emprega conselheiros para endireitar coisas erradas pela aplicação da Palavra de Deus aos problemas humanos. [...] Como ele (conselheiro) é capaz de resolver biblicamente os seus próprios problemas, está qualificado para ajudar outros a fazê-lo. (ADAMS, 1999, p.72)

A postura na relação é de total aceitação e/ou obediência, por parte do aconselhando, sobretudo que o conselheiro possa indicar - de forma sempre diretiva - daquilo que precisa ser feito ou mudado. Em outras palavras, o aconselhando deve ouvir a absorver as soluções propostas pelo conselheiro. Adams ressalta em seu livro *Conselheiro Capaz* que, diante de seu modelo de aconselhamento proposto, só aceitará críticas e diálogos de terceiros caso contribuam de alguma forma para que seus métodos se tornem ainda mais noutéticos e bíblicos.

1.1.2 Gary Collins

O modelo evangelical⁴ considera a contribuição de outras ciências para o aconselhamento, principalmente da psicologia, mas sempre procurando legitimar ou conciliar tais recursos com a Bíblia, respectivamente, teologizando a psicologia ou psicologizando a Bíblia.

Gary Collins é um dos representantes neste tipo de abordagem. Em seu livro *Aconselhamento Cristão* ele considera o aconselhamento cristão⁵ como um aconselhamento no discipulado⁶. Todo ensino e prática do aconselhamento estão inseridos no ensino da Grande Comissão de Mt. 28. 18-20:

E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém. (Bíblia Sagrada)

Sendo assim, tanto doenças físicas como de ordem psicológicas, são em última análise, problemas espirituais. Para tal, o autor legitima o uso dos recursos psicológicos a partir dos princípios bíblicos.

⁴ Existem várias maneiras de se tentar uma definição do que vem a ser um evangelical. Assim define Robinson Cavalcanti o evangelicalismo: Preocupados com o equilíbrio, com a herança sadia da tradição conservadora, os evangélicos, grosso modo, desenvolveram as seguintes características: (1) Leitura reverente das Escrituras. Como Palavra de Deus escrita por homens. Uso criterioso das ferramentas científicas. Possibilidade de errância dos leitores e intérpretes; (2) Confessionalidade credal. Credos e Confissões como explicações úteis, parciais e suficientes da fé; (3) Soteriologia seletiva. Apenas alguns serão salvos. Divergências sobre o conceito de 'penas eternas'; (4) Cristologia. Trinitária com ênfase nas duas naturezas; (5) Evangelismo. Anúncio a toda criatura, com sensibilidade transcultural; (6) Missão da igreja. Anúncio, edificação, comunhão, serviço e denúncia profética; (7) Milagres. Crença tanto nos bíblicos quanto nos atuais, evitando-se o ceticismo, a ingenuidade e o curandeirismo; (8) Escatologia. Diversidade de posições, com tendência ao amilenismo pós-tribulacionista; (9) Ética. Individual e social. Diferença entre aberrações e imperfeições. Espaço para adiaphora (liberdade criativa), defesa da democracia, pluralismo quanto ao socioeconômico, diálogo criativo com o mundo, santidade ativa (fazer coisas). (CAVALCANTI. "Os protestantes e os evangélicos; liberalismo; neofundamentalismo e evangelicalismo". Ultimato, nov. 1993. p. 23 e 24)

⁵ Para Gary Collins considera os termos Aconselhamento Cristão e Aconselhamento Pastoral são sinônimos. Esta é uma área mais especializada do cuidado pastoral, que se dedica a ajudar indivíduos, famílias ou grupos a lidarem com as pressões e crises da vida. O aconselhamento pastoral emprega vários métodos de cura para ajudar as pessoas a enfrentarem seus problemas de uma forma coerente com os ensinamentos bíblicos. O objetivo final é que os aconselhados cheguem à cura, aprendam a lidar com situações semelhantes e experimentem crescimento espiritual.

⁶ Discipulado é uma palavra que faz parte de algumas correntes do protestantismo e significa "fazer discípulos" através de um convívio mais íntimo entre duas pessoas, um discipulador e um discípulo. A interação entre eles se dá por meio das relações pessoais, na qual o discipulador vai transmitir através da sua vida, do seu convívio íntimo com seu discípulo os princípios do cristianismo. O objetivo do discipulado é fazer com que o discípulo alcance, dentro de algum tempo e a partir desta relação interpessoal, um nível de maturidade cristã. No Brasil este movimento se deu de maneira mais intensa no início da década de oitenta. Na verdade, o movimento advogava o discipulado como método mais seguro e eficaz de evangelismo, contrapondo aos métodos de evangelismo de massa usados até então por grandes evangelistas.

Toma por certo que o Deus que fala através da Bíblia também revelou verdades acerca do seu universo por meio da ciência, inclusive a psicologia. Logo, leva-se a sério os métodos e as técnicas psicológicos, embora devam ser testados, não somente de modo científico e pragmático, mas primeiramente a luz da Palavra de Deus escrita. (COLLINS, 2005, p. 29)

Gary R. Collins é um psicólogo clínico licenciado com PhD da Universidade de Purdue. Ele detém nomeações como uma "*Distinguished*" Professor de Psicologia e Aconselhamento da Universidade Regent na Virgínia, e da Universidade de Pós-Graduação Richmond em Atlanta. Collins foi professor de psicologia na Trinity Evangelical Divinity School por vinte anos, é co-fundador da Associação Americana de Conselheiros Cristãos, fundador e primeiro editor da revista *Christian Counseling Today*, autor de cerca de 50 livros e editor geral de 40 títulos adicionais. Ele aceitou convites para ensinar, consultar e dar seminários sobre liderança e coaching em mais de 50 países. Dois de seus livros traduzidos para o português são muito conhecidos e divulgados em igrejas, seminários e interessados no tema do aconselhamento. O primeiro livro é "Ajudando uns aos outros", publicado no Brasil em 1982 e o segundo título "Aconselhamento Cristão" teve sua primeira edição brasileira em 1984 e sua edição atualizada em 2004.

A palavra que elucida o significado do método de Collins é "discipulado". Ele afirma que

o alvo principal de todo conselheiro que é discípulo de Jesus Cristo também é este: mostrar às pessoas como ter vida abundante e levá-las a encontrar o caminho da vida eterna prometida a todo aquele que crê. Se levarmos a sério a Grande Comissão, teremos um desejo ardente de ver todos os nossos aconselhando se tornarem discípulos de Jesus Cristo. Se levarmos a sério as palavras de Jesus, chegaremos à conclusão que só aqueles que procuram viver de acordo com os ensinamentos do Senhor podem ter uma vida realmente abundante. (COLLINS, 2004, p.44)

Uma das ferramentas de trabalho de Collins é a psicologia. Em seu trabalho, tanto as técnicas como a teoria é incrementada com pressupostos e princípios psicológicos de forma a propiciar e assumir a aproximação de teologia e psicologia como parte do seu método. E, embora Collins (2004, p.24) considere que toda verdade descoberta pela investigação científica "precisa sempre estar de acordo com a norma da verdade revelada na Bíblia, e com ela deve ser sempre conferida", não considera a Bíblia um "manual de aconselhamento" e nem "a única revelação de Deus sobre como ajudar pessoas".

O método dá um grande destaque sobre a competência, e o preparo do conselheiro e a inter-relação de aconselhando e aconselhador. Collins (2004, p.45) ressalta que as metas específicas do aconselhamento a serem alcançadas dependem diretamente dos problemas e

necessidades dos aconselhados. Entretanto, de forma geral, o autor estabelece que seis elementos sejam comuns em quase todos os casos:

1) *Autoconhecimento* (por parte do aconselhando) - Uma das metas do aconselhamento é levar o aconselhando a perceber com clareza o que acontece no seu interior e no mundo à sua volta, para isso, o terapeuta precisa usar toda a sua perspicácia e objetividade.

2) *Comunicação*- Atingir o tipo de comunicação que exija que a pessoa aprenda a se expressar com clareza e a interpretar corretamente as mensagens transmitidas pelos outros.

3) *Aprendizado e mudança de comportamento*- Consiste em ajudar o aconselhando a desaprender comportamentos nocivos, substituindo-os por outros através de imitação de um modelo (que pode ser o aconselhador) e da experiência de tentativa e erro.

4) *Auto realização*- nasce da exploração das características pessoais dos aconselhados de forma a atingirem e manterem o máximo de seu potencial, através do Espírito de Deus.

5) *Apoio*- Mesmo após terem alcançado os objetivos acima, às vezes, por um certo período de estresse seja necessário dar-se apoio, encorajamento e até ajuda para se “levar a carga” até que possam mobilizar seus próprios recursos emocionais e espirituais para enfrentar o problema.

6) *Integridade espiritual*- O conselheiro cristão tem um papel de líder espiritual que orienta o crescimento do aconselhando, ajuda-o a enfrentar conflitos de natureza espiritual e o torna capaz de descobrir crenças e valores significativos. Em vez de tentar estabelecer um diálogo com o aconselhando, o cristão se esforça para manter um “triálogo” que envolva a presença de Deus no centro do processo de aconselhamento realmente eficiente.

As metas, aqui citadas de forma resumida, segundo Collins, só podem ser alcançadas a partir do relacionamento entre conselheiro e aconselhando. Para tanto, ele entende que primordialmente esta relação de ajuda necessita de alguns critérios que denomina de técnicas de aconselhamento, são elas:

1) *Dar atenção*- O aconselhador precisa estar disposto a mostrar que em todo o processo está atento e envolvido, seja pela postura como, por exemplo, o contato visual ou pela disponibilidade de tempo no atendimento.

2) *Ouvir*- Deve ser uma habilidade desenvolvida por todo aconselhador. Collins (2004, p.49) diz ser preciso ouvir de forma que o aconselhando entenda que “estou realmente interessado e me importo com o que você está dizendo”. Ele também assegura que escutar não é algo passivo ou indiferente, mas exige uma participação ativa do aconselhador.

3) *Responder*- Gary Collins (2004) afirma que o aconselhador não ouve somente, mas conduz, comenta, pergunta, confronta, informa, interpreta e apoia. Entende que confrontação

não significa atacar nem condenar impiedosamente uma outra pessoa, mas consiste em apresentar ao aconselhando uma ideia que ele pode nunca ter tido, ou jamais teria sozinho. Quando menciona “informar” como uma das técnicas de interação, alerta para a necessidade de não confundir uma informação relevante que possa ajudar de maneira imediata o aconselhando com um conselho. Acredita que conselhos prontos e diretivos estimulam a dependência por parte do aconselhando durante a orientação.

4) *Ensinar*- “O conselheiro é um educador, que ensina através de instrução, exemplo e orientando o aconselhando à medida que este aprende a lidar com os problemas da vida, através da experimentação” (COLLINS, 2004, p.51). Collins entende que respostas imediatas diante de situações concretas e objetivas ajudam expressar e elaborar melhor as emoções e sentimentos negativos, antes que estes dominem as ações, tanto do aconselhando como do aconselhador. E é isso que entende como aspecto didático do aconselhamento.

5) *Filtrar*- O bom conselheiro saberá através de todas as técnicas descritas conseguir discernir o verdadeiro motivo ou problema diante de tudo que o aconselhando disser. Gary Collins (2004, p.51) diz que o trabalho do aconselhador “será mais frutífero se você aprender a ouvir com sensibilidade, sabendo que muitas coisas que ouvimos têm outro significado além do aparente”.

O autor de *Conselheiro Capaz* não entende o aconselhamento como um processo de passo a passo no sentido de uma mesma forma de condução ou de uma receita formulada para todas as pessoas e situações. Porém, entende que existem fases ou etapas que de maneira repetitiva ou progressiva acontecem. O autor as elenca desta forma: 1) Conexão; 2) Exploração; 3) Planejamento; 4) Desenvolvimento e 4) Encerramento. (COLLINS, 2004, p.52).

Interessante verificar que em seu livro *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento* Collins menciona as mesmas etapas deste processo, porém enfatiza a importância do caráter discipulador do aconselhamento. Collins (1996, p.19) destaca tal importância através de justificativas bíblicas em cada uma das cinco etapas, quais sejam:

1) Edificar um relacionamento entre ajudador e auxiliado (João 6.63; 16.7-13; I João 4.6);

2) Esclarecer os problemas, procurando elucidar as questões difíceis e estabelecer ou pontuar o que foi feito no passado para enfrentar o problema (Romanos 8.26);

3) Decidir quanto a um curso prático de ação. É possível que haja várias alternativas possíveis como resposta, a serem ensaiadas uma por uma (João 14.26; I Coríntios 2.13);

4) Ação estimulante que o ajudador e o auxiliado avaliam juntos. Quando alguma coisa não funciona faça alguma outra das alternativas cogitadas (João 16.13; Atos 10.29; 16.6);

5) Terminar o relacionamento de aconselhamento e encorajar o auxiliado a aplicar o que aprendeu, agora que começa a avançar sozinho e, possivelmente, autônomo (Romanos 8.14).

A igreja tem um lugar importante no método de Collins uma vez que ele também considera o aconselhamento comunitário e em grupo importante. O autor defende que

de todas as instituições da sociedade, a igreja é a que tem maior potencial como comunidade terapêutica. A igreja local pode diminuir ou eliminar a sensação de isolamento dos indivíduos ao atender à necessidade que todos nós temos de fazer parte de um todo. Além disso, pode dar apoio aos abatidos, curar os doentes e proporcionar orientação às pessoas que precisam tomar decisões difíceis ou que estão a caminho da maturidade. (COLLINS, 2004, p.22)

1.2 O modelo holístico de Howard Clinebell e o modelo de libertação e crescimento para uma poimênica de libertação

O modelo holístico⁷ de libertação e crescimento influenciou diretamente o modelo contextual de uma poimênica de libertação. Buscando contribuição em várias escolas psicológicas, o modelo holístico constrói um relacionamento diferenciado entre a Bíblia e as ciências. Para os modelos descritos, não existe a pretensão de legitimação dos recursos psicológicos pela hermenêutica bíblica.

1.2.1 Howard Clinebell

O modelo holístico de libertação e crescimento reconhece o ser humano a partir de uma antropologia bíblica em que é primariamente um ser relacional. Howard Clinebell, autor do livro *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento* atuou por mais de 50 anos na área de aconselhamento pastoral, como pastor e aconselhador da Igreja Metodista Unida nos EUA. Por muitos anos trabalhou como professor de aconselhamento pastoral na Escola de Teologia de Claremount, em Claremount, na Califórnia. Clinebell faleceu em abril de 2005. Em seu livro, com várias edições em português, afirma que “o equilíbrio da vida está na capacidade de se viver integralmente todas as dimensões

⁷ A palavra holístico foi criada a partir do termo holos, que em grego significa "todo" ou "inteiro". O holismo é um conceito criado por Jan Christian Smuts em 1926, que o descreveu como a "tendência da natureza de usar a evolução criativa para formar um "todo" que é maior do que a soma das suas partes". Esta noção remete para uma forma específica de contemplar o mundo e que pode ser aplicada em várias vertentes do conhecimento, como medicina, psicologia, física, administração, ecologia, etc.

interdependentes que estruturam o ser humano: mente avivada, corpo vitalizado, relacionamentos íntimos enriquecidos, relação harmônica com a natureza, relacionamentos significativos com instituições sociais e um relacionamento profundo com Deus”. Enfatiza-se a importância do relacionamento no atendimento ao dizer que

a psicoterapia pastoral utiliza o relacionamento como alicerce sobre o qual se baseiam os métodos de desvendamento [...] No cuidado e no aconselhamento de apoio o relacionamento em si é o instrumento básico de mudança. Manter um relacionamento de confiança e fomentador é o cerne do processo. (CLINEBELL, 2007, p.133)

Segundo Hurding (1995, p.353), Clinebell é comprometido com a ideia do crescimento psicológico e aberto a aprender com todas as ideias do movimento humanista e várias terapias que possam ser uma ponte entre o amadurecimento pessoal e a mudança social. Para ele,

Clinebell é um integracionista, procurando juntar recursos oriundos das “ciências psicossociais e da psicoterapia” e de “nossa herança teológica”. Ele também é bastante eclético, reportando-se às ideias personalistas e transcendentais de, por exemplo, Rogers, Maslow, May, Frankl e Assagioli, e às abordagens mais confrontadoras de Ellis e de Glasser. (HURDING, 1995, p. 354)

Seu método é denominado em seu trabalho de “aconselhamento de crescimento”, crescimento do aconselhando em todos os aspectos, de maneira holística, globalizante e integradora do indivíduo consigo mesmo, com Deus e com a sociedade. Clinebell acredita que o aconselhamento pode ajudar a salvar as áreas da vida que diante das dificuldades, culpa e falta de integridade naufragaram. Sendo assim ele afirma que

A poimênica e o aconselhamento pastoral podem ser instrumentos de cura e crescimento na medida em que nos ajudam a desenvolver o mais difícil de conseguir na época em que vivemos: relacionamentos profundos. (CLINEBELL, 1995, p.15)

Ainda, o autor entende que poimênica⁸ seja o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante o ciclo de vida.

Para tanto, Clinebell (1995) destaca como objetivo primeiro descrever um paradigma holístico, centrado em crescimento e libertação, integralidade e ética. Estes alvos se sobrepõem de forma pessoal, relacional e institucional. O autor defende a libertação pessoal e social como tema importante e assinala que a revelação bíblica pretende mostrar a

⁸ Poimênica deriva da palavra grega poimen (pastor) e que também é uma disciplina da teologia prática, voltada principalmente para o aconselhamento pastoral. De maneira ampla a poimênica é a dimensão do ministério da Igreja que se preocupa com o bem-estar dos indivíduos e comunidades. Ela pode incluir várias funções- tais como guiar, estimular o crescimento, sustentar, reconciliar e curar- em diversas maneiras e situações, inclusive aquelas do aconselhamento pastoral. SCHIPANI, Daniel. O caminho da sabedoria no aconselhamento Pastoral. Tradução: Paul Tornquist. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004 p.15.

necessidade de libertação de toda forma de opressão por parte da humanidade quando diz que a

Libertação é o motivo unificador do estilo de vida cristão. O Evangelho é experimentado como boa-nova sempre que liberta e capacita as pessoas para realizar o sonho e a intenção de Deus de que tenham vida em abundância. No contexto hebraico-cristão, a essência da libertação é a liberdade de tornar-se tudo aquilo que a gente tem a possibilidade de tornar-se. (CLINEBELL, 1995, p.27)

Desta forma, seu método também se destaca por criticar os modelos de aconselhamento que de alguma forma promovam ou demonstrem-se com tendências racistas, sexistas e economicamente injustas dentro da sociedade. Hurding (1995, p.356) considera que “Clinebell é conciliador quando nos insta a “transcender a tendência anglo-europeia, branca, masculina, de classe média” de nosso cuidado pastoral”.

Já a integralidade é entendida como consequência e/ou como parte e consequência do processo de crescimento e libertação do indivíduo. Para Clinebell, integralidade se equipara com o “ter vida abundante” que Jesus ofereceu (João 10.10) e com o conceito de inteiro, completo, são (sadio), que a palavra hebraica *shalom* (paz) tem, tanto no contexto individual como comunitário. Esta integralidade é entendida a partir de seis dimensões que se relacionam como aspectos interdependentes:

1) *Avivar sua mente*- Consiste no desenvolvimento de recursos próprios como criatividade, percepção, intelecto e arte;

2) *Revitalizar seu corpo*- Valorizar a integração corpo-mente-espírito, desfrutar de forma sadia e amorosa do próprio corpo.

3) *Renovar e enriquecer seus relacionamentos íntimos*- A vida abundante depende das relações significativas. Portanto, renovar, reparar e curar as relações é parte disso.

4) *Aprofundar sua relação com a natureza e a biosfera*- Ter consciência de si e se sentir parte da natureza aumentando o cuidado ecológico e ampliando o autoconhecimento.

5) *Crescer em relação às instituições significativas em sua vida*- Não pode haver crescimento, libertação e integralidade em uma sociedade com sistemas de injustiças causando violência, pobreza e exploração. Incentivar uma vida comunitária que tenha por objetivo a colaboração mútua para mudar tais situações pode gerar crescimento.

6) *Aprofundar e vitalizar seu relacionamento com Deus*- Esta é a dimensão que une as outras cinco. “A chave para a afloração humana é um relacionamento aberto, confiante, nutriente e cheio de alegria com o Espírito amoroso que é a fonte de toda a vida, toda a cura e todo o crescimento” (CLINEBELL, 1987, p.32).

O autor conceitua e valoriza a Bíblia quando faz sua leitura a partir de pressupostos teológicos que questionam a sociedade como estrutura injusta e pecadora e, também, quando a considera o arcabouço de sabedoria que orienta e informa o caminho da prática do aconselhamento.

Hurding (1995, p.362) considera a abordagem bíblica feita por Clinebell abrangente, pois ele parece evitar um estilo mais “prescritivo” de usar texto bíblico, mais observado entre os conselheiros “bíblicos” e, em vez disso, esboça algumas maneiras mais genéricas de aplicar as “*Escrituras*.” Clinebell também acredita que a Bíblia pode ser um meio de diagnóstico de patologias espirituais, inclusive causadas pelo próprio uso abusivo e indevido da leitura bíblica.

1.2.2 O Modelo Contextual de Poimênica de Libertação

O modelo contextual de uma poimênica de libertação representa a introdução do pensamento de Clinebell no contexto brasileiro. Priorizando o aspecto cultural que valoriza a espiritualidade como sendo mais importante que os recursos mediados pela racionalidade e a dimensão teológica de uma libertação sociopolítica do Evangelho. De maneira introdutória e por meio de vários artigos Richard Wangen, Lothar Carlos Hoch e Christoph Schneider-Harpprecht respectivamente formam três momentos deste pensamento.

1.2.2.1 Richard Wangen⁹

⁹ Foi professor e conselheiro de dezenas de estudantes de Teologia que passaram pela EST, hoje pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Sua atuação pastoral e acadêmica extrapolou os muros luteranos. Wangen foi coordenador do Serviço de Justiça e Não-Violência, mais tarde denominado de Serviço de Paz e Justiça (Serpaj), com sede em São Leopoldo. Atuou na Frente Pastoral de Saúde, na Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes Físicos e foi cura d'alma no Serviço de Interconfessional de Aconselhamento (Sica), em Porto Alegre. Implementou no Brasil o Projeto de Alternativas à Violência. Faleceu em 2006. Algumas de suas publicações: Saúde e doença como vozes do corpo humano e seu significado para a psicoterapia pastoral. *Estudos Teológicos*, 12/2, p.53-62, 1972; WANGEN, Richard H. Carlos Mesters: Por trás das Palavras (resenha). *Estudos Teológicos*, v. 15, n. 1, p. 39-41, 1975; WANGEN, Richard H. Questões que a religiosidade popular levanta para mim. *Estudos Teológicos*, 16/3, p. 33-36, 1976; WANGEN, Richard H. Auxílio Homilético sobre Mateus 23. 1-12. In: *Proclamar Libertação*, São Leopoldo: Sinodal, v. I p. 158-168, 1977; WANGEN, Richard H. Tolerância. In: *Anuário evangélico 1998*, São Leopoldo: Sinodal, p. 56-57, 1977; WANGEN, Richard H. O uso e abuso da Bíblia na poimênica. *Estudos Teológicos*, n. 19/2, p. 95-106, 1979; WANGEN, Richard H. Teologia cartesiana e espiritualidade libertadora. S. 1, s.d. (acervo da biblioteca EST sob a sigla TA 662-1/56) 16p. ; WANGEN, Richard H. A assistência pastoral no rito do sepultamento. In: *Proclamar Libertação suplemento 2- Ofícios*, São Leopoldo: Sinodal, p.83-90, 1988; WANGEN, Richard H. Martin Luther King – Profeta da Paz. In: *Anuário Evangélico 1988*, São Leopoldo: Sinodal, p.87-90, 1987; WANGEN, Richard H. Reflexões sobre espiritualidade na comunidade. *Estudos Teológicos*, 30/2, p. 94-103, 1990; WANGEN, Richard H. A fé que atua pelo amor (Gl. 5.6). *Estudos Teológicos*, v. 31, n. 2, p.124-133, 1991; WANGEN, Richard H. Lancem fora o medo: coragem civil. In: *Anuário Evangélico 1997*, São Leopoldo: Sinodal, p. 75-76, 1996.

Richard Wangen, falecido em 2006, era Professor, Mestre, e pastor luterano norte-americano. Em 1971 assumiu a disciplina de Clínica Pastoral e Teologia Prática na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, onde permaneceu até a sua aposentadoria, em 1991. Wangen é o primeiro no Brasil a aproximar o aconselhamento de uma visão mais holística, destacando a experiência subjetiva como sendo tão importante quanto a lógica.

Wangen faz isso a partir de um alicerce teológico americano. Foi ele quem trouxe os primeiros *insights* de Clinebell, nos inícios da década de setenta. O referido professor valoriza os ritos e a Bíblia como recurso espiritual, mas critica seu uso de maneira dominadora e opressora, e leva a sério o contexto latino americano e as situações de opressão sofridas pelo seu povo.

Bootz (2003) ressalta dois pontos principais da teologia de Clinebell assumidas na prática e pensamento de Wangen. O primeiro ponto diz respeito a importância do aspecto da subjetividade e da “experiência” diante da prevalência da racionalidade. O segundo ponto é o aspecto sociopolítico do Evangelho aprofundado a partir da quinta dimensão do modelo de aconselhamento de Clinebell (*crescer em relação às instituições significativas em sua vida*). Neste sentido, Wangen defende o trabalho exegético da Bíblia de forma contextualizada, levando-se em conta a situações de opressão e exclusão do povo latino-americano.

1.2.2.2 Lothar Carlos Hoch

Pastor Luterano, Lothar Carlos Hoch trabalhou na EST desde a conclusão de seu doutorado na então Faculdade de Teologia (São Leopoldo), em 1980. Desde lá até hoje, com interrupção de alguns anos (de agosto de 1992 a julho de 1996) quando trabalhou como assessor teológico para a América Latina no Centro de Missão da Igreja do Norte do Elba, em Hamburgo, ele tem atuado como professor de Teologia na Escola Superior de Teologia.

Hoch segue a mesma linha de pensamento de Wangen¹⁰, mas procura fundamentar-se na Teologia da Libertação. Para ele, ampliando-se os horizontes e integrando-se as perspectivas socioeconômicas e políticas a comunidade terapêutica auxiliaria tanto nos momentos reconhecidos como religiosos quanto em processos injustos geradores de sofrimento.

¹⁰ Os textos de Wangen são considerados uma primeira onda, durante as décadas de setenta e oitenta; os textos de Hoch seriam uma segunda onda, décadas de oitenta e noventa.

Para Hoch (1991) o sofrimento não é um fenômeno isolado. Ele se dá estruturalmente e pensar essa libertação também é prática do aconselhamento. Bootz (2003, p.45) nos lembra de que para Lothar Hoch se o “sofrimento é estrutural, a exemplo da pobreza, então é preciso tomar consciência das estruturas que o ocasionam e ser profético.” Por isso, Hoch busca entender a razão da pobreza latino-americana na economia global. Hoch (1998, p.106) intui que a “relação entre teoria e prática desenvolvida pela Teologia da Libertação oferece um fundamento teórico sólido sobre o qual a Teologia Prática poderia edificar a sua própria teoria como disciplina teológica”. Neste sentido, ele avalia que este trabalho ainda está por ser feito.

Outras características importantes desta abordagem são a valorização da interdisciplinaridade entre a teologia e a psicologia e o fato da espiritualidade estar vinculada ao aspecto social e psicológico. Isso tudo tendo como eixo principal de libertação a *comunidade*. Sendo assim, para haver uma comunidade terapêutica se faz necessário preparar pessoas.

Preparar pessoas para o exercício da poimênica significa, entre outras coisas, ajudá-las na sua busca por uma estrutura espiritual e psíquica que as habilite a se colocarem ao lado daquele que sofre sem sucumbir com ele. [...] existe uma estreita ligação entre a estrutura de fé e a estrutura psíquica de uma pessoa. Quem negar isto estará dividindo a pessoa humana. Quem, porém, defender a unidade do ser humano, concordará que tanto a espiritualidade como a personalidade de uma pessoa são instrumentos a serviço da poimênica. (HOCH, 1980, p.97)

O sacramento da Santa Ceia, a mística, o rito e seus símbolos, a oração, os recursos terapêuticos da comunidade, a natureza, práticas como a bênção de imposição de mãos e unção com óleo e a Bíblia são mencionados como recursos espirituais, mas pouco aprofundados.

1.2.2.3 Christoph Schneider-Harpprecht

Schneider-Harpprecht é Doutor em teologia e pastor da Igreja evangélica da Alemanha. Residiu no Brasil entre 1991 a 1998, período no qual ocupou a cadeira de teologia prática da EST, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Também tem formação em psicodrama, psicoterapia, sociometria e terapia de famílias com pós-graduação em psicanálise pela Unisinos (São Leopoldo). Atualmente leciona em Freiburg, Alemanha.

Schneider-Harpprecht segue a mesma escola dos autores anteriores e se serve de uma gama de conhecimento de várias áreas: psicologia, sociologia, pedagogia, antropologia e

teologia. O autor caracteriza sua abordagem no fato de acreditar que o ser humano está integralmente inserido em vários sistemas (família, trabalho, religião, lazer, etc.) e que para manter o equilíbrio de todos estes sistemas levando em conta a multiculturalidade é preciso que o aconselhamento pastoral seja culturalmente sensível e sistêmico.

O autor produziu, especialmente na década de 1990, um número considerável de obras concernentes à Teologia Prática e ao aconselhamento pastoral. Também bastante influenciado por Howard Clinebell, seu trabalho se debruçou na terceira dimensão da integralidade: renovar, reparar e curar as relações. O desdobramento deste pensamento levou C. Schneider-Harpprecht a dedicar-se ao tema da família, por acreditar que o grupo familiar é o espaço mais íntimo, onde seus membros podem reencontrar o equilíbrio necessário. Para ele como

família é um sistema aberto em constante transformação, ela recebe e envia influências para o âmbito extrafamiliar e também se ajusta às exigências nas diferentes fases pelas quais passa. Por isso, muitas vezes é difícil distinguir uma família normal de uma família anormal pela ausência de problemas, pois todas passam por situações de estresse. Tendo isso em mente, o terapeuta pode compreender o sistema familiar operando pelo seguinte esquema: a) a estrutura familiar é um sistema sociocultural em transformação; b) a família passa por um desenvolvimento, atravessando certo número de estágios que requerem reestruturação; c) a família se adapta a circunstâncias modificadas de maneira a manter a continuidade e a intensificar o crescimento psicossocial de cada membro. (SCHNEIDER-HARPPRECHT; STRECK, 1994, p.186)

Neste capítulo propusemos uma apresentação dos principais autores que influenciaram o aconselhamento pastoral no Brasil e representam os quatro modelos de aconselhamento existentes com suas variações de abordagens. Nesta parte final do capítulo, retomaremos criticamente alguns pontos que serão fundamentais para o desenvolvimento dessa dissertação.

2 Análise crítica dos modelos de aconselhamento

Em síntese retomaremos segundo o entendimento de cada autor a definição do que seja Aconselhamento Pastoral:

Para Jay Adams aconselhar é dar conselhos. O aconselhamento é chamado noutético, advoga que o homem, ao invés de desculpar-se ou atribuir culpa aos outros, assuma responsabilidade e a culpa, que se declare réu convicto, que confesse, e procure o perdão em Cristo.

Gary Collins, por sua vez, diz que o aconselhamento é, primariamente, uma relação em que uma pessoa, o ajudador, busca assistir outro ser humano nos problemas da vida. O

Aconselhamento cristão deve fundamentar-se sobre a Bíblia como sendo a Palavra de Deus, e deve estar em conformidade com a Grande Comissão, na qual Jesus ordenou a seus seguidores que fizessem discípulos de todas as nações.

Já Howard Clinebell se baseia em dois conceitos para desenvolver seu trabalho, o primeiro é chamado poimênica. Poimênica é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida. O segundo conceito é o entendimento de que aconselhamento pastoral constitui uma dimensão da poimênica. É a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma condizente ao crescimento e, assim, experimentar a cura.

Richard H. Wangen afirma que poimênica é a práxis do evangelho, mas não é somente uma ação minha para com o outro, mas igualmente uma resposta minha ao apelo do outro. Portanto, é muito importante lembrar que eu preciso compreender e respeitar as preocupações e motivações que moveram o outro a me procurar para pedir auxílio.

Lothar Carlos Hoch considera a poimênica como a intervenção pastoral e comunitária em amor fraternal que visa restaurar na vida em todas as suas dimensões ali onde ela se encontra ameaçada, através de uma ação libertadora que busca restabelecer um relacionamento sadio da pessoa consigo mesma, com a sociedade e com Deus.

Para Christoph Schneider-Harpprecht, aconselhamento é descobrir com as pessoas em diferentes situações de sua vida, especialmente em conflitos e crises, o significado concreto da liberdade cristã dos pecadores, cujo direito de viver e auto aceitação vem da graça de Deus. O seu objetivo é também ajuda-las para que possam viver a relação com Deus, consigo mesmas e o com o próximo de uma maneira consciente, madura e adulta. Isto inclui a capacitação de pessoas para assumirem a sua responsabilidade como cidadãos que se engajam em favor de uma melhora das condições de vida do seu povo numa sociedade livre, democrática e justa.

Examinando os diferentes enfoques propostos, percebemos, de uma maneira ou de outra, vários aspectos que convergem ou divergem entre si. Um dos aspectos convergentes a ser destacado que interessam à pesquisa é o uso da Bíblia no Aconselhamento Pastoral. Dentre os modelos de aconselhamento expostos o único que diverge em pensamento e rejeita totalmente qualquer ajuda ou diretriz que não seja exclusivamente a Bíblia é o de Jay Adams.

Mesmo sendo de suma importância, não é recomendável que a Bíblia seja vista como manual único e autossuficiente de aconselhamento pastoral. Hurdin em tom de alerta diz que

precisamos afastar-nos dos perigosos bancos de areia da bibliolatria (exaltar as *Escrituras* à posição de seu autor) e do literalismo bíblico (ligar o

pensamento ao sentido literal do texto, sem levar em conta qualquer consideração de forma literária, a situação geográfica e a situação histórica), sem negar que as palavras da Bíblia, como originalmente as recebemos, são sopradas por Deus e por tanto, fidedignas. (HURDING, 1995, p. 349)

Isto posto, cabe ressaltar que o entrave não se dá quando do uso da Bíblia para o Aconselhamento em si, mas da forma com que se utiliza e se interpreta de forma descontextualizada os textos bíblicos na tentativa de corroborar com o cuidado pastoral.

Gary Collins (1996) critica o uso fundamentalista da Bíblia como um prejuízo para o aconselhamento pastoral e afirma que não entende que Deus revela todas as verdades acerca do homem ou acerca do seu universo somente dentro das páginas da Bíblia.

Clinebell não só desaprova a hermenêutica fundamentalista de Adams como também a forma com que ele a usa durante o aconselhamento. Clinebell (1987, p.157) conclui que o pensamento de Adams, orientado unicamente pela confrontação bíblica, “tendeu a fomentar um aumento de moralismo julgador, especialmente em círculos religiosos conservadores”. Em outras palavras, o autor considera que este tipo de confrontação propicia o julgamento pessoal das situações colocadas. Por isso, ele considera a confrontação usada desta forma como exemplo de mau uso da Bíblia. Em contrapartida Hurding também pondera que a

contribuição de Adams ao aconselhamento é de imensa importância em sua insistente busca por ser bíblico, em seu desafio à secularização da psicologia, em sua confrontação do pecado e em sua ajuda prática na formação de novos padrões de vida no poder do Espírito e para a glória de Deus. (HURDING, 1995, p.331)

Se em um enfoque a Bíblia é referência única, em outros ela é critério, medida e padrão no qual tudo deve ser medido, mesmo que não seja a única referência válida. Soares comenta que se

Adams utiliza a Bíblia de maneira indiscriminada e literalista, baseando sempre na sua hermenêutica fundamentalista, e Collins transforma a Bíblia num grande manual de socorro para as pessoas em crises especiais, Clinebell é acusado de excluir a Bíblia do seu método. (SOARES, 1999, p.111)

Embora já tenhamos citado acima, Howard Clinebell conceitua e valoriza a Bíblia, fazendo sua leitura a partir de pressupostos teológicos que questionam a sociedade como estrutura injusta e pecadora, e também a considera arcabouço de sabedoria que orienta e informa o caminho da prática do aconselhamento. Soares (1999) argumenta que Clinebell não prioriza a Bíblia, quando fundamenta seu método intensamente influenciado pela psicologia, com os princípios bíblicos, haja vista uma de suas técnicas serem nomeadas “Psicoterapia Pastoral”. Ainda, o autor faz uma ressalva muito interessante quando avalia os propósitos da “psicoterapia pastoral” de Clinebell em seu trabalho ao declarar:

Temos a impressão de que os campos de atuação do conselheiro pastoral e do psicoterapeuta foram confundidos ou, na melhor das hipóteses, misturados. Um pastor que tenha formação em psicologia pode perfeitamente atuar em “psicoterapia pastoral”. Porém, é muito questionável a condição de um pastor sem qualquer formação em psicologia no desempenho do papel de psicoterapeuta pastoral. Um pastor com dupla formação, psicologia e teologia, pode contribuir de acordo com a proposta de Clinebell, mas aqueles que não se enquadrem nesse perfil podem representar uma ameaça ou um risco para a saúde do aconselhando. (SOARES, 1999, p.119)

Entre os denominados modelos bíblicos, seja por conta da imposição sem questionamentos de dogmas e interpretações fundamentalistas da Bíblia ou pelo entendimento de que esta imposição possa ser um “compêndio” com todas as respostas necessárias, assim como um manual, esses métodos apresentam descontextualização de forma generalizada visto que tendem a não questionar os sistemas sociais, políticos e econômicos, assim como outras possíveis e condições que gerem sofrimento e dificuldade nas vidas das pessoas. Por sua vez, questionar o mundo conforme ele se apresenta seria questionar Deus, contrariando sua soberania e perfeição. Sendo assim, todo desajuste e sofrimento seriam consequências do pecado, cabendo aos pecadores à responsabilidade do arrependimento e mudança de conduta. Tratando-se de uma adequação de comportamento por conversão ou por discipulado, tais métodos parecem apresentar características de proselitismo religioso.

Mesmo quando o modelo de Clinebell reconhece o aconselhamento pastoral de maneira holística e integrada a vida, com a Bíblia e a ciência levando em consideração o contexto social e comunitário, lacunas surgem. Isto porque ao mesmo tempo em que se defende o aconselhamento como um trabalho que pode ser feito por pastoras/res e leigos/as, em um discurso que condena a exclusão e a opressão, acaba-se por excluí-los/as quando para uma prática competente o método sugere qualificação acadêmica e/ou técnica em áreas específicas (como a psicologia) por parte do/a aconselhador/a. Clinebell argumenta que

em muitas áreas não metropolitanas, clérigos com treinamento mesmo limitado em aconselhamento estão mais treinados do que qualquer outra pessoa em suas comunidades. Nessas áreas em termos de terapia, a pastora que tenha habilidades de aconselhamento pastoral mais profundo poderá ser o único recurso disponível para aquelas pessoas desesperadamente necessitadas de tal ajuda. (CLINEBELL, 1987, p.365)

Não dizemos aqui que sejam desnecessários tanto o aprimoramento como a formação acadêmica do/a aconselhador/a, mas que um método que leva em consideração a “experiência” de vida e mística dos/as aconselhados/as também deveria considerar as “experiências” místicas e de vida do/a aconselhador/a como ponto de partida para a prática do aconselhamento.

A abordagem de Clinebell, neste sentido, aparenta ser exageradamente otimista acerca da natureza humana e sua capacidade de crescimento contínuo, fazendo disto uma quase obrigatoriedade ou sinônimo de “sucesso” no aconselhamento pastoral.

Outros aspectos importantes em nossa reflexão são o relacionamento entre aconselhado/a e aconselhando/a e o que chamaremos de “processo pedagógico” durante o aconselhamento, respectivamente, a interação do conhecimento partilhado e a forma de apreensão de tal conhecimento. Tais aspectos são desdobramentos não só da característica própria de cada abordagem do aconselhamento como também do uso e hermenêutica bíblica empregada em cada abordagem.

É comum nos modelos de Adams, Collins e Clinebell a ressalva que se faz quanto as características principais de um/a aconselhador/a. A necessidade de empatia, confiança, capacitação, comprometimento e autoridade espiritual reconhecida entre outros são igualmente priorizados, ainda que cada um à sua maneira.

Nos modelos denominados bíblicos verificamos que tanto o dar conselhos (Jay Adams) como o fazer discípulos no aconselhamento (Gary Collins), exigem afastamento da relação compartilhada entre aconselhador/a e aconselhando/a, promovendo relações de poder unilaterais. Para que o método se efetive o/a aconselhando/a deve se submeter as diretrizes e orientações sem questionamentos. O processo pedagógico é o de mera transmissão de informação em forma de conselhos e fórmulas prontas.

Clinebell baseia sua abordagem nos princípios de relação e Inter-relação, o que muito contribuiu para que o relacionamento entre aconselhador/a e aconselhando/a respeite e/ou leve em consideração os aspectos sociais, econômicos, culturais e de gênero. Tal compreensão excedeu em muito o pensamento da época e inclinou o aconselhamento para um processo pedagógico diferenciado e que incluísse uma transversalidade do pensamento e vivência seja do aconselhando/a ou do aconselhador/a.

No entanto, embora seus *insights* sejam reconhecidamente importantes, seu método foi escrito para a realidade norte americana e, como já mencionamos, não aborda o contexto brasileiro organizacional de igrejas, econômico, social, ético, os conflitos de exclusões étnicas e de cultura plural, como base para sua teologia que fundamenta o aconselhamento pastoral. Desta forma, não inclui a dimensão da pluralidade cultural religiosa popular com suas benzeduras e rituais como terapia e cuidado. O processo de libertação e crescimento aparenta uma pedagogia que exige respostas otimistas e crescentes do/a aconselhando/a sugerindo uma solução ou superação de situações vividas.

É diante destas contribuições e dificuldades que o modelo contextual de uma poimênica de libertação surge no Brasil com a proposta de repensar o aconselhamento questionando e apontando caminhos que permitam um aconselhamento pastoral que atenda a nossa realidade de latino-americanos/as e brasileiro/as.

Richard Wangen, Lothar Carlos Hoch e Christoph Schneider-Harppretch, contribuem repensando o aconselhamento pastoral de forma que a Bíblia e a espiritualidade voltem a ser o cerne do aconselhamento sem negar o auxílio e a interdisciplinaridade com outras ciências. Hoch ao dialogar com a Teologia da Libertação busca contextualizar o aconselhamento levando em conta as lutas por libertação socioeconômica, entre classes, de opressões de étnicas, gênero, religiosa e tantas outras impostas pela cultura dominante ocidental. Schneider-Harppretch também dedica boa parte de sua obra na discussão das consequências do processo de inculturação sofrido também pelas as igrejas na América Latina e Brasil e afirma que

Se o aconselhamento pastoral é uma forma específica de discurso humano no contexto da Igreja inserida numa determinada sociedade, cultura e tradição, ele está sujeito às regras desse discurso. Por isso a teoria e a prática do aconselhamento pastoral devem levar em consideração os aspectos psicológicos, sociais e culturais do seu discurso e entrar num diálogo crítico com as disciplinas que desenvolvem estas perspectivas. (SCHNEIDER-HARPPRETCH, 1998, p.293)

Assim, teoria e prática são aspectos avaliados de maneira crítica e de suma importância que não tiveram continuidade significativa ou desenvolvimento de uma metodologia própria por parte destes autores, mas que nos inspiram a partir de suas tendências, dificuldades, e encaminhamentos a apresentar no próximo capítulo questões como uma hermenêutica bíblica e linguagem e relacionamento no aconselhamento em uma pedagogia que proporcione libertação no contexto brasileiro.

Capítulo 2

A CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA NA PERSPECTIVA DE CARLOS MESTERS PARA O ACONSELHAMENTO PASTORAL

1 A importância da Bíblia para o mundo evangélico brasileiro

No capítulo anterior verificamos aspectos comuns e importantes que caracterizam o aconselhamento pastoral e que, de formas diferentes, estão presentes em todos os modelos e abordagens. Um aspecto importante são todos os processos de cuidado e orientação entre pessoas, tanto nas situações de esperança como nas de dificuldade que caracterizam o aconselhamento pastoral, independentemente do modelo descrito. Outro aspecto diz respeito ao uso da Bíblia no decorrer destes processos. Em algumas abordagens e modelos estudados no aconselhamento pastoral, a Bíblia é usada em diálogo com as ciências humanas e em outros momentos de maneira mais fundamentalista e descontextualizada da vida das pessoas envolvidas. Neste capítulo ressaltaremos a importância da Bíblia para o mundo evangélico brasileiro e como seu uso pode e deve ser priorizado no aconselhamento. Em seguida apresentaremos o método de Carlos Mesters um pouco da sua história e da elaboração do método de Leitura Popular da Bíblia. Em seguida oferecemos uma reflexão de como a LPB pode contribuir para o aconselhamento pastoral como ferramenta metodológica de orientação nos relacionamentos apresentando uma hermenêutica bíblica em um processo que é pedagógico.

Véronique Lecaros observa um interessante paradoxo presente no campo religioso da cidade de Lima, no Peru e que também existe no restante da América Latina, inclusive no Brasil:

o êxito de uma “religião do livro” em um ambiente no qual predomina a cultura oral. Os evangélicos fiéis à tradição protestante da Sola Scriptura atribuem um papel central à Bíblia. Conseguem que populações analfabetas funcionais a assimilem por meio de uma leitura fundamentalista que recortam texto em excertos, aplicando-os às situações cotidianas. Assim, o Deus “Emanuel” acompanha sempre o crente e participa de sua vida. Embora não haja um entendimento profundo do texto e muitas estruturas do catolicismo popular perdurem, o acesso à Bíblia representa uma possibilidade de promoção e reconhecimento social. (LECAROS, 2012, p.203; tradução nossa).¹¹

Reiterando este pensamento, Wangen (1979) ao discordar de Bonhoeffer quando disse que o tempo do homem religioso passou, afirma que, no Brasil, devemos encarar o contexto religioso com bastante seriedade. Primeiramente porque a influência de objetos simbólicos para a maioria dos brasileiros ainda é muito expressiva e segundo porque ainda são muito significativos o valor e a preocupação existentes entre os evangélicos pela Bíblia, como “Palavra” falada. Desta forma, a simples presença visível de uma Bíblia de capa preta suscita certa atitude numinosa, de reverência transcendente. Da mesma forma, recitar e decorar versículos bíblicos como forma de exortação ou ajuda poimênica se faz uma prática comum. Assim, as pessoas esperam que a Palavra de Deus, manifesta nas Sagradas Escrituras, revele orientações em suas decisões diárias. Tal expectativa inclui tanto a dimensão individual como a comunitária.

Ao considerarmos a importância da Bíblia para o ambiente evangélico brasileiro, constatamos o quanto o seu uso no aconselhamento pastoral está condicionado ao conceito de poimênica. Sendo assim, uma vez que o uso da Bíblia está condicionado a este conceito, convém conceituá-la aqui como uma forma de práxis nos processos de cuidado e orientação, na qual se busca diálogo entre duas pessoas ou dentro de um grupo. Neste entendimento, a poimênica não é somente uma ação minha para com o outro, mas igualmente, uma resposta minha ao apelo do outro.

Antes de determinar uma resposta ou o “como” usar a Bíblia, ouvir é um pressuposto do aconselhamento pastoral. Mas o ouvir o outro implica na necessidade de outra sintonização,

¹¹ el éxito de una “religión del libro”, en un entorno donde predomina la cultura oral. Los evangélicos fieles a la tradición protestante del Sola Scriptura atribuyen un papel central a la Biblia. Logran que poblaciones analfabetas funcionales la asimilen a través de una lectura fundamentalista que recorta el texto en pedazos aplicándolo a situaciones cotidianas. Así, el Dios “Emanuel” acompaña siempre al creyente y participa de su vida. Aunque no haya comprensión profunda del texto y que muchas estructuras del catolicismo popular perduren, el acceso a la Biblia representa una posibilidad de promoción y de reconocimiento social.

pois é fato de que quando uma pessoa se aproxima do/a pastor/a ou da liderança, ela geralmente espera uma resposta diferente do que a que receberia de outro tipo de ajudante psicólogo, médico, assistente social, etc. Wangen (1979) neste sentido, diz ser muito importante valorizar e respeitar as preocupações que moveram o outro à procura de auxílio, pois

seria possível violar a pessoa do outro, se eu não considerasse o fato de que ele veio para mim e não para um psiquiatra, para um psicólogo ou para um médico. Veio para mim como um ministro da palavra divina. E ainda o seguinte, apesar de eu poder prestar a ele muitos tipos de ajuda, talvez esta ajuda venha a prejudicá-lo mais do que outra coisa, se eu desprezar a sua necessidade, a sua preocupação, movida pela fé ou pela falta dela. (WANGEN, 1979, p.98)

Sendo assim, o “como” usar a Bíblia nos processos de cuidado e auxílio no aconselhamento deveria estar diretamente relacionado ao saber discernir a necessidade do outro. Para tanto, é necessário enxergar o outro como verdadeiro outro.

Não se nega as contribuições até aqui desenvolvidas, pelos modelos e abordagens do aconselhamento pastoral no Brasil, que foram de certa forma adaptados à nossa realidade. Entretanto, convém lembrarmos que, para compreender e discernir o outro na tarefa do cuidado pastoral, além de compreender e discernir qual leitura de mundo foi feita ou assimilada pelo cristianismo em suas várias fases durante a história, e as influências dos conceitos adquiridos na prática do aconselhamento pastoral (neste caso, oriundas dos Estados Unidos e Europa por parte das igrejas evangélicas na América Latina e, em especial, no Brasil), é mais importante compreendermos aqui qual a concepção de cristianismo e a compreensão da Bíblia por parte da pessoa que busca o AP.

Isto é, para ajudar, é preciso compreender a noção de cristianismo e do mundo que a pessoa traz e para isso é preciso ter em vista as diversas formas de cristianismo – com sua antropologia, teologia e noção de bíblia – que tivemos na história e que marcam a vida dessas pessoas.

Para tanto, é necessário o entendimento de que a questão que surge é de princípio antropológico, filosófico de ser e de alteridade ao reconhecer o outro como ser igual a si, porém diferente e completo. Em outras palavras, reconhecer o outro por meio de suas vivências, percepções e experiências. É imprescindível, de maneira crítica, compreender a ideologia dominante e o espírito que a regula, impondo valores e individualizando as relações, justificando as opressões e os domínios.

Com a globalização, a questão das minorias culturais (de imigrações africanas, asiáticas, hispânicas e indígenas empobrecidas e em situação de risco) desencadearam choques e

dilemas para uma teoria construída a partir de um pensamento branco de classe média desenvolvido em contexto norte americano. Ter que considerar o preconceito, a opressão, os pressupostos patriarcalistas e machistas e o empobrecimento também fizeram repensar a necessidade não só de procedimentos e acompanhamentos terapêuticos em longo prazo, mas também de intervenções de caráter emergencial e contextualizado.

Embora no Brasil a convivência cultural entre várias etnias seja de certa forma bem aceita, ela não é um movimento imigratório recente, mas sim uma herança resultante da colonização e do processo de escravidão. O que permite entender que

O conflito entre a cultura dominante dos donos e a cultura oprimida dos escravos e empregados produziu ao longo da história do Brasil uma identidade cultural fragmentada e dicotomizada: a herança do sonho fracassado dos colonizadores que vieram para explorar o paraíso e satisfazer os seus desejos, mas no seu coração continuavam sendo cidadãos da Europa”, a herança dos oprimidos, dos índios cuja cultura foi e continua sendo destruída, a herança dos africanos que foram individual e socialmente despedaçados pela exploração nos engenhos e nas minas, a herança dos imigrantes europeus que, na sua maioria pobres, fugiram da fome para enfrentar a vida sofrida de colonizadores pioneiros que foram marginalizados pela sociedade e, por sua vez, marginalizaram os povos indígenas. (SOUZA. apud DUSSEL, 1985, p.119)

Sendo assim, todas as vezes que durante um processo de inculturação e de face a face com o outro não ocorre um encontro de pessoa para pessoa, mas sim de dominação e opressão, reduzindo o outro a coisa ou meio de reafirmação de um sistema estrutural (político, socioeconômico ou religioso), nega-se a dignidade do humano.

Em outras palavras, faz parte do encontro com o diferente o estranhamento, de várias formas e em vários graus fica latente a consciência dos limites, a dificuldade de comunicação, o desalojamento dos indivíduos de sua zona de conforto psíquico, emocional e existencial. Entretanto, quando essa percepção de captação do diferente vem envolvida de pressupostos de superioridade e/ou preconceitos, é quase certo que em defesa de uma identidade e subjetividade subjuga-se outros saberes, ou seja, tudo aquilo que seja identificado como obscuro irracional ou oculto.

Quando levamos esse entendimento para o campo do aconselhamento pastoral, verifica-se que não se trata somente de uma teorização que nasce, fundamentalmente, sobre as bases da relacionalidade, do pensar sobre o encontro com o outro, com a diferença e o estranhamento. Constatamos também ser necessário desenvolver a habilidade de exercitar a escuta, a empatia durante a construção deste relacionamento, levando-se em conta os pressupostos teológicos, ideológicos, culturais, socioeconômicos, políticos, psíquicos, emocionais e tantos outros, tanto de si (aconselhador/a) quanto do outro (aconselhando/a).

No ambiente cristão em geral, mas em particular no evangélico, a aprendizagem desse exercício da escuta e do diálogo pode se beneficiar muito com a hermenêutica bíblica desenvolvida em e para comunidades cristãs populares. É um exercício experimentado e baseado em uma hermenêutica bíblica que sugere possibilidades de construção e transformação do pessoal e do coletivo através de interações humanas que se nos instauram relacionamentos, nas interações e na interpatia¹² construída em liberdade e em dignidade.

Desta forma, o serviço, especificamente a poimênica “não é práxis de dominação nem tão pouco de necessidade, e sim práxis de “gratuidade”, que é quando faço algo por Outro como Outro, não porque preciso dele [...]. Quando faço algo pelo Outro como Outro, isso é práxis de libertação”. (DUSSEL, 1985)

Schneider- Harpprecht (1998) lembra o desafio de um aconselhamento baseado em uma hermenêutica bíblica contextualizada que escuta nos relacionamentos e na vida de maneira integral. Tal aconselhamento, a partir da mesma interrogação de Leonardo Boff, questiona como fazer isso sem que se repitam neste processo à dominação e a destruição da cultura e da religiosidade das pessoas por meio da pergunta: “Como podemos desafiar as pessoas em seu mundo cultural com a Boa Nova sem a atitude colonialista que negava o valor da cultura popular [...] e sem impor um modelo cultural?” (BOFF apud SCHNEIDER, 1998, pg. 81).

Mais que não impor um modelo cultural, precisamos perguntar como superar à “cosmovisão hegemônica que conforma uma determinada lógica e modo de conceber a vida que se impõe e traduz aos moldes imperialistas”, de opressão, sacrificialista e materialista. (MÍGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p.16). Na América Latina existe uma hermenêutica bíblica que, em diálogo com as ciências humanas, pode proporcionar, independentemente do modelo de aconselhamento adotado, um discernimento sábio, de proximidade com a vida e de bom senso nas tomadas de decisão através de um relacionamento que escuta.

A Leitura Popular da Bíblia (LPB) pode nos orientar enquanto metodologia. Entendemos aqui o termo metodologia, não apenas como procedimento ou técnica, mas também como princípios que guiam esse fazer hermenêutico. Os princípios que caracterizam uma determinada metodologia se originam de um tipo de visão de mundo, do ser humano e dos processos de aprendizagem envolvidos nele. Consideraremos a metodologia uma possível maneira de conduzir o processo do aconselhamento pastoral no que tange a interpretação,

¹² SCHNEIDER-HARPPRECHT, em Aconselhamento Pastoral e diversidade cultural, p.88, diz que interpatia vai além de empatia, pois não se refere apenas ao sentimento do outro, mas exige assumir temporariamente os pressupostos básicos do outro e sentir com ele a partir dos mesmos. Quem não consegue cumprir essas bases torna-se um aconselhador fechado e opressor.

avaliação e ação ante a vida e suas situações de crise, como também na orientação e conduta de relacionamento e escuta entre o/a aconselhador/a e aconselhando/a.

A Leitura Popular da Bíblia tem por objetivo captar a mensagem da Bíblia como Palavra de Deus para o *Lebenswelt* (termo alemão que significa “mundo da vida”). Neste sentido, a metodologia ganha também uma dimensão de espiritualidade imprescindível para o tipo de exegese e hermenêutica bíblica a serem utilizadas no aconselhamento. Cavalcanti (2007) relata que no esforço de tornar a Bíblia mais próxima das classes populares, o frade carmelita Carlos Mesters surge como um autor original e criativo, tentando elaborar, junto com o povo das comunidades pobres e crentes, um método que corresponda às suas aspirações. Muitos outros autores e autoras, de diversas denominações cristãs, se juntaram nessa mesma tarefa, tornando a Palavra de Deus mais próxima do povo. Assim, o presente capítulo discorre sobre a LPB e a contribuição de Carlos Mesters para o desenvolvimento de tal compreensão.

2 Mesters e a Leitura Popular da Bíblia

Carlos Mesters nasceu com o nome de Jacobus Gerardus Hubertus Mesters no dia 20 de outubro de 1931, em um povoado da Holanda, Bunde, Limburgo, (em 1931) com cerca de três mil habitantes. Carlos era o quinto filho de uma família de sete irmãos. Em Janeiro de 1949, aos 17 anos, veio para o Brasil com os frades carmelitas e entrou para a Ordem de mesmo nome em 1951. Coursou três anos de Filosofia no Brasil, licenciou-se em Teologia em Roma e recebeu a ordenação sacerdotal em 1957. Estudou um ano no Pontifício Instituto Comissão Bíblico e mais dois anos na *École Biblique*, em Jerusalém. Em 1963 defendeu seu Doutorado em Sagrada Escritura, com uma tese sobre “*O tema do Êxodo na composição do Apocalipse*”. Durante a década de setenta, Mesters estabeleceu diversos contatos com comunidades pobres do Nordeste, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e outros estados. Desde o início da formação das Comunidades Eclesiais de Base, o autor acompanhou esse “novo jeito de ser Igreja”, participando dos Encontros Intereclesiais e publicando artigos em que reflete sobre as CEBs e, especialmente, sobre o modo como nelas se lê a Bíblia.

Carlos Mesters se debruçou no trabalho de analisar o modo como a Bíblia vinha sendo apresentada ao povo em geral e a falta de adequação entre a proposta dos representantes e lideranças religiosos da Igreja e a mentalidade religiosa popular. Tais reflexões foram

articuladas em algumas de suas publicações mais conhecidas como, *Por trás das Palavras*, (1974) e *Flor sem defesa*, (1983). Os questionamentos relacionados à esta discordância estão bem explicitados nestes livros.

Mesters percebeu tanto a descontextualização do uso e explicação da Bíblia quanto à indiferença existente com os menos favorecidos, empobrecidos e marginalizados por parte dos ministros. Percebia estes fatores não só através do conteúdo que ignorava o saber popular como também na forma como os agentes pastorais faziam isso, atuando com a superioridade de quem acha estar lidando com ignorantes atrasados; verticalmente, uma relação de cima para baixo. Nas palavras do autor:

Não havia respeito pelo saber dos “pequenos”, sua cultura, sua fé revestida de símbolos e expressões/devoções populares. Portanto, não havia a comunicação necessária para que o contato com a Palavra de Deus se fizesse a partir da palavra humana. (CAVALCANTI, 2007, p.87)

Foi no contato com o pobre enquanto sujeito do estudo da Bíblia, e não mais como objeto de estudo, que Carlos Mesters envolveu-se e dedicou-se à LPB. Leite (2013) relata que a Bíblia, que é reconhecida e acolhida pelo povo como Palavra de Deus, torna-se espelho quando, ao lê-la, as pessoas nas comunidades trazem consigo as suas próprias histórias e problemas da realidade vivida. Carlos Mesters estuda e propaga o método, caracterizando-o e especificando-o. Compartilha o que recebeu e apreendeu dentro dos círculos de estudos das comunidades para, de forma sistematizada e crítica, no Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) divulgarem a leitura popular e suas legítimas contribuições.

O método usado nos Círculos Bíblicos, como que naturalmente, levava em conta, de um lado, a experiência adquirida nos grupos de Ação Católica com o seu método Ver-Julgar-Agir e os ensinamentos de Paulo Freire sobre a pedagogia do oprimido e, de outro lado, a tradição dos próprios evangelhos. Ou seja, a maneira de se ler a Bíblia nas Comunidades Eclesiais de Base imitava de perto o método sugerido pelo Evangelho de Lucas na descrição da caminhada dos discípulos de Emaús, onde o próprio Jesus aparece interpretando a Escritura para os seus amigos (Lc 24,13-35). O processo de interpretação seguido por Jesus tem os mesmos três passos que caracterizam também o método adotado pelos pobres nos Círculos Bíblicos das Comunidades Eclesiais de Base. (MESTERS; OROFINO, 2007)

Segundo Mesters (2007), o primeiro passo é aproximar-se das pessoas e ouvir as suas realidades e as suas dificuldades, fazer perguntas que as ajudem a visualização de seu problema e/ou a situação presente com um olhar mais crítico. O segundo passo, por sua vez, utiliza o texto da Bíblia para iluminar o problema e trazer esperança. A proposta é aprender com o contato direto com o povo, e a forma como leem a Bíblia, estabelecendo de maneira muito simples uma ligação entre ela e a própria vida. Assim, o que antes era sinal de morte é

enxergado como sinal de vida e possibilidade de crescimento. Essa *metanóia* (conversão, mudança de mente no grego) somente acontece no terceiro passo quando os amigos do caminho de Emaús - partilham o pão. O caminho é o mesmo, mas as perspectivas e a direção é outra.

Neuenfeldt (2004, p.103) destaca que “o medo não é mais ditador e limitador de movimentos”. Existe uma plasticidade de corpos: “antes corpos apavorados” (no latim, pavor vem de *pávere*, que significa chão), “corpos no chão, rebaixados, esquecidos pela cultura violenta, opressora e patriarcal, agora corpos de pé, corpos a caminho de novo”. A solidariedade, a confiança mútua resgatada e experimentada na vida de maneira concreta, na partilha, estimula esse casal¹³ a retomar seu próprio caminho. Ambos os discípulos se tornam sujeitos históricos quando tomam para si o poder de nomear, de escolher caminhos, de ver as direções e optar.

É neste encontro fraterno e solidário em ambiente de fé partilhada que o Espírito dá sentido ao que Jesus falou; percebe-se, assim a vivência na sabedoria bíblica. O resultado desta leitura das Escrituras proporciona um novo sentido para enfrentar e viver a vida. Desta forma, os discípulos do caminho de Emaús descobrem na experiência de partilha do pão e na ressurreição de Jesus a sua própria ressurreição. Aquilo que antes era fatalismo, opressão e medo podiam ser visto agora, com consciência crítica, como esperança, liberdade, coragem e recomeço.¹⁴

Mesters, desta forma, organiza o método de Leitura Popular da Bíblia em três pilares que formam um triângulo sempre presente quando da abordagem bíblica durante a prática da leitura popular.

o autor faz notar que o pré-texto (realidade) e o contexto (comunidade de fé) determinam o “lugar” de onde se lê e interpreta o texto. Desse lugar é que surge o “novo olhar” com que o povo lê a Bíblia hoje na América Latina. O novo sujeito hermenêutico são as pequenas comunidades de fé, que leem a Bíblia buscando uma resposta para sua vida onde o sofrimento é cotidiano. Elas constituem o que ele chama de “contexto” onde a Bíblia é lida de tal maneira que faz soar a mensagem do Espírito para a Igreja de hoje. (CAVALCANTI, 2007, p.92)

¹³ Elaine Neuenfeldt supõe que os discípulos citados em Lc. 24,28-32 se tratava de um casal caminhando com Jesus. O homem tem seu nome citado, chama-se Cléofas. Da outra pessoa a redação final do evangelho de Lucas não nos informa o nome. É a mão androcêntrica que exclui os nomes das mulheres? Podemos suspeitar que a outra pessoa fosse a companheira de Cléofas, uma vez que o ambiente sugere isto: Voltam para casa, preparam a comida. Tal suposição é reforçada se olharmos para o texto de Jo. 19.25: aos pés da cruz, quando os homens fogem, está uma certa Maria, mulher de Cléofas.

¹⁴ Cf. Ver em nosso artigo “*Ler a vida: Contribuições da leitura popular da Bíblia para o aconselhamento*” em Escuta Libertadora, 2013, cap. II, p. 35.

Aprender a ler a Bíblia em uma perspectiva libertadora e comunitária colocou mulheres e homens de diferentes idades em condição de pensar e julgar, buscando expressar sua fé e sua realidade com suas próprias palavras. Essa experiência de vida e na vida, palavra e fé renovada têm desabrochado em teologias, negras, feministas, indígenas, revelando uma dimensão mais profunda das subjetividades do ser humano. É do mundo da vida que Mesters alimenta seu método e trabalho, como ressalva outro importante exegeta, Milton Schwantes:

Os empobrecidos já estão sendo hermeneutas, explicitadores dos conteúdos bíblicos. Esta presença dos pobres como intérpretes é uma das marcas decisivas, inovadoras e mais promissoras da leitura bíblica latino-americana. (SCHWANTES, 1989, n°24, p.10)

Segundo Mesters e Orofino (2004, p.144), a “Bíblia entra na vida do povo não pela porta da imposição autoritária, mas sim pela porta da experiência pessoal e comunitária”. Ela se faz presente não como um livro que impõe uma doutrina de cima para baixo, mas como uma Boa Nova que revela a presença libertadora de Deus na vida e na luta do povo.

Os autores continuam a explicitar que a Palavra de Deus, em primeiro lugar, pulsa na vida. Antes de ser Palavra escrita, a Bíblia sempre foi Palavra vivida. Logo, porque a vida vem em primeiro lugar, a Bíblia só tem razão de ser se estiver a serviço da vida. Ela mesma é um testemunho sobre a presença de Deus na vida cotidiana e na história de Israel, de Jesus e das primeiras comunidades. É este pressuposto que permite fazer uma opção metodológica na leitura da Bíblia: nunca se parte do texto, mas sim, da experiência.

A leitura que relaciona a Bíblia com a vida é *ecumênica e libertadora*. Leitura ecumênica não quer dizer que católicos e protestantes discutem as suas divergências para chegar uma conclusão comum. Isso pode ser uma consequência. O mais ecumênico que temos é a vida que Deus nos deu. Aqui na América Latina, a vida de grande parte da população corre perigo, pois já não é vida. Leitura ecumênica é interpretar a Bíblia em defesa da Bíblia e não em defesa de nossas instituições e confissões. Ora na atual situação em que vive o povo na América Latina, uma defesa da vida necessariamente deve ser libertadora. Por isso mesmo ela é conflitiva. Tornou-se sinal de contradição (MESTERS; OROFINO *in* Beozzo, 2004, p.152).

Seguindo o caminho de Carlos Mesters, procuraremos fazer um diálogo entre os saberes das ciências humanas para um entendimento interdisciplinar entre vida e Bíblia no Aconselhamento Pastoral. A Leitura popular da Bíblia na perspectiva de Carlos Mesters nos proporcionará uma hermenêutica bíblica contextualizada e uma metodologia dialógica possível a partir de quem necessita construir uma relação de ajuda.

3 A contribuição da Leitura Popular da Bíblia para o Aconselhamento Pastoral

Na vivência dentro de comunidades evangélicas, mais intensamente nas comunidades pentecostais, é possível observar que, geralmente quando uma pessoa procura aconselhamento pastoral, há uma tendência de motivos e necessidades que quase sempre envolvem situações concretas do dia a dia. As pessoas querem respostas, buscam sentido para suas dúvidas e apoio em seus dilemas dentro das tomadas de decisão e diante de escolhas que envolvem as dimensões de relacionamentos, sexualidade, doenças, crises financeiras, sofrimentos, inseguranças, família e tantas outras.

Parece existir uma ansiedade, uma necessidade de resposta imediata, muitas vezes quase mágica, capaz de sanar e resolver os problemas instantaneamente. Tal expectativa também, e principalmente, vem acompanhada de uma espiritualidade e fé construída e vivenciada no dia a dia desta pessoa. No entanto, não existem respostas prontas, nem uma única resposta correta ou “aquela” resposta ideal. Aliás, também se deve ponderar que, na maioria das vezes, as pessoas parecem trazer uma resposta desejada consigo.

Em contrapartida, também é possível observar na vivência destas comunidades que geralmente quando um/a pastor/a ou liderança são procurados/as para auxílio e aconselhamento, estes do mesmo modo tendem a ter respostas prontas, em nome de uma espiritualidade desarraigada da vida encarnada, dos dogmas ou de uma adequação da vida aos sistemas socioeconômicos, políticos e institucionais injustos e opressores. É comum o cultivo de uma fé culpabilizante e conformada que justifica os sistemas existentes e afirma que todo desajuste na vida como doenças, sofrimentos, desemprego, perdas e dores são originados de algum erro ou pecado. Culpa-se a pessoa e inocentam-se os sistemas opressores.

Contudo, mesmo sendo esta a situação mais comumente observada, existem aconselhadore/a preocupados/as em ouvir, em acompanhar e nas suas relações com o outro fazerem destes momentos espaços de escuta e auxílio contextualizados.

Mesmo assim, tais intenções não são suficientes para que neste processo se afirme e que o aconselhamento esteja comprometido com uma proposta que visa pensar e buscar sentido na existência em uma práxis que humanize e seja libertadora. Diante desta realidade, verificamos que há algo entre a intenção de um aconselhamento que proporcione cuidado e auxílio, em diálogo e escuta, e o resultado pretendido.

A primeira possibilidade seria que entre a ação e o resultado existam sistemas (sociais, econômicos, culturais, biológicos, religiosos, políticos) que acabam por processar essas ações de uma forma diferente daquela que se havia previsto. É o que anteriormente tratamos sobre o aconselhamento pastoral que ignora o contexto vivencial dos/as aconselhados/as. E/ou a segunda hipótese é que houve um problema operacional, que não foi capaz de concretizar adequadamente a ação.¹⁵ Em outras palavras, o “como fazer” do aconselhamento pastoral é fundamental. E, como indicamos anteriormente, refletir o “como” usar a Bíblia nos processos de cuidado e auxílio no aconselhamento deveria estar diretamente relacionado ao saber discernir, escutar a necessidade do outro.

Sendo assim, integra-se à dimensão do cuidado pastoral enquanto aconselhamento, a perspectiva da espiritualidade e das ciências do comportamento humano com a metodologia da LPB. A LPB empresta seu modo hermenêutico de ver, julgar e agir e aproveita a pedagogia de Paulo Freire (da qual falaremos no próximo capítulo) nos processos relacionais, entre aconselhador/a e aconselhando/a. Pretende-se com isso, uma leitura de mundo que parta da vida vivida levando em consideração a idade, etnia, situação socioeconômica, estado civil, no sentido de proporcionar saúde integral ao ser humano. E, ainda, com o intuito de promover habilidades para a escuta contextualizada e para os encaminhamentos durante o aconselhamento de pessoas, que diante dos processos de perdas, dificuldades, limitações e crises são desafiadas a darem um novo sentido à vida.

Para tanto, far-se-á necessário situar o lugar hermenêutico desta prática. Assim, a LPB reconhece o pobre como sujeito, ator de sua história. É a partir dele e de sua realidade de mundo que se enxerga a vida e a Palavra. O que se sugere para o aconselhamento pastoral é uma releitura do conceito de pobre e necessitado-, considerando-o não somente em uma condição de exclusão socioeconômica, mas, ampliando este conceito para a obtenção de um significado mais fenomenológico. Deste modo, pobre é quem necessita.

Hoch (1989) diz que o próprio Leonardo Boff reconhece que a Teologia da Libertação passou por um processo de afunilamento crescente, mas que hoje, sem perder de vista a opressão fundamental, a socioeconômica, está em processo de incorporar novos aspectos, tais como a questão cultural, a étnica, a sexual e tantas outras. De acordo com Leonardo Boff:

As opressões têm muitos rostos, [...], e por isso é necessário que o teólogo ou agente pastoral se torne companheiro em todos os momentos cruciais da vida

¹⁵ Ver mais sobre “intenções e efeitos” no livro *Conversando sobre Ética e Sociedade* de Jung Mo Sung e Josué Cândido da Silva, Vozes, 2004, p.17-19.

do povo sofredor, inclusive naquelas áreas onde a pobreza destrutura a pessoa por dentro. (BOFF, 1988 apud HOCH, 1989, p.24).

Neste entendimento, embora se reconheça que o pobre na sua maioria, também seja o mais necessitado e afligido no mundo da vida, pela privação de sua autonomia e alienação de suas possibilidades de vida e saúde integral, não será o fator econômico a única condição para entender o sentido de “necessitado”.

Por outro lado, refletir o significado de pobre, revela a importância de uma antropologia teológica que reconheça as situações-limites do ser humano. Ribeiro (2007, p. 48) afirma que, nas situações-limites o ser “humano se depara com as suas contingências mais agudas, com a crueza da vida, com as barreiras e as limitações mais profundas da existência, com os abismos presentes na realidade concreta da vida”, com a impossibilidade de futuro. Paula (2013) afirma que a dor existencial tende a ser maior do que a física, desta forma a dor existencial toca nossa resistência de lidar com os nossos limites.

O cuidado em meio à dor é um espaço para a compreensão dos medos, angústias, invisibilidades sociais e religiosas (quando as pessoas que sofrem não são vistas, mas são ignoradas), exclusões (quem consideramos diferente passa a ser uma ameaça para as nossas convicções e zona de conforto). (PAULA, 2013, p.19)

A forma de ver e sentir deriva do necessitado e sua vida no mundo. A necessidade do outro determina as ações a serem tomadas. Desta forma, é muito importante entender e observar que a prática de aconselhamento no Brasil de cultura mais popular religiosa é comumente mais realizada por leigos/as e se comunica pouco com o mundo da psicologia e da teologia pastoral. Ainda, é importante perceber que, com algumas exceções, a prática de aconselhamento realizada por profissionais de teologia e psicologia fica presa ao atendimento da classe média de pensamento ilustrado, reproduzindo as concepções psicológicas elaboradas pela cultura dominante, não conseguindo se relacionar bem com a cultura popular e não lidando adequadamente com expressões e linguagens culturais diferentes. Mesmo assim, cada vez mais se aumenta a procura por atendimento e aconselhamento psicológico pelas camadas mais populares, assim como também se aumenta a demanda por cura e recursos espirituais pelas classes de pensamento ilustrado.

Rubem Alves (1984) afirma que a linguagem é a memória coletiva da sociedade e que, é ela que fornece as categorias fundamentais para que certos grupos sociais interpretem o mundo e o pronunciem, digam como ele é. “O mundo em relação ao qual eu organizo minha ação é aquele que descrevo em minha linguagem” (Alves, 1984, p. 22). Citando Wittgenstein e Humboldt, Alves (1984, p.20) nos lembra, de forma pertinente, de que “os limites da minha

linguagem, denotam os limites do meu mundo”, do mesmo modo, “a diferença real entre linguagens não é uma diferença de sons ou sinais, mas antes de cosmovisões”.

A LPB parte do princípio de troca de saberes e da leitura dessas cosmovisões. Dentro do aconselhamento pastoral, na figura do/a clérigo/a ou leiga/o, ela empresta um ouvido amoroso ao necessitado, ao pobre, diante das crises e situações de dificuldades e perdas, nos relacionamentos intra e interpessoais, na família e na sociedade.

Não basta, porém, descobrir a novidade da leitura popular da Bíblia. É preciso aprender com o povo, saber quais as “regras” do seu método de interpretação, se é que se pode falar em “regras” quando se trata do saber popular, que é essencialmente intuitivo... Mesters faz esse esforço. Procura através do caminho mais acessível: busca penetrar no código de linguagem do povo. Para chegar no “por trás” das palavras, temos que passar antes pelas próprias palavras, pelo modo de expressão popular que, ao contrário do discurso lógico da ciência, não é direto nem claro à primeira vista. Fala por imagens, comparações, silêncios, ironias e sugestões... Aquilo que é o mais importante pode ficar nas entrelinhas, no não dito. Aquilo que é exposto pode ocultar um grito abafado, um desejo imenso e reprimido. (CAVALCANTI, 2007, p.89)

Uma diferente linguagem revela uma diferente cosmovisão. Ao ouvir o outro, o/a “aconselhador/a” precisa perceber que diante de si há não uma pessoa que usa linguagem diferente, mas que interpreta o mundo de uma forma diferente. Alves (1984, p. 27) aponta que o “mundo se constitui a partir da maneira pela qual o homem se relaciona com aquilo que o circunda”. Desta forma a palavra pronunciada por quem procura o aconselhamento vem a existir como parte de um “esforço para estabelecer relação e para criar valor”. Ao nomear alguma coisa a/o aconselhando/a está dizendo o que esta coisa significa, como se relaciona com ela, e como a vê em relação a si mesmo/a. “É um ato de organização do mundo em relação a mim” (ALVES, 1984, p.28). “Logo o ato de pessoas falarem e entenderem uma linguagem comum indica que participam de uma mesma estrutura de valores” (ALVES, 1984, p.29). São os valores que tornam a comunicação, ou o diálogo, possível, Do contrário, é plausível que pessoas que falem o mesmo idioma conversem por horas seguidas, sem haver nenhuma comunicação.

O conhecimento da relação entre as palavras e as coisas, que nos permite falar uma mesma língua, não garante que participemos de um mesmo universo de valores. É a linguagem comum, como estrutura de valores, que se constitui na base que poderíamos chamar de comunidade. Ela se constitui na pressuposição da participação (relação eu-isso, relação eu-tu), na pressuposição da interpretação (o que significa a situação em que nos encontramos promessa ou ameaça?), e na pressuposição para a integração da ação (o que fazer?) (ALVES 1984, p.30).

Por isso, é preciso estar atento para tentar ver o mundo, o problema e a autoimagem da pessoa que busca ajuda. A forma com que as pessoas leem a Bíblia traz consigo a sua própria história e tem nos olhos os problemas que vem da realidade dura da sua vida.

Assim, essas leituras da vida iluminada pela Bíblia permitem uma melhor compreensão e plausíveis diagnósticos. Segundo Wangen (1979), o diálogo com o/a aconselhando/a permite obter alguns critérios, que a rigor, não são critérios psicológicos ou sociológicos, mas fenomenológicos. Direciona o/a aconselhador/a a identificar as necessidades do outro, como: o seu sentido de gratidão, graça, o que é sagrado pra essa pessoa, o que traz culpa e o que gera arrependimento. Também, possibilita a percepção do tipo de fé e/ou confiança que o aconselhando/a deposita em Deus, instituições eclesiais e nele/a próprio/a; bem como o seu entendimento de comunhão e vocação para o sentido da vida.

A LPB como caminho de sabedoria e leitura de mundo também auxilia nesse processo a avaliação e a iluminação da vida de forma que o/a aconselhando/a consiga resignificá-la com autonomia e esperança. Ser reconhecido/a como sujeito de sua própria história e ser escutado/a pelo agente pastoral geram espaços para refletir recomeços, possibilidades, caminhos de crescimento, maturidade, sabedoria, consolo, partilha, solidariedade e perdão.

Por outro lado, é bom lembrarmos que muitas vezes a leitura popular encontra dificuldades no texto ou arrisca-se a fazer aproximações indevidas entre a Bíblia e a realidade de hoje. Mesters (1983), em *Flor sem defesa*, afirma que o “*pobre*” que interpreta também está sujeito a ideologizações, conclusões apressadas, incertezas e ambivalências que os mais preparados podem sanar. É preciso voltar à exegese científica, porém, de forma que se reconheça à ciência o seu lugar e sua contribuição própria, mas seus limites também:

Não se trata de deixar de lado as conquistas da exegese científica, nem de consagrar como certa e infalível qualquer explicação que o Povo faz da Bíblia! [...] Trata-se de ocuparmos o lugar certo, de onde a Palavra de Deus quer e deve ser lida e interpretada. [...] O dom que o Pai concede aos ‘pequenos’ não compete com a ciência dos ‘sábios e doutores’ mas tira a ciência de sua pretensa neutralidade e lhe dá um novo suporte e um novo destino. (MESTERS, 1983, p.49)

Ao voltarmos os olhos na direção do aconselhamento pastoral, a cooperação das ciências humanas, principalmente da psicologia, é muito importante. Howard Clinebell (In: Wesley CARR (Ed.), op. Cit., p. 253-4) afirma que a singularidade do aconselhamento vem do treinamento dos pastores e pastoras, que os capacita a integrar insights das ciências psicológicas contemporâneas e métodos psicoterapêuticos, por um lado, com os recursos da cura das tradições judaico-cristãs e os recursos de comunidades reunidas pela fé por outro. O aconselhador/a, assim preparado/a, tem seu papel de ajudar parir processos, não trazer nada

pronto, mas fazer nascer o que já existe em gestação dentro de quem procura por auxílio. O conhecimento científico, portanto, é colocado em diálogo com o conhecimento prévio das pessoas participantes.

As ciências humanas nos ajudam a não cairmos em um “bíblicismo”, onde a Bíblia é um fim em si mesmo. A Bíblia deve estar a serviço da interpretação da vida. Sendo assim, sozinha, ela não funciona e não consegue abrir os olhos. Desta forma, ela deve ser interpretada dentro de um processo mais amplo, que leva em conta os aportes da exegese científica, das ciências psicológicas contemporâneas, dos métodos psicoterapêuticos, da comunidade de fé e da realidade vivida. Mesters e Orofino (1984) dizem que a Bíblia é como o coração: fora do corpo da comunidade e da vida do povo morre e faz morrer!

4 A LPB e as relações de ajuda no Aconselhamento

Mesters, em seu caminhar com a LPB, recentemente dividiu a autoria do livro *Jesus da Escuta Amorosa* com Márcio Lucio de Miranda¹⁶, médico especializado em relações de ajuda. Mesters e Miranda propõem e elaboram um conjunto bem consistente de sugestões para um assunto que provavelmente descobriram no “por trás das palavras” de quem convive com o povo simples e necessitado. Os autores demonstram a importância e a necessidade de ser escutado/a que existe em todas as pessoas, o desejo de ter quem as escute, com ouvido aberto, proporcionando acolhimento aos gritos calados e gerando diálogos.

Destacam, ainda, a necessidade do que denominam “Relação de Ajuda”, o estabelecimento de uma relação da contribuição das ciências humanas com as práticas de Jesus, ou seja, Mesters (2010, p. 26) afirma que se leva em conta tanto a ajuda das ciências para poder praticar melhor essa Relação, como o conhecimento da exegese para conhecer melhor como Jesus, naquele contexto tão diferente do nosso tempo, praticava (no caso específico do livro) as bem-aventuranças.

Ainda, os autores relacionam a pessoa de Jesus com conceitos de abordagem desenvolvidos por Carl Rogers. Segundo estes conceitos, o que faz uma pessoa capaz de ser um/a ajudador/a são algumas posturas que, quando identificadas, fazem-nas significativas. De

¹⁶ Márcio Lúcio de Miranda é médico, ginecologista, obstetra e psicoterapeuta, com especialização no Modelo de Ajuda. Carkhuff Institute of Human Technology, Amherst, Massachusetts. É diretor do CEAP: Centro de atendimento à pessoa e da EFMA: escola de Educação Emocional e Formação de Facilitadores do Modelo de Ajuda. Tem vários livros publicados na área do relacionamento interpessoal.

modo geral, são ações que envolvem a aceitação do outro, partindo do princípio de que ele é o melhor que pode ser, mas que pode evoluir e crescer física, emocional, intelectual e espiritualmente. Ser um ajudador/a também envolve empatia, transparência, percepção do que se esconde por trás das palavras e comportamento, de forma a identificar potencialidades de quem é ajudado possibilitando seu desenvolvimento.

Essas características definem, juntamente com a habilidade de fazer bem feito e com alegria, o que seria alguém significativo. Mesters e Miranda (2010) afirmam que ninguém melhor internalizou todas as dimensões destas características como Jesus Cristo. Os autores juntam dois campos do conhecimento, o comportamento humano e a interpretação científica da prática de Jesus. O objetivo não é aumentar nos leitores e leitoras o conhecimento da Bíblia e da Relação de Ajuda, mas sim de mostrar, com a ajuda tanto da Bíblia como da ciência, que as bem aventuranças continuam acontecendo na vida das pessoas, mesmo sem elas o saberem ou se darem conta.

A Bíblia nasceu das experiências na vida que foram oralmente transmitidas. Verdadeiras conversas que, ao longo do tempo, foram enriquecidas e organizadas, registradas, foram passando de mão em mão, de geração a geração, aliviando a dor do povo e melhorando a vida das pessoas. Assim, nasceram a Sabedoria Popular, os Salmos e orações que, até hoje, confortam a alma e fornecem esperança na caminhada. (MESTERS; MIRANDA 2010)

A LPB também está presente nos diálogos que partem das situações de dor, sofrimento, dúvida, desânimo, injustiça, etc., elucidados pelo texto bíblico ou através dele. É possível notar isso durante um aconselhamento através das personagens bíblicas citadas pelos aconselhados/as, assim como as que mais se identificam ou quando usam certas histórias como comparação ou referência para contarem ou tentarem expressar suas necessidades.

Por exemplo, na passagem bíblica de Marcos 5. 24-34, uma mulher com hemorragia toca as vestes de Jesus. Ela é considerada impura e sequer poderia estar andando em público. Jesus soube imediatamente que foi tocado (conforme o versículo 30a), mesmo assim ele perguntou: “Quem tocou minhas vestes?” (30b). Aquela mulher poderia estar com medo de “contaminar” Jesus ou ser julgada e condenada pelas pessoas em volta. Porém diante da pergunta de Jesus ela tomou coragem e contou toda sua vida. Neste instante Jesus a declara curada. A pergunta de Jesus deu oportunidade e força para aquela mulher se mostrar, e com sua vida denunciar um problema mais que individual, um problema social de saúde pública e de preconceito. Interessante verificar que Jesus além de não ficar “contaminado” ao ser tocado pela mulher, fez pública a coragem e a força dela. Jesus deu voz a quem a lei da

impureza condenou ao silêncio. Esta atitude de Jesus e da mulher irrompe em meio a uma cultura de silêncio de certos tipos de sofrimento.

Na atualidade, certos ditos populares revelam também uma cultura do silêncio que oculta à violência: “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”. É um dito que geralmente é adotado como regra de postura e atitude da igreja e da sociedade para não interferir em violência doméstica, em abuso sexual, em problemas de “ordem familiar”. Não é incomum encontrar muitas mulheres hoje que esperam a morte do marido para se libertarem da violência; esperam ansiosamente a viuvez para terem autonomia na vida. Outras são traídas pelo marido há muitos anos e estão vazias de poder, de capacidade espiritual, de reconhecimento, de um olhar atento de alguém que perceba sua situação de “hemorragia” da vontade de viver. Esses fatos são revelados quando, em um espaço de escuta, a Bíblia ilumina temas como esses permitindo que mulheres tenham voz. A cura daquela mulher foi seu empoderamento através do toque, daquele de quem saía poder. Houve toque, palavras de poder, perdão e libertação. E houve envio para uma nova vida e afirmação: “Vai em paz!”, “fica livre”.

A leitura bíblica que parte da vida é uma via de mão dupla, ela também confronta a realidade e a prática do/a aconselhador/a. Mesmo em meio a uma multidão e muita confusão Jesus criou um espaço, um tempo de escuta. É preciso estar preparado para escutar as experiências, as histórias de sofrimentos de quem sofre há mais de “doze anos”.¹⁷

No livro *Jesus da Escuta Amorosa: As bem-aventuranças ontem e hoje*, os autores dizem que é dividindo experiências e as identificando nas atitudes de Jesus, que as Relações de Ajuda iluminam a convivência e apontam caminhos concretos.

Retomando nossa ideia principal, lembramos o desafio de um aconselhamento pastoral baseado em uma hermenêutica bíblica contextualizada que escuta e lê o mundo a partir de quem necessita, nos relacionamentos e na vida de maneira integral, individualmente e de maneira coletiva em todos os momentos e fases da vida do ser humano. Para tanto, relacionaremos a LPB e as Relações de Ajuda, seguindo os passos de Mesters neste “jeito” de escutar e se relacionar com o outro proporcionando auxílio na caminhada.

As pessoas sofrem e procuram aliviar a sua dor por meio de uma boa conversa. Mesters e Miranda (2010) fazem uma lista de motivos: alguns sofrem porque são pobres, sem recursos, isolados e na tristeza; outros sem emprego passam fome; muita gente sofre, porque apesar do esforço pela paz, não conseguem melhorar o ambiente em casa e criar um bom

¹⁷ A citação da história da mulher hemorrágica faz parte do livro *Bibliodrama: A arte de interpretar textos sagrados* de Anete Roesse (2007, p. 131-133)

relacionamento entre os membros de sua família. Outros sofrem porque têm que conviver com pessoas ciumentas que lhes tiram a liberdade; mulheres sofrem porque, em casa, os maridos as maltratam e não as respeitam. Uns sofrem por não aguentar ver tanta miséria e violência e por poder fazer tão pouco para amenizar isso; outros sofrem por denunciarem a injustiça e por serem perseguidos.

Tantas formas de sofrimento: sofrimento do corpo e da alma, sofrimento de adulto e de criança, das pessoas e do mundo, sofrimento pequeno, sofrimento grande. Alguns com remédio, outros sem remédio, mas todos buscando algum alívio. (MESRTES; MIRANDA, 2010, p17)

Como Jesus no caminho de Emaús (Lc 24.13-35), é preciso haver uma aproximação amigável que empreste e doe ouvidos amorosos, que converse e se interesse pelo outro. Conversa esta que faça bem e que aqueça o coração, que alivie as tensões, que traga consolo na dor e a esperança de lidar com os desafios da vida. Desta forma, não se sai ileso do encontro com o outro.

O que abriu os olhos e fez perceber a presença de Jesus no caminho de Emaús foi o gesto comunitário: o convite de hospitalidade para entrar com eles, sentar juntos à mesa, rezar (orar) juntos, partilhar o pão. Foi aí que os olhos se abriram e os dois descobriram que era Jesus. E é nesse momento do reconhecimento que Jesus desaparece, pois eles se reencontraram consigo mesmo, com sua realidade e com Deus. A escuta amorosa funcionou e a relação de ajuda alcançou seu objetivo. (MESTERS; MIRANDA 2010 p. 31)

Boas conversas pressupõem diálogo, não somente como forma de conversa e partilha dos momentos de vida e situações presentes, mas também o diálogo do leitor da Bíblia que interage com o texto e com a própria vida. A LPB sugere que o primeiro passo seja a aproximação: aproximar-se das pessoas e ouvir as suas realidades e as suas dificuldades, fazer perguntas que as ajudem na visualização de seu problema e/ou a situação presente com um olhar mais crítico. Para isso, é preciso que haja alguém que tenha disponibilidade para escutar de verdade, que seja capaz de ver nos olhos dos outros os anseios da alma.

A disponibilidade é o primeiro degrau de uma escada que nos leva ao coração do outro. O ativismo é valorizado e estimulado por essa sociedade consumista, onde tempo é dinheiro. Na dimensão humana e espiritual tempo é graça, é a oportunidade para entrarmos em contato conosco, com o outro e com Deus. (MESTERS; MIRANDA, 2010, p.56)

O AP precisa proporcionar um ambiente de escuta que acolha o outro e suas indignações, que permita o/a aconselhando/a dizer o que pensa e o que sente sem receios de julgamentos. Um espaço onde as revoltas, os sentimentos de opressão e injustiça, de desvalorização, de raiva, de dúvida, sejam pronunciados. Espaço onde se possa “brigar” com as imagens de Deus que oprimem, trazem desamparo, vazio, culpa e sofrimento. Para que isso

ocorra o/a aconselhador/a precisa colocar o foco na pessoa do/a aconselhando/a e não simplesmente em suas ideias e sentimentos. Independente de concordar ou não com o outro evitar o julgamento, não rejeitando a pessoa por saber que ela é muito mais que seu comportamento e pensamentos. Dar a oportunidade de ser verdadeiramente escutado, de poder se pronunciar no mundo é dizer ao “pobre”, ao necessitado, que ele é “gente” e merece uma grande conversa, “uma conversão”. É preciso escutar para que eles e elas também se escutem.

O segundo passo da LPB utiliza o texto da Bíblia para iluminar o problema e trazer esperança. Antes lembramos que no processo de relação de ajuda

orientar não significa dar conselhos ou direções, mas caminhar emocionalmente e espiritualmente junto com o/a ajudado/a, para a direção que ele/a escolheu, sem se importar com acertos e erros. É preciso ajuda-lo/a a sair do imobilismo, a perder o medo de se movimentar. (MESTERS; MIRANDA, 2010, p. 150)

Fazemos isso através da presença e do apoio. A Bíblia é usada neste caminhar junto para ajudar as pessoas a enxergarem melhor as coisas da vida e de Deus, enxergar com um novo olhar o próximo e combater os falsos olhares contaminados pelos sistemas opressores e de exclusão. Neste processo de diálogo, a Bíblia move as pessoas e ilumina os olhos para aprenderem a ler os sinais que a vida nos vai dando a todo o momento. Isso traz novas perspectivas de sentido e uma nova cosmovisão, jeitos novos de se pronunciar no mundo.

O terceiro passo da LPB é a partilha, a confiança construída no processo feito juntos. “A partilha do pão e da vida. Do aconchego que vira fermento, mística e espiritualidade que move o corpo para empreender nova jornada” (NEUENFELD in BEOZZO (Org.), 2004, p.102). É possível ter suporte para vislumbrar outras escolhas e caminhos. Liberdade para optar e ser sujeito da sua própria história. Criar possibilidades de transformação do coletivo a partir das transformações pessoais.

A LPB também volta nossos olhares para uma necessidade presente no aconselhamento: a busca por uma espiritualidade, por uma profundidade maior de mística. Geralmente, esta também é uma realidade no aconselhamento pastoral, as pessoas também carecem de orientação espiritual diante das dificuldades e interrogações da vida. Neste sentido, a Bíblia também pode ser uma resposta a este desejo. Mesters e Orofino afirmam que a Palavra de Deus tem duas dimensões fundamentais

De um lado, ela traz uma LUZ. Neste sentido, ela pode contribuir para clarear as ideias, desmascarar as falsas ideologias e comunicar uma consciência mais crítica. De outro lado, ela traz uma FORÇA. Neste sentido, ela pode animar as pessoas, comunicar coragem, trazer alegria, pois ela é

força criadora que produz o novo, gera o povo, cria os fatos, faz amar. (MESTERS; OROFINO, 2014, p.27)

Essas duas dimensões por um lado, proporcionam uma experiência sempre renovada da vida, que levam as pessoas a descobrirem e criticarem as imagens erradas de Deus. De outro lado, uma experiência sempre renovada de Deus, que leva as pessoas a se humanizarem. A experiência sempre renovada de Deus gera novas relações entre nós. Mesmo quando não falamos de Deus, somos um reflexo do que ele pode nos representar. A imagem do Deus-Juiz-que-condena produz gente medrosa. A imagem-do-Deus-todo-poderoso-só-nosso pode produzir gente intolerante. A imagem-de-Deus-ternura-mãe-pai gera pessoas acolhedoras e solidárias. A experiência de Deus se reflete no relacionamento humano. A imagem e experiência de Deus transmite-se não tanto pelo que informamos sobre Deus nas doutrinas que ensinamos, mas muito mais pelo que transmitimos através das atitudes que tomamos.

O Deus que nós somos chamados a ser é o mesmo Deus que quis se tornar humano. Portanto, em uma perspectiva cristã, e humanista, a “vocação” para divinização do ser humano não é sair da sua condição humana para pretender se tornar divino ou “pós-humano”, mas fazer-se como Deus e lutar para se tornar humano, saindo da sua condição de desumanização provocada pelas relações de dominação e opressão. Relações essas que desumanizam tanto o dominador quanto o dominado. (ASSMANN; SUNG, 2010, p.164)

Sendo assim, entendemos que como método o aconselhamento pastoral é pedagógico, pois vislumbra a tarefa de no acompanhar e proporcionar espaços de escuta e diálogo ajudar as pessoas entenderem que são seres inconclusos. E como processo, o aconselhamento também é pedagógico, na medida em que é uma tarefa elaborada a partir de quem precisa em sua busca de liberdade. Aprender a aprender como lidar com a concretude da vida e sua subjetividade na descoberta de sua “desumanização” e necessidade de se humanizar. A realidade em que vivemos condiciona todo nosso processo de formação, as nossas propostas e práticas pedagógicas durante a vida, da mesma forma isso também é reproduzido no aconselhamento pastoral. Nesse entendimento, da tarefa pedagógica do e no aconselhamento a Pedagogia de Paulo Freire nos ajudará no próximo capítulo, pois, um aconselhamento que se disponibiliza a pronunciar o mundo demonstra sua opção pelo diálogo como caminho, caminho este também entendido como método pedagógico que não nega o outro e que apresenta a possibilidade de um novo horizonte.

Capítulo 3

ACONSELHAMENTO PASTORAL E PEDAGOGIA DIALÓGICA

Conforme mencionado anteriormente, entendemos que, como método, o aconselhamento pastoral é pedagógico, pois vislumbra a tarefa de nos acompanhar e proporcionar espaços de escuta e diálogo ajudar as pessoas entenderem que são seres inconclusos. E como processo, o aconselhamento também é pedagógico, na medida em que é uma tarefa elaborada a partir de quem precisa em sua busca de liberdade.

Segundo Howard J. Clinebell (1987, p.313) “muitas das melhores oportunidades de aconselhamento requerem uma combinação de habilidades de educação criativa e de aconselhamento dinâmico”. Um aconselhamento com este tipo de assistência integra intuições e métodos de duas funções pastorais para promoção da integralidade de pessoas. Clinebell (1987, p.314) afirma que um aconselhamento de caráter educativo “ultrapassa em muito a mera transmissão de informações”, e que pela “utilização de habilidades e sensibilidades pode-se ajudar pessoas a entender, avaliar e então aplicar a informação relevante ao enfrentar sua situação específica de vida”.

Desta forma, neste capítulo vamos refletir sobre a dimensão pedagógica do Aconselhamento Pastoral a partir do pensamento de Paulo Freire e dialogar com a metodologia da LPB.

1 Aconselhamento Pastoral e sua práxis pedagógica

Na História da LPB foi imprescindível a contribuição da pedagogia do educador brasileiro Paulo Freire¹⁸. A adoção da metodologia ver-julgar-agir, aliada a filosofia de Paulo

¹⁸ Paulo Freire, por seus trabalhos na área educacional, recebeu, entre outros, os seguintes prêmios: "Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento" (Bélgica, 1980); "Prêmio UNESCO da Educação para a Paz" (1986) e "Prêmio Andres Bello" da Organização dos Estados Americanos, como Educador do Continente (1992).

Freire, a partir de uma perspectiva de educação libertadora, marca a intervenção pedagógica na conscientização dos movimentos de base dos meios populares católicos desde a década de 50. Ao aliarmos o método de LPB de Carlos Mesters, grandemente influenciado pelo pensamento de Freire, ao Aconselhamento Pastoral também somos motivados a refletir as influências do pensamento de Freire para a prática do cuidado e diálogo com pessoas no aconselhamento.

Paulo Reglus Neves Freire, educador, pedagogo e filósofo; nasceu no dia 19 de setembro de 1921, na cidade do Recife, em Pernambuco, uma das regiões mais pobres do país. Lá, logo cedo pôde experimentar as dificuldades de sobrevivência das classes populares. Paulo Freire trabalhou inicialmente no SESI (Serviço Social da Indústria) e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Em 1946 ele foi indicado ao cargo de diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social no Estado de Pernambuco e começou a lecionar para analfabetos pobres. Freire foi professor de escola e também criador de ideias e "métodos". Sua filosofia educacional expressou-se primeiramente, em 1958, na sua tese de concurso para a universidade do Recife, e, mais tarde, como professor de História e Filosofia da Educação da mesma Universidade, bem como em suas primeiras experiências de alfabetização como a de Angicos, em 1963, quando ensinou 300 adultos a ler e escrever em 45 dias.

O trabalho de Freire com os pobres, internacionalmente aclamado, teve início no final da década de 40 e continuou de forma ininterrupta até 1964. A metodologia por ele desenvolvida foi muito utilizada no Brasil em campanhas de alfabetização e, por isso, ele foi acusado de subverter a ordem instituída, sendo preso após o Golpe Militar de 1964. Depois de 72 dias de reclusão, foi convencido a deixar o país. Exilou-se primeiro no Chile, onde, encontrando um clima social e político favorável ao desenvolvimento de suas teses, desenvolveu, durante cinco anos, trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA).

Em 1967, Paulo Freire publicou seu primeiro livro "Educação como prática da liberdade". Sua principal obra, "Pedagogia do oprimido" foi escrita em 1968, e traduzida para diversas línguas como o espanhol, o inglês e até o hebraico. O livro não foi publicado no Brasil até 1974. Em 1969, o autor trabalhou como professor na Universidade de Harvard em seu Centro para Estudos de Desenvolvimento e Mudança Social, em estreita colaboração com numerosos grupos engajados em novas experiências educacionais, tanto em zonas rurais quanto urbanas.

Em 1970, depois de um ano em Cambridge, Freire mudou-se para Genebra, na Suíça, para trabalhar como consultor educacional para o Conselho Mundial de Igrejas por um período de 10 anos. Durante este tempo, atuou como um consultor em reforma educacional em colônias portuguesas na África, particularmente na Guiné Bissau e em Moçambique. Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil para "reaprender" seu país. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Freire atuou como supervisor para o programa de alfabetização de adultos de 1980 até 1986.

Em 1989, Freire tornou-se Secretário de Educação no Município de São Paulo. No ano de 1991 foi fundado o Instituto Paulo Freire, em São Paulo, com o intuito de estender e elaborar as teorias do referido autor sobre educação popular. No dia 10 de abril de 1997, Freire lançou seu último livro, intitulado "Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa". Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997, na cidade de São Paulo.

Os aportes teóricos de sua pedagogia para os estudos bíblicos significaram conscientização e libertação. Ao trabalhar junto às diversas comunidades simples e pobres, a palavra conscientização foi trazida por Paulo Freire para o contexto dos grupos de alfabetização dos jovens e adultos empobrecidos, assim como para grupos da LPB.

Aprender a ler a Bíblia numa perspectiva libertadora colocou mulheres e homens de diferentes idades em condição de pensar e julgar, buscando dizer sua fé e sua realidade de vida com suas próprias palavras. Freire (1987), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, desenvolve uma pedagogia baseada nos conceitos de humanização e práticas reflexivas. O autor estabelece um método de relação reconciliadora na relação educador-educando de forma que ambos compartilhem conhecimento e transformem as relações de poder e autoridade em relações de aprendizado e crescimento em meio às diferenças. O ato de aprender-ensinar em libertação não é ato passivo ou receptivo, mas é um ato de ação e reflexão compartilhada. Neste caso, o ato aprender-ensinar em processo de diálogo buscando libertação torna-se resultado de um processo de sensibilização em que os seres humanos são libertados em comunhão.

A pedagogia de Paulo Freire possui algumas palavras e pensamentos chave que foram incorporados para os contextos de grupos de alfabetização e de leitura popular da Bíblia em comunidades. Sempre partindo da vivência do povo sem acesso a cultura e ensino formal, dos empobrecidos e dos mais sofridos na vida, Freire nos aponta como essência de uma *educação libertadora* a *conscientização* e a própria *alfabetização*. Ele afirma que a alfabetização é muito mais que simplesmente aprender a ler, escrever e distinguir palavras. Alfabetizar-se é

um processo em que “a vida como biologia passa a ser biografia” (FREIRE, 1987, p.18). Não se trata somente de aprender a escrever letras e palavras e, sim, de aprender a escrever sua vida, como autor/a e testemunha de sua história.

Alfabetizar-se é aprender a ler essa palavra escrita em que sua cultura se diz, e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que há de vir. O destino criticamente recupera-se como projeto. Nesse sentido, alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura. A cultura letrada conscientiza a cultura: a consciência historiadora auto manifesta à consciência sua condição essencial de consciência histórica. Ensinar a ler as palavras ditas e ditadas é uma forma de mistificarem-se as consciências, despersonalizando-as na repetição – é a técnica da propaganda massificadora. Aprender a dizer a própria palavra é toda a pedagogia e também toda a antropologia (FREIRE, 1987, p.18).

Para Freire, a conscientização seria o processo no qual o indivíduo aprende a nomear e mudar a si mesmo e a sua situação. Tal processo é realizado por meio de uma leitura de mundo feita com um olhar sempre crítico, um compartilhamento deste mundo lido em diálogo para a produção e reconstrução do saber e, então, pela libertação e a conscientização. Como o próprio título de um de seus livros diz, ocorre “a educação como prática da liberdade”. (FREIRE, 2002, p.109-129)

Com o livro *Pedagogia do Oprimido* de Freire (1987), desenvolveu-se uma pedagogia baseada nos conceitos de humanização e práticas reflexivas. O livro estabeleceu um método de relação reconciliadora entre professor-aluno.

Trata-se de um processo pedagógico, no sentido de ser um aprendizado no aprender a se ver no mundo de maneira reflexiva, e de tornar-se sujeito de sua história na construção do ser pessoa nas práticas sociais de diálogo e libertação. É uma tarefa de aprendizado mútuo enquanto se compartilha a vida visando à humanização da própria vida e das pessoas em solidariedade, justiça e amor durante a caminhada. Tal processo de aprendizado pode somente se dar em espaços de escuta e diálogo, em uma relação onde não ocorre dominação.

Desta maneira, assim como uma educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação (FREIRE, 1987, p. 9), um aconselhamento pastoral libertador também é incompatível com um processo pedagógico no caminhar junto, que de maneira consciente ou mistificada, use de poderes unilaterais, escutas e diálogos inautênticos e adequações descontextualizados.

Santos (2010, p.17) diz que para a obtenção de uma educação libertadora, Freire indica uma ruptura com a tradicional relação pedagógica, em que os “educadores detêm o conhecimento e os estudantes são depósitos que não têm saber e devem se deixar encher”. Em

outras palavras, Freire desaconselha à relação vertical onde um lado oferece o ensino e o outro lado, a escuta submissa e passiva. Freire denomina este tipo de pedagogia de bancária ou depositária, uma vez que ela se assemelha ao relacionamento de bancos, onde as pessoas depositam os seus valores e as retiram. Pedagogia bancária reproduz os mecanismos opressores da sociedade capitalista, mantendo a divisão entre os que sabem e os que não sabem, ou seja, entre oprimidos e opressores.

Freire critica este tipo de relação pedagógica que chama de “bancária”, “pois reflete, reproduz e estimula uma sociedade opressora, enquanto anula ou minimiza o poder criativo das pessoas, incentivando sua passividade e sua criticidade” (SANTOS, 2010, p.19). Esta visão de pedagogia não promove transformações sociais, pois não desenvolvem sujeitos críticos, participantes e protagonistas na história. Na melhor das hipóteses, mesmo havendo boas intenções no ensinar, os estudantes acabarão como objetos da ação do outro que tenta impor uma pseudolibertação. Na pedagogia bancária, o educador é o que sabe e os educandos os que não sabem, o educador é o que diz a sua palavra e os educandos os que escutam inativamente.

Para Freire, a educação libertadora tem sua razão de ser na superação da relação professor-aluno da educação bancária, fundamentada no poder unilateral.

No momento em que o educador “bancário” vivesse a superação da contradição já não seria “bancário”. Já não faria depósitos. Já não tentaria domesticar. Já não prescreveria. Saber com o educandos, enquanto esses soubessem com ele, seria sua tarefa. Já não estaria a serviço da desumanização. A serviço da opressão, mas a serviço da libertação. (FREIRE, 1987, p.62)

A práxis pedagógica para a liberdade e para o ser mais não acontece de forma isolada ou individualista, mas quando ambos estão em comunhão. Na comunhão de ensino, o ser humano é libertado e, portanto, humanizado. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: Os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p.52). Santos (2010, p.19) menciona que isto só acontece quando o diálogo está relacionado com a “palavra entendida como práxis (ação - palavra) transformadora. O oposto da práxis é o discurso de libertação (reflexão sem ação) e ativismo (ação sem reflexão)”. A união entre a palavra e a ação é o que faz com que os seres humanos entrem em comunhão com sua pronuncia, com seu modo de ser no mundo em uma perspectiva transformadora.

2 Ensinar com a vida e para a vida

É sob essa perspectiva que o método da LBP auxilia o aconselhamento pastoral a assumir seu caráter de atividade pedagógica em um processo libertador, onde a meta não é transmitir conhecimentos bíblicos e teológicos. Muito mais do que isso: é aprender a crescer em humanidade, aprender a “ser mais” em contraste com o “ser menos” que a realidade apresenta. Fazer esse confronto é conduzir à libertação das consciências.

Em igrejas evangélicas, principalmente as de contextos mais populares, compreender a vida e a condição humana a partir das experiências de fé é fundamental para a prática do amor e do serviço. Não é factível, nem humanizante, um aconselhamento onde as soluções propostas são caracterizadas como exigências e sacrifícios impostos. Como muitas vezes percebe-se na forma de campanhas de orações, regras e normas em que, em nome de uma salvação, se pressupõe e exige um ser humano para além de seus limites. Obrigando assim à quase sublimação ou negação¹⁹ de sua condição de aprendente em construção, aproximando-os da ideia de uma “deificação” do humano.

No processo de cuidado do aconselhamento, a relação pedagógica pressupõe uma noção de ser humano, uma antropologia, assim como uma imagem de Deus, que tem reflexo na cosmovisão e no sentido de vida das pessoas. Quando se exige no aconselhamento pastoral que a pessoa seja e aja para além dos seus limites do momento e da sua condição humana, pressupõe-se uma antropologia equivocada, assim como uma imagem de Deus muito exigente e pouco misericordioso. É reconhecendo os limites e as potencialidades do ser humano que o aconselhamento pode ser verdadeiramente dialógico e ajudar as pessoas no seu caminho de libertação.

Sung (2010) nos lembra, citando Hugo Assmann, que a educação e a conversão, individual e coletiva, se tornam imprescindíveis para que existam predisposições para uma solidariedade efetiva, já que esta não conta com ‘instintos naturais’ adequados. Neste sentido, aprender e converter estão na mesma dimensão, de maneira que experienciar a vida é experienciar a fé. Há uma tendência de dividir a pessoa em duas partes: a que pensa e a que sente. Esta falsa divisão é uma tarefa que requer a interligação de dois campos, resgatando a relação íntima entre educação e aconselhamento. Tal resgate é a tarefa de integrar o que até

¹⁹ O termo “negação”, ou denegação, designa um processo psíquico que permite o sujeito formular negativamente o conteúdo de um desejo inconsciente. O conteúdo do desejo encontra uma expressão consciente, mas o sujeito continua a pensar que esse desejo não lhe pertence. (NEGAÇÃO. In: dicionário internacional da psicanálise. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago. 2005).

agora tem caracterizado a visão fragmentada da pessoa. Aprender a aprender como lidar com a concretude da vida e sua subjetividade na descoberta de sua “desumanização” e necessidade de se humanizar. Neste entendimento, Paulo Freire nos alerta e auxilia para um fato da tarefa pedagógica do e no aconselhamento, quando diz que

o grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização. (FREIRE, 1970, p.30)

Desta forma, uma possibilidade de encontro humanizante para que o aconselhamento pastoral tanto na forma relacional de como este se dá, como no processo todo em si seja libertador é o encontro “face a face”. O encontro “face a face” acontece,

onde as duas partes se reconhecem como seres humanos e se humanizam profundamente. Nessa relação pode ocorrer uma profunda experiência da graça, uma experiência espiritual de encontrar o rosto de Jesus no rosto do próximo necessitado. Mesmo que as duas partes não tenham consciência política da opressão estrutural, aqui ocorre algo a mais do que simples “assistencialismo”: ocorre uma experiência de humanização realmente libertadora. (ASSMANN; SUNG, 2010, p.94)

Quando o diálogo é inautêntico, ele reforça a alienação da vida e, na vida, torna-se prática comum e sem reflexão, quase um destino. O diálogo que proporciona o “face a face” pressupõe na tarefa pedagógica um aconselhamento pastoral em que haja escuta. Para Clinebell (1987, p. 72) “a arte do ouvir empático e reflexivo é essencial em toda poimênica e em todo aconselhamento”. Dietrich Bonhoeffer, neste sentido, destaca a importância de tal tarefa quando faz a denúncia:

São muitas as pessoas à procura de um ouvido que as ouça. Elas não o encontram entre os cristãos, porque eles falam quando deviam ouvir. Quem não mais ouve a seu irmão (ou irmã), em breve também não ouvirá a Deus. [...] Quem não consegue ouvir demorada e pacientemente, estará apenas conversando à toa e nunca estará realmente falando com os outros, embora não esteja consciente disso. (BONHOEFER, 1959, pp.97-98)

Para que hajam ouvidos, o aconselhamento pastoral também precisa que, tanto aconselhador/a como aconselhando/a, possuam uma relação que revele quem são e como se veem dentro do mundo, não há como ignorar isso. Ser espaço para pronunciar esses diferentes mundos é, então, proporcionar uma escuta libertadora, um diálogo.

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. (FREIRE, 1970, p.78)

Freire vai além do entendimento da relação Eu-Tu: não basta ter um “outro” reconhecido no mesmo mundo, mas é necessário um mesmo mundo reconhecido. O diálogo só é possível na medida em que há um acordo prévio sobre o mundo e a realidade a ser transformada. As partes envolvidas precisam compartilhar esse desejo de mudar o mundo na mesma direção e reconhecer que se pode aprender com o outro, que não tem a toda a verdade. Pois, quem pensa que tem toda a verdade nega a palavra ao outro e o diálogo não é possível.

Um aconselhamento que se disponibilize a pronunciar o mundo demonstra sua opção pelo diálogo como caminho, caminho este também entendido como método pedagógico que não nega o outro e apresenta a possibilidade de um novo horizonte. Para isto, tanto aconselhador/a como aconselhando/a compartilham, ao refletir a partir da fé, a existência e necessidades concretas da vida. Na unidade e na diversidade, no perdão, na acolhida aconselhador/a e aconselhando/a buscam juntos/as o agir que transforma seres humanos em sujeitos de suas histórias, sujeitos dialógicos que conquistam o mundo para a libertação, ao invés da conquista de um ao outro.

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um “sine qua” da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. Mais ainda, que o que tem a dizer não é necessariamente, por mais importante que seja, a verdade alvissareira por todos esperada. É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado. (FREIRE, 1996, p.114)

A dimensão pedagógica do aconselhamento entendida, refletida, praticada e “escutada” desta forma adquire autoridade (não como autoritarismo), satisfazendo não simplesmente necessidades imediatistas, mas mudanças de vontades e desejos em ambas as partes. Escutar é, obviamente, algo que vai mais além da capacidade e da possibilidade auditiva de cada um. Freire (1996) diz que escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade

permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro e às diferenças do outro.

Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar signifique auto anulação, pois, quando a escuta é verdadeira ela não diminui em mim, em nada, “a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias”. (FREIRE, 1996, p.117). Um movimento que se evidenciará pela sua opção no caminhar junto, sem sequestro da palavra do outro, escutando, mudando junto, criando junto, libertando-se junto.

A escuta é uma arte, e pode ser esvaziada com uma atitude mecânica ou repetitiva. As técnicas da escuta são relevantes, mas precisa de uma vivência relacional que envolve razão, emoção, espiritualidade, corpo, falas e silêncios. Evidentemente que acolher técnicas de aconselhamento nos desafia a uma práxis vocacional que não esquece seu princípio: o vínculo libertador. (PAULA, 2013, p.16)

No desenvolvimento de nosso pensamento, a LPB contribui junto ao aconselhamento pastoral sempre na dinâmica relacional que provém da experiência da vida e fé e de uma hermenêutica bíblica que proporcione um diálogo desprovido de poderes unilaterais. Paula (2013) destaca que a escuta não é desenvolvida espontaneamente, mas pode ser aprendida. Como pessoas, temos esta capacidade e precisamos detectar o que nos incomoda e/ou pode nos paralisar no exercício da escuta. Provavelmente, o que dificulta o exercício da escuta esteja diretamente relacionado com nossa história de vida e dos momentos em que fomos silenciados/as quando precisávamos falar (PAULA, 2013, p. 18). A realidade em que vivemos condiciona todo nosso processo de formação, as nossas propostas e práticas pedagógicas durante a vida, processo este reproduzido também no aconselhamento pastoral.

Nesta dinâmica o aprender escutar também é ensinar, também é diálogo. No mundo ocidental o mais comum é pensarmos com os “olhos”, as reflexões geralmente são a partir de quem vê e assim se exteriorizam nas relações. A tradição do mundo semita e, especialmente, do mundo bíblico, por sua vez, tende a priorizar a tarefa do “ouvir”: a reflexão assim parte do outro. Da mesma forma, a prática do ensinar se difere nos dois entendimentos. Mendonça (2014) nos dá um exemplo interessante quando diz que, diferentemente da língua hebraica, a ação de aprender é entendida separadamente da ação de ensinar na língua portuguesa. O dicionário Houaiss, nos oferece as seguintes definições para o termo *Aprender*: Adquirir

conhecimento (de), a partir de estudo; instruir-se. Adquirir habilidade prática ou vir a ter melhor compreensão de algo. *Ensinar*: Doutrinar, lecionar; Instruir, explicar ou treinar²⁰.

Segundo a definição do dicionário, aprender e ensinar são ações distintas, porque são dois momentos distintos. No hebraico bíblico, “aprender e ensinar são conceitos de um único verbo”. Na sociedade israelita antiga, o “aprender com intensidade possibilitava alguém a ensinar. O aprendizado decorre do ensino e o ensino do aprendizado”. (MENDONÇA, 2014 p.4). Conforme Siqueira

é uma dialética que promove o bem-estar e o progresso da vida. Trata-se de um fértil diálogo em que discípulos e mestres, acentuadamente, aprendem para a prática da vida. [...] Apesar da imensa distância entre Israel bíblico e o Brasil dos tempos modernos, é preciso estar atento a essas insinuações. (SIQUEIRA, 2011, p.73,74)

Na maioria das vezes a principal função dos aconselhadores/as é ouvir e auxiliar os/as aconselhados/as que de forma “caótica” dizem seus problemas, crises, dores e dúvidas. Cabe ao aconselhamento mediar este diálogo ajudando o organizar “para”, revelando caminhos possíveis. Descobrir uma linguagem que alcance essa dimensão é desprezar uma mera transmissão de valores e conceitos, faça isso ou faça aquilo, é, sim, superar a contradição aconselhador/a *versus* aconselhando/a, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente aconselhadores/as e aconselhados/as.

De acordo com Segundo (2000, p.396), quem comunica algo envia ao seu interlocutor “uma diferença que faz uma diferença”. Ele, ao tratar do tema da revelação na tradição bíblica, afirma que algo que não se conhece ou não sabe o que é não se acrescenta ao que já se conhece ou entende. Da mesma maneira que, mesmo que se entenda, se essa diferença não muda em nada, por não diferenciar, na vida de quem recebe a mensagem, tão pouco se comunica nada.

A diferença transmitida começa a significar – a comunicação começa a se estabelecer- quando o receptor percebe o que aquela deve afeta ou mudar em sua própria existência ou conduta. Isto é, quando a diferença percebida se relaciona com a outra diferença correlativa (não idêntica) que deve afetar a existência do receptor. [...] Somente quando todo esse processo se realizar, dar-se-á uma verdadeira comunicação: uma diferença terá produzido uma diferença (de outra ordem). (SEGUNDO, 2000, p.397-398)

A revelação tem que ser compreensiva ao ser humano: é pedagógica. Seja em nome de Deus ou como educador/a ou aconselhador/a, transmitir um saber que não altera um modo de viver não é sabedoria. Para Segundo, Deus revela, não para que o ser humano saiba algo, mas

²⁰ Cf. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.261,262; 1159.

para que esse seja diferente, melhor. Assim, muda-se o conceito de saber associado à revelação e a vida religiosa. A revelação é entendida aqui como um meio pedagógico de ser humano aprender a aprender a ser mais humano. Desta maneira, aprender a aprender não é receber e assimilar conteúdo, dados ou informações para que a pessoa saiba mais, mas para que ela seja mais humana.

A “revelação divina” não é um depósito de informações corretas, mas um processo pedagógico verdadeiro. A revelação que Deus faz de si próprio e do homem não consiste em acumular informações corretas a esse respeito. É um “processo”, um crescimento em humanidade, e nele o homem não aprende “coisas”. Aprende a aprender. (SEGUNDO, 2000, p. 404-405)

Aprender a aprender a ser humano. Se o ser humano é um ser inacabado, ele tem que aprender a se tornar humano. Para tanto, ele precisa de um modelo de ser humano. Mas surge a pergunta; em meio a este processo, quem estabelece ou quem se apresenta como este humano utópico? Quando se assume algum modelo de humano, ele nunca é visto como opressor e isto é um perigo constante também dentro do aconselhamento, tanto na forma relacional de como este se dá, como no processo todo em si.

3 Aprender a aprender caminhar junto

No livro *Jesus da Escuta Amorosa*, Mesters e Miranda (2010), ao relacionarem a pessoa de Jesus com conceitos de abordagem desenvolvidos por Carl Rogers, afirmam que suas posturas o fazem uma pessoa capaz de ser um ajudador, mais do que isso o fazem alguém — significativo. De modo geral, essas posturas são ações que envolvem a aceitação do outro, partindo do princípio de que ele é o melhor que pode ser, mas que pode evoluir e crescer física, emocional, intelectual e espiritualmente; gerando confiança, diálogo e libertação. Sendo assim, neste entendimento e, na busca de um modelo de humano, a pedagogia de Jesus pode nos levar a um modelo utópico de ser humano.

Na interpretação de Mesters e Orofino (2004, p.69), a pedagogia de uma pessoa revela quem ela é. Pensar a pedagogia de Jesus a partir de suas práticas e também da sua própria experiência de vida e formação é “mergulhar na sua vida, no seu ambiente, nas suas relações, na sua fala, no seu pensamento, bem como na sua maneira de oferecer esta proposta de vida”.

Segundo Mesters e Orofino (2004) Jesus tinha um jeito, uma maneira de transmitir informação. Essa “pedagogia”, muito mais que ensinar doutrinas, era um modo de ensinar a

aprender. Jesus de maneira direta e concreta convive e se relaciona com pessoas fazendo-lhes uma nova proposta para que acreditem que o reinado de Deus é chegado e mudem de vida. Mas faz isso com sua experiência de vida, com a bagagem que traz da vida concreta e simples, praticamente anônima para nós.

Mesters e Ourofino (2004) apresentam o que eles chamam de as várias escolas de Jesus. Os autores relatam como o contexto histórico, cultural, religioso, político e socioeconômico da época do Cristo contribuíram para a sua formação. Jesus assumiu todos os condicionamentos de ser humano pelo simples fato de nascer, e fez isso onde eles pesam mais na vida, isto é, no meio dos pobres. “E essas coisas ninguém escolhe, elas fazem parte da existência humana, são o ponto de partida para qualquer coisa que se queira fazer na vida. É o mistério da encarnação!” (MESTERS; OROFINO, 2004, p.72).

Assim, Jesus aprendeu de lavradores, donas de casa, carpinteiros, analfabetos; a vida em casa foi escola. Família naquela época era muita gente, seu clã contribuiu para que na convivência com pessoas de diferentes idades e histórias aprendesse a respeitar, amar, obedecer, falar, ser ouvido, trabalhar, pensar e ter uma religião.

A tradição e a Bíblia também foram as escolas de Jesus, os ensinamentos em sinagogas nas comunidades era prática comum naquele tempo. Igualmente, aprendeu com as Escrituras como preservar os elementos necessários para viver a fé e reconhecer a autoridade dos escribas e sacerdotes, no entanto, confrontava esses ensinamentos com a realidade da vida do povo e de sua própria experiência de Deus na vida. Foi educado para resistir e preservar sua tradição do império Greco Romano e suas influências.

Jesus, ainda, sofreu o acolhimento e a rejeição do povo. Ele trabalhou para sobreviver, e foi explorado por cobradores tão injustos quantos os impostos por eles cobrados. Aprendeu a viver em um mundo dominado e segregado, e a sobreviver em meio aos preconceitos contra as mulheres, os doentes, os estrangeiros, os pobres e os tabus.

Mas o que realmente fez diferença foi que, ao experienciar sua fé e seus momentos de intimidade com Deus como pai e consigo mesmo, Jesus não podia concordar com a imagem de Deus ensinada e nem com a leitura de mundo feita. “Logo, ele foi descobrindo que os apelos da vida humana falam mais de Deus que todos os preceitos e mandamentos transmitidos pela Bíblia”. (MESTERS; OROFINO, 2004, p.77)

A política dos romanos e do imperador, junto com a opressão e injustiça das práticas religiosas centradas em sacrifícios e dízimos, geravam seres humanos doentes, órfãos, possessos, pobres, mendigos, excluídos. Assim como fortes oposições a esse sistema, a vida comunitária de seu povo fê-lo perceber a desintegração de seus relacionamentos, sua

desumanização. A partir de suas experiências na vida e a realidade do povo Jesus escolheu sua missão, sua práxis. Sua ação se fez “autêntica práxis, pois seu saber se faz objeto de reflexão crítica”. (FREIRE, 1987, p.52)

Jesus inaugurou sua missão por meio das suas opções de vida, de maneira consciente opta pelos doentes, pobres, marginalizados e sem voz. Sua opção é sua primeira proposta formativa, por ela é reconhecido como mestre (Jo. 1 38). Seu trabalho educativo começou nas situações emergentes e limites, sintetizando essa opção em um ditado simples e até óbvio: “Não são os sadios que necessitam de médico, mas os enfermos” (Mc 2,17).

E aqui percebemos duas coisas bem importantes: Jesus adquiriu autoridade reconhecida e seu estilo de vida revelou sua pedagogia, não somente ensinando, mas apresentando sua prática com o exemplo de suas ações. Em concordância, Comblin afirma que

autoridade consiste em fazer com que o povo aceite o que é para o seu bem, para além do querer imediato, não se deixando enganar pelas aparências. Essa também é a função dos educadores. Por isso o educador não existe para satisfazer a vontade imediatista dos educandos, mas para mudar-lhes essa vontade. [...] A autoridade é necessária porque as pessoas não se movem até não encontrar uma pessoa “inspiradora”, “forte”, capaz de atrair, uma pessoa de quem emana energia, segurança, fé, tranquilidade, com quem se estabelece identidade. Sem líder dotado de autoridade, ninguém se move. (COMBLIN, 1998, p.7)

Jesus rompe com o sistema e se mostra diferente deste quando vai ao encontro das pessoas pobres e as consideradas pecadoras; sai dos templos e das sinagogas para conviver e se relacionar diretamente com elas, suas necessidades e dores. A prática deste acolhimento faz com que as pessoas revejam suas vidas e queiram segui-lo, queiram aprender dele. Esta prática impulsiona as pessoas para que se movam, de forma que, “Antes de propor ou expor um conteúdo básico doutrinário, Jesus propõe a estas pessoas um caminho de vida.” (MESTERS; OROFINO, 2004, p.79).

Jesus acolhe as pessoas diante das situações limite e sofridas da vida. Ele apresenta mais do que uma solução imediata a essas pessoas quando as alimenta, cura, devolve para o convívio da sociedade que as excluía e denuncia o sistema opressor. Assim, ele apresenta a possibilidade de mudança real, um novo jeito de viver e se ver no mundo em liberdade. Na proposta de Jesus, de Reino de Deus e suas práticas, há uma dimensão pedagógica que em seu método pode ser resumido na palavra “seguir”.

Seguindo o mestre, o discípulo deve aprender sabendo conviver com ele. Só entenderemos o método pedagógico de Jesus se entendermos sua prática formativa desenvolvida na convivência com as pessoas que o seguiam. Formando uma comunidade com seus discípulos, Jesus aponta como

caminho pedagógico sua prática de ser um com eles. (MESTERS; OROFINO, 2004, p.80)

De maneira dialógica, Jesus convida toda e qualquer pessoa a segui-lo e refletir o mundo a partir de fatos corriqueiros, comuns e concretos da vida. Esse convite supera as diferenças e regras da sociedade vigente. Pobres, ricos, doentes, sãos, senhores, escravos, homens, mulheres, crianças, estrangeiros, de diferentes culturas, religiões e ocupações começam a segui-lo.

Sua proposta era de construir uma comunidade que traduzisse toda a diversidade da sociedade de seu tempo e, ao mesmo tempo, mostrasse a possibilidade de uma reconciliação social, onde todas as correntes encontrassem um espaço de convivência. (MESTERS; OROFINO, 2004, p.79)

Tarefa essa quase inimaginável de se conseguir, homens aceitarem mulheres em igualdade dentro do grupo, publicanos conviverem com zelotas (ativista contrário a ocupação romana), diferentes mundos, mas em seus relacionamentos e convite, através de suas práticas e modo de ser, Jesus viabiliza essa nova possibilidade: ser caminho de vida. Ele supera essas barreiras enquanto come, anda, chora, ri e participa de suas vidas. Mesters e Orofino (2004) descrevem como de maneira participativa e libertadora a pedagogia de Jesus gera maturidade e autonomia. Jesus ultrapassa os preconceitos expondo suas necessidades e fraquezas, de maneira paciente e desarmada. Quando pediu água à mulher samaritana, mostrou uma carência que só o trabalho daquela mulher poderia sanar (Jo 4,9), humildade e amor precediam seus atos. Como diz Freire,

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. (FREIRE, 1970, p.80)

Mesters e Orofino (2004) alegam que Jesus sempre se mostra amável, carinhoso, preocupado, compreensivo, realista, comprometido, pacificador, misericordioso, sábio, homem de oração, que aparece sempre orando antes de todos momentos importantes, livre e liberto desperta e provoca liberdade e libertação. “Numa palavra, Jesus é humano, muito humano, tão humano como só Deus pode ser humano!”.

Entre suas opções pedagógicas, o ensinar por parábolas, historietas, “causos” que eram comuns à cultura e linguagem local, se faz recorrente. Mais que comparações revelam um saber popular, um modo de analisar e refletir a vida partindo de situações e exemplos reais do dia a dia. São histórias que só se completam com participação ativa de quem ouve. Não há um final pronto ou um único ensino apreendido. Diante da sua proposta os ouvintes são

convidados a tomarem uma posição que não pode ser separada de seus contextos, nem excluídas de sua situação. É uma pedagogia aberta e livre de fácil compreensão, mas desafiadora e reflexiva.

Reflexiva e desafiadora porque as situações apresentadas dentro das parábolas parecem, em sua maioria, ilógicas. Os autores indicam que na verdade são alógicas, ou seja, revelam uma lógica diferente daquela com a qual estamos acostumados a lidar no dia a dia. Por exemplo, nenhum patrão contrata trabalhadores faltando poucas horas para acabar o dia e paga igualmente a todos o mesmo valor, (Mat. 20, 1-16).

É preciso enxergar por outra ótica, confrontar, revelar sistemas opressores, imaginar outra vida possível. Comunica que de maneira nenhuma, as atitudes, lógica de Deus e sua justiça podem ser confundidas com a justiça construída na lógica humana vigente.

Deste modo, pelo seu jeito de ser e pelo testemunho de sua vida, Jesus encarna o amor de Deus e o **revela** aos seus discípulos (Mc 6,31; Mat. 10, 30; Lc 15,11-32). Tornava-se para eles uma pessoa significativa que os marcou pelo resto de suas vidas como “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6). (MESTERS; OROFINO, 2004, p.84)

Sendo assim, revelação é um meio de aprender a aprender a ser humano. Aprender a aprender, então, não é adquirir qualquer tipo de informação, para que a pessoa seja aquela que sabe mais, mas para que ela se torne mais humana. Para Jesus, conseqüentemente, verdade não é uma formulação de conceitos, mas um processo de modo de viver.

Com efeito, a revelação mais completa, total e pessoal de Deus é ao mesmo tempo e de modo indivisível, a mesma revelação sobre o que é o homem e sobre qual é o seu sentido: “A mesma revelação do Pai e de seu amor (em Cristo) manifesta plenamente o homem ao próprio homem e descobre-lhe a sublimidade de seu destino”. [...] a “revelação” de Deus não está destinada a que o homem saiba algo (daquilo que, de outra maneira, ser-lhe-ia impossível ou difícil saber), mas a que o homem seja de outra maneira e viva num nível mais humano. (SEGUNDO, 2000, p. 398)

A repetição de doutrinas não modifica as pessoas e, logo, não é revelação. A revelação tem que ser compreensiva ao ser humano: é pedagógica. Problematizar a vida de maneira reflexiva e partindo da realidade, assim como nas parábolas de Jesus abre espaço para a liberdade de escolhas, não cabem direcionamentos unilaterais ou intencionais, não pode haver proselitismo nem ignorar as diferentes formas de experienciar a fé e viver a espiritualidade. Segundo (2010, p. 399) nos lembra de que ao cristão, não bastará entender a verdade de Deus e a lógica de justiça por ele comunicada, enquanto não conseguir convertê-la em “diferença” humanizadora na história, individual e/ou coletiva.

Tais práticas levam ao aprendizado em comunhão, que em humildade e amor, produzem atos e pessoas significantes. Aprender ser humano é aprender com os erros,

Jesus ensina que errar faz parte da nossa condição e entender isso nos leva a perdoar, a nós mesmos e a outros todas as vezes que erramos e arrependemos e perseveramos na caminhada e luta. Na medida em que não se espera do ser humano mais do que ele pode dar, a convivência se torna mais humana. (ASSMANN; SUNG, 2010, p.166).

É em meio aos acertos e erros que o verdadeiro processo pedagógico acontece, permitindo e gerando autonomia e maturidade. A prática de Jesus, junto com seus sinais e milagres, demonstra isto quando permite que as pessoas fiquem de pé e se sustentem com suas próprias pernas. Não cria dependência, mas ensina que uma vez de pé haverá um esforço contínuo na busca de sua autonomia e liberdade.

Como nos lembra Sung (2012, p. 178), a noção de modelo de humano, esta sendo usada aqui como referência e não como uma forma. “É preciso o testemunho de vidas das pessoas que nos mostrem que vale a pena apostar a nossa vida nesse sentido, em uma aprendizagem experiencial que faça os/as educandos/as” (aconselhando/as) “experimentarem corporal e existencialmente a validade dessa aposta e uma narrativa que lhe dê sentido em um nível mais amplo”. É claro que tanto essas narrativas como essas pessoas “estudadas” devem ser de diferentes tradições humanísticas, religiosas ou não, em consequência da sociedade pluralista em que vivemos. Mas especialmente nos grupos evangélicos, é certo que a pessoa de Jesus é inspiradora como modelo de humanização em solidariedade.

4 Aprender a partilhar em comunhão

Na prática do método da LPB, o momento da celebração sempre acontece em comunidade e vincula duas dimensões que, de maneira integrada, iluminam e fortalecem o sentido para a esperança na caminhada. A noção de grupo e a espiritualidade acontecem na comunhão, na diversidade de histórias e vivências experimentadas.

A espiritualidade é o fermento que faz crescer a esperança, é o que anima e aquece o coração em meio a um mundo marcado pela frieza e secura das relações. Como os três caminhantes que seguem para de Emaús (Luc. 24 13-35) e celebram juntos a confiança construída no processo da partilha, é a comunhão que “esquenta o coração”. A partilha do pão da vida, do aconchego é que vira fermento, mística e espiritualidade que move o corpo para empreender uma nova jornada. (NEUENFELDT, in BEOZZO (Org.), 2004, 102).

Para Clinebell (1987, p.338), “no Aconselhamento Pastoral os métodos de assistência e aconselhamento em grupo constituem o recurso mais fecundo para a ampliação e o aprofundamento do ministério de cura e crescimento de uma igreja”. Isto é, o aconselhamento pastoral comunitário envolve a poimênica, a ação pastoral da comunidade. Lothar Carlos Hoch também desenvolve o conceito de comunidade terapêutica como ação da própria comunidade em prol da sua saúde. O aconselhamento pastoral comunitário contextual

é realizado tanto por leigos como por clérigos e implica a ideia de uma comunidade que cuida porque ela é cuidada por Deus. Patton fundamenta esta perspectiva no paradigma do contexto bíblico, onde a lembrança do cuidado de Deus para com seu povo aconteceu durante toda a história judaico-cristã. (STRECK, 1999, p.115-116)

Sidnei Vilmar Noé (2003, p.10-11) faz uma síntese do que poderia se nominar como sendo uma “comunidade terapêutica”. Tentaremos resumir aqui suas ideias. Em primeiro lugar, o autor comenta que em termos teológicos, ‘comunidade terapêutica’ é uma redundância. Porém, uma redundância necessária, à medida que reforça a necessidade do resgate desse caráter terapêutico como primordial. Comunidade terapêutica não tem a intenção de tornar todos iguais, mas sim de aprender a conviver na pluralidade e na diferença. Também busca proporcionar a redescoberta dos elementos terapêuticos contidos na Bíblia e na tradição cristã, como a compreensão de Deus e do ser humano, alicerçando critérios para o diálogo.

A dimensão diaconal, o serviço, faz parte do caráter vivido no contexto da própria comunidade, na qual se auxilia e se cuida do outro, tanto dentro como fora desta; a comunidade é terapêutica, quando atenta para a relação entre a fé e os demais elementos que compõem a unidade do ser humano (saúde emocional, orgânico-física, social, econômica). A comunidade ou grupo são terapêuticos, na medida em que sejam constituídos por um clima que promova a saúde e o bem-estar biopsicossocial- espiritual das pessoas. Essa atmosfera pode ser cultivada a partir da aprendizagem de algumas competências psicossociais de seus integrantes, por exemplo, acolher, ouvir, respeitar, interessar-se pelo outro, ajudar. Por fim, Sidnei Vilmar Noé (2003) diz que comunidade ou grupo terapêutico é procurar recriar espaços de convivência para reumanizar o ser humano.

Interessante é acrescentarmos que, mesmo que não haja pessoas treinadas nas habilidades de ajuda nos relacionamentos interpessoais, grupos que possuam tais características têm efeito terapêutico. Um exemplo disso são grupos de mulheres, em comunidades pentecostais, que se reúnem em suas casas com o intuito de realizarem reuniões

de orações (particularmente, participei ativamente de um). Neste grupo, anotavam-se os pedidos de oração, compartilhavam-se as necessidades: filhos com problemas afetivos, desemprego, doenças, antecipação de uma vaga de atendimento médico no SUS, casos de violência envolvendo pessoas próximas ou distantes, compra da casa própria, tristezas, pedidos para que os corações de maridos se convertam, entre muitos outros. Cantava-se, lia-se a Bíblia; estas mulheres encontravam espaço para chorarem sem serem julgadas, receberem afeto e serem abraçadas. Também era momento para agradecer, celebrar as conquistas, reconhecer soluções alcançadas, preces atendidas e demonstrar que, em meio à luta, obtiveram forças, pois havia mais alguém orando por elas e, assim, não se sentiam sozinhas.

Nessa reunião de oração, recebiam o diferente, acolhiam pessoas de outras religiões ou credos, enxergavam a pessoa e sua necessidade antes do dogma, pois acreditam que Deus é engrandecido, quando essas pessoas, junto a elas, recebem suas bênçãos. Muitas vezes, realmente não poucas, em nome da certeza de terem tido uma revelação do Espírito de Deus, mobilizavam campanhas de cestas básicas, roupas, materiais escolares e, juntas, proviam necessidades das menos favorecidas e seus filhos/as. Desta forma, dividiam alegrias e tristezas, apoiavam-se e promoviam um ambiente terapêutico em que podiam reconhecer-se como sujeitos dignos para construir suas histórias.

Paula (2011) comenta ser inconcebível a concepção de um aconselhamento pastoral comunitário que não contribua, de forma significativa, para o estabelecimento da relação entre o cuidado pastoral e a cidadania. Anete Roesse, de maneira clara, demonstra a importância dessa relação quando diz que

a interação humana é contraponto da individualidade. A individualidade só tem sentido desde a interação. No grupo, o encontro com o outro ser permite encurtar o caminho em busca de uma resolução ou de uma resposta para a vida. O encontro profundo com outro ser humano é o encontro profundo consigo mesmo. E o grupo é o lugar para criar e resignificar experiências, encontrar sentido, experimentar outras relações, desconstruir estruturas sociais injustas, simbolizar novas imagens divinas, religiosas e espirituais através do cuidado mútuo e do encontro. Lugar de cuidado mútuo é lugar de convivência, é lugar de perdão, de bênção de Deus. Nesse processo é possível resgatar pessoas que estão na beira da estrada de sua vida como sementes sem forças para germinar. O grupo há que ser um lugar de ensaiar relações baseadas na responsabilidade recíproca. (ROESE, 2007, p. 21)

Torna-se, assim, ambiente propício para o desenvolvimento tanto de um aconselhamento de cunho mais educativo, com assuntos e abordagens específicas e de interesse comum - sexualidade de jovens, namoro, casamento, vocação profissional, drogas, violência, idosos etc. - como grupo terapêutico em que se partilham dores, dificuldades,

dúvidas e experiências, de alguma forma, parecidas, como enlutados/as, divorciados/as, mulheres que sofrem ou sofreram violência doméstica, enfermos, doentes terminais, desempregados/as, vítimas de todo tipo de violência, empobrecimento e exclusão.

A prática de respeito e de reconhecimento da diversidade é força motora na convivência de relações de afeto e carinho. Estas relações são o espaço da revelação de Deus, são lugares de sentir o abraço de Deus. É uma espiritualidade de luta e resistência, que não acomoda, mas conforta que não tapa os olhos, mas ajuda a olhar para muitos lados. É uma mística que é vivenciada no meio do povo empobrecido, que sofre em seu corpo as exclusões. Esta mística é comunitária, porque revela o testemunho e o compromisso diário, nas relações nossas de cada dia, nas pequenas coisas como nas grandes coisas, em níveis micro e macro. (NEUENFELDT, in BEOZZO (Org.), 2004, p. 113).

Um aconselhamento pastoral comunitário que celebre a comunhão em ajuda com as contribuições da LPB pressupõe um relacionamento dialógico entre aconselhador/a e aconselhando/a, o que também implica em outro ponto imprescindível: o preparo e a formação de quem mediará esses encontros, de maneira que a vida e a Bíblia sejam partilhadas para a promoção do cuidado em escuta libertadora e possibilidade de cura.

Uma chave para o êxito do grupo e o relacionamento em diálogo é o acolhimento; a empatia, o jeito alegre de cumprimentar, o toque, quando aceito, o simples fato de lembrar o nome fazem toda a diferença, assim como saber calar, esperar que o outro seja, ache seu espaço, e se sinta confortável para falar e ser ouvido. Em aconselhamentos comunitários, aprende-se que o silêncio é terra fértil e que dele nascem frutos; aprende-se a ser enquanto se dá espaço para o outro se pronunciar.

A LPB conceitua sua hermenêutica considerando a realidade contemporânea para poder compreender aspectos da fé e da confiança no testemunho bíblico, mas ela também possibilita uma hermenêutica da confiança. Sinner define o termo *hermenêutica da confiança* como

compreender a convivência com outras pessoas a partir da confiança. Como leio a Bíblia e ela me lê, assim leio pessoas e elas me leem. Meu relacionamento com outras pessoas depende da percepção que tenho delas. Por um lado, minha confiança vai ser influenciada pelo comportamento das pessoas. Eis a confiança informada. Por outro lado, eu posso ver as pessoas de forma diferente, como imagem e semelhança de Deus, portadoras de uma profunda dignidade. Essa visão das pessoas a partir da fé cria uma ética maior que orienta meu comportamento em relação às pessoas. Daqui nasce confiança que aposta, que faz um investimento prévio e se mostra como uma dádiva. (SINNER, 2007, p.19-20)

Uma confiança que aposta implica pensar que possa existir um horizonte de possibilidades a ser preenchido pela criação da liberdade que se faz história pelo intermédio

das ações humanas. Ações de solidariedade em um espaço comunitário no qual se procura partilhar experiências de vida e sabedorias de forma horizontal e circular geram esperança.

A esperança vê o que não existe no presente. Existe só no futuro, na imaginação. A imaginação é o lugar onde as coisas que não existem, existem. Este é o mistério da alma humana: somos ajudados pelo que não existe. Quando temos esperança, o futuro se apossa dos nossos corpos. E dançamos. Quem é possuído pela esperança fica grávido de futuros. (Alves, 2007, p. 83-87)

No desafio de saber quem somos e nosso lugar no mundo, enfrentando as lidas diárias do simples viver, procurar auxílio ou respostas acaba por afirmar a necessidade de liberdade e de sentido, mesmo na sua negação. Desta forma, o aconselhamento acaba muitas vezes resultando em conflito entre a realidade vivida e a realidade da vida.

A necessidade de mudança reafirma-se nas contradições formais, performativas ou pragmáticas, em que o ato da fala sempre nega o conteúdo. Para tanto, faz-se necessário imaginar, vislumbrar a possibilidade de um mundo diferente; mudanças geram conflito, dor e sofrimento. A capacidade de suportar o sofrimento durante a tomada de consciência das realidades e do mundo da vida ou das situações de opressão expõe nossos limites, fragilidades e indignidades. Sendo assim, para vislumbrar um futuro possível, melhor é preciso coragem, força e esperança. Força para se movimentar e renegar a inércia que paralisa a coragem de enfrentar a insegurança que a responsabilidade da liberdade para escolher traz consigo. Esperança, segundo Rubem Alves, é o oposto do otimismo.

Otimismo é quando, sendo primavera do lado de fora, nasce a primavera do lado de dentro. Esperança é quando, sendo seca absoluta do lado de fora, continuam as fontes a borbulhar dentro do coração. Otimismo é alegria por causa de: coisa humana, natural. Esperança é alegria a despeito de: coisa divina. O otimismo tem suas raízes no tempo. A esperança tem suas raízes na eternidade. O otimismo se alimenta de grandes coisas. Sem elas, ele morre. A esperança se alimenta de pequenas coisas. Nas pequenas coisas ela floresce. (ALVES, 2003, p.)

“Existe beleza na inconclusão humana. Esperança é vocação ontológica dos homens e das mulheres” (FREIRE, 1987). Deste modo, a alegria e a esperança não são recompensa nem prêmio, elas se encontram misturadas na vida e simplesmente é feliz quem da vida provar e esperar o todo do tudo de misturado que nela há.

O Aconselhamento Pastoral que se deixa iluminar por uma hermenêutica bíblica que lê a vida pode promover “Bem-Aventuranças”. Assim como Mesters, lembramos que Jesus ensinou que Bem-Aventurados, felizes “são” os pobres em espírito, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os mansos, os aflitos ou os que choram, os puros de coração, os

pacificadores e todos os que são perseguidos por causa da justiça (MT. 5). O texto apresenta cada uma dessas pessoas como já sendo felizes e o próprio texto responde o porquê. Quando Jesus diz “Bem-aventurados os que choram porque serão consolados”, não significa que o consolo seja um prêmio pelo choro e nem significa que só se chorarmos poderemos ser felizes, mas nos ensina que há felicidade mesmo quando existe choro, e misturado com ele sempre haverá a possibilidade de experimentar o consolo.

Dentre tantas situações que parecem ser contraditórias, daquilo que parece ser a salvação e a felicidade, Jesus mostra outro jeito de pensar a vida. Jesus queria que tomassem consciência do amor do Pai que o animava por dentro, e que, assim como ele mesmo, encontrassem em Deus a fonte da felicidade. Sendo assim, enquanto se é “feliz”, encontra-se o Reino de Deus, sacia-se de justiça, a paz emana e há consolo. Na fragilidade da vida, somos feitos filhos de Deus, somos abraçados pela misericórdia e podemos ter a esperança de ver Deus.

“Bem-aventurado quem for capaz de uma boa conversa; ele vai encontrar alívio para sua dor” (MESTERS, 2010, p.16).

Considerações Finais

O Aconselhamento Pastoral pretende, na história individual e coletiva das pessoas, suscitar esperança, não só para um futuro próximo, mas durante a caminhada na vida. Trata-se de um caminho a ser desenvolvido e vivenciado, nas celebrações da vida, nas práticas eclesiais e na sociedade. Na história do Aconselhamento Pastoral no Brasil, vimos que a maioria dos livros e quase todo o alicerce do método e teoria prática são influenciados por traduções de livros escritos para a realidade e contexto estadunidense que, embora de certa forma fossem adaptados para a nossa realidade, demonstram limites a serem considerados. Por meio da identificação dada por Christoph Schneider-Harpprecht (1998), analisamos os quatro modelos teóricos predominantes no aconselhamento na América Latina e Brasil.

O modelo fundamentalista de Jay Adams, em que aconselhar é dar conselhos, também chamado aconselhamento noutético, advoga que o homem, ao invés de se desculpar ou atribuir culpa aos outros, deve assumir a responsabilidade e a culpa, declarar-se réu convicto, confessar-se, procurar o perdão em Cristo. Seu método principal é a confrontação e o uso exclusivo da Bíblia em total rejeição de qualquer ajuda da psicologia ou de outra ciência humana.

O modelo evangelical de psicologia pastoral representado por Gary Collins, por sua vez, diz que o aconselhamento é, primariamente, uma relação em que uma pessoa, o ajudador, busca assistir outro ser humano nos problemas da vida. O aconselhamento cristão deve fundamentar-se sobre a Bíblia como sendo a Palavra de Deus e deve estar em conformidade com a Grande Comissão, na qual Jesus ordenou a seus seguidores que fizessem discípulos de todas as nações. Neste método, a psicologia é aceita desde que seja legitimada ou submetida ao crivo da Bíblia.

O modelo holístico de libertação e crescimento de Howard Clinebell baseia-se em dois conceitos. O primeiro é chamado poimênica, ou seja, o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade durante todo o ciclo da vida. O segundo conceito é o entendimento de que aconselhamento pastoral constitui uma dimensão da poimênica. É a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos)

incluindo o aporte das ciências humanas, principalmente da psicologia, para ajudar as pessoas a lidarem com seus problemas e crises de uma forma condizente ao crescimento e, assim, experimentar a cura.

Por fim, o modelo contextual de uma poimênica de libertação, representado por Richard H. Wangen, afirma que poimênica é a práxis do evangelho, não sendo somente uma ação minha para com o outro, mas igualmente uma resposta minha ao apelo do outro. Ele ressalta a importância de lembrar que eu preciso compreender e respeitar as preocupações e motivações que moveram o outro a me procurar para pedir auxílio.

Lothar Carlos Hoch, por sua vez, considera a poimênica como a intervenção pastoral e comunitária em amor fraternal que visa restaurar a vida, em todas as suas dimensões, ali onde ela se encontra ameaçada, por meio de uma ação libertadora que busca restabelecer um relacionamento sadio da pessoa consigo mesma, com a sociedade e com Deus.

Para Christoph Schneider-Harpprecht, aconselhamento é descobrir com as pessoas, em diferentes situações de sua vida, especialmente em conflitos e crises, o significado concreto da liberdade cristã dos pecadores, cujo direito de viver e autoaceitação vêm da graça de Deus. O seu objetivo é também ajudá-las para que possam viver a relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo de uma maneira consciente, madura e adulta. Isto inclui a capacitação de pessoas para assumirem a sua responsabilidade como cidadãos que se engajam em favor de uma melhora das condições de vida do seu povo numa sociedade livre, democrática e justa.

Desta forma, vimos que, embora sejam abordagens diferentes e que tenham se adaptado à realidade e às demandas de nossas igrejas no Brasil, tanto aquelas de tradição mais evangélicas e abertas à contribuição da psicologia quanto aquelas de crença fundamentalista de total rejeição a qualquer enfoque científico, ambas as suas contribuições são limitadas.

Verificamos os limites de cada uma dessas “escolas” que, de maneira efetiva, não contribuem para que os objetivos propostos por elas mesmas se realizem no Aconselhamento Pastoral. Dentre eles, está o fato de que, em sua maioria, não abordam o contexto brasileiro organizacional de igrejas, econômico, social e ético, os conflitos de exclusões étnicas e de cultura plural, como base para sua teologia que fundamenta o aconselhamento pastoral. Desta forma, não incluem a dimensão da pluralidade cultural religiosa popular com suas benzeduras e rituais como terapia e cuidado. Ainda, e principalmente, não são os métodos mais apropriados para pessoas que vêm do meio evangélico.

Entendemos e observamos que a prática de aconselhamento de cultura mais popular religiosa como, por exemplo, a de tradição pentecostal é comumente mais realizada por leigos/as e se comunica pouco com o mundo da psicologia e da teologia pastoral. Ainda

percebemos que, com algumas exceções, a prática de aconselhamento realizada por profissionais de teologia e psicologia fica presa ao atendimento da classe média de cultura ilustrada, reproduzindo as concepções psicológicas elaboradas pela cultura dominante, não conseguindo se relacionar bem com a cultura popular e não lidando adequadamente com expressões e linguagens culturais diferentes.

Outro fator importantíssimo é como a Bíblia pode e deve ser um eixo condutor no Aconselhamento Pastoral, mas sem o biblicismo, em que a Bíblia é o fim em si mesmo, ou como conjunto de dogmas que geram imposições descontextualizadas. Verificamos também a necessidade de um modelo pedagógico do diálogo no AP no ambiente evangélico capaz de proporcionar, a partir de quem precisa, uma relação de ajuda com ouvidos disponíveis para uma escuta amorosa, de forma que o ser humano seja, em sua integralidade, imagem de Deus, que cuida do outro e que se sinta parte da criação ao resgatar os valores da tradição bíblica de vida plena.

Sendo assim, apresentamos em nossa pesquisa o método desenvolvido por Carlos Mesters da Leitura Popular da Bíblia como uma hermenêutica capaz de proporcionar, junto com a psicologia e as ciências humanas, uma forma libertária de ajuda. Reafirmamos que o uso da LPB não implica na não necessidade de outras contribuições, como a psicologia, ou das demais abordagens de aconselhamento aqui mencionadas. Trata-se de um caminho metodológico que possibilita uma contextualização a partir da cosmovisão, da linguagem e da compreensão bíblica sem, entretanto, negar a espiritualidade de quem procura auxílio.

Evidentemente, o relacionamento aconselhador/a e aconselhando/a também se molda a esses princípios num processo pedagógico em que o diálogo e uma leitura de mundo que parta da vivência, independentemente da idade, etnia, situação socioeconômica ou estado civil, possa, em partilha, estabelecer oportunidades de transformação e humanização. Para Mesters e Orofino,

Orientar não significa dar conselhos ou direções, mas caminhar emocionalmente e espiritualmente junto com o/a ajudado/a, para a direção que ele escolheu sem se importar com acertos ou erros. É preciso ajuda-lo a sair do imobilismo, a perder o medo de se movimentar. Fazemos isso através da nossa presença e do nosso apoio. Ele/a precisa compreender que somos seres imperfeitos, passíveis de erro (pecadores por excelência) e que o único e verdadeiro erro é aquele com o qual nada se aprende. A vida é um processo e estamos todos em processo, nenhum de nós atingirá a maturidade completa, nem chegaremos à completude. O erro nunca é o fim e nem é absoluto ele é, somente uma experiência de aprendizagem. (MESTERS E OROFINO, 2010, p.150)

Em nossa pesquisa, destacamos a importância da Bíblia e o modo como a LPB ilumina a vida de forma que as pessoas encontrem sentido, novas forças e esperança para serem sujeitos de suas próprias histórias. Vimos também como, por meio do aporte do método pedagógico dialógico de Paulo Freire, as pessoas podem aprender a aprender, como seres inconclusos, a se humanizar e a ser. A LPB, desta maneira, também coopera para que haja uma escuta amorosa que, tanto individualmente como em grupos e comunidades, aja de forma terapêutica.

A presente pesquisa não teve como pretensão apresentar de forma empírica como este aconselhamento se desenvolve e nem afere seus resultados ou desdobramentos. Limita-se a apresentar as possíveis contribuições da Leitura Popular e a fomentar o assunto de forma que ficam perguntas que nos levam a buscar novas perspectivas, e para cujas respostas a Bíblia seja utilizada de maneira libertadora, sem reducionismos ou desconectada da vida no mundo. Assim, surge a proposta de que a relação, hoje, cada vez mais acentuada entre o Aconselhamento Pastoral e Psicologia, seja repensada mais como uma articulação entre o Aconselhamento Pastoral, a Psicologia, a Leitura Popular da Bíblia e a Pedagogia dialógica, que escuta e respeita os silêncios da vida.

Como desdobramento desta pesquisa, pensamos que devemos desenvolver e aprimorar a metodologia da LPB em aconselhamentos educativos para grupos específicos e comunidades. Em suma, acreditamos que a pesquisa nos aponta para um método de Aconselhamento Pastoral mais adaptado para o contexto evangélico popular, mais humanizante, que escuta, dialoga e leva a sério as falas e os silêncios das pessoas e das comunidades, as quais, à luz da leitura da Bíblia, assumam a tarefa de caminharem juntas na solidariedade e na esperança.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, Jay E. *Autoestima: uma perspectiva bíblica*. Tradução de Rejane L.M. da Quinta, Talitha Almeida de Novaes. São Paulo: Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos, 2007. 156 p.
- ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. Tradução de Odair Olivetti. 8. ed. São José dos Campos: Fiel, 1999. 267 p.
- ALVES, Rubem. *O suspiro dos Oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984, 180 p.
- ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*. São Paulo: Planeta, 2007, p.83-87.
- ASSMANN, H.; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária. Educar para esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a educação*. Piracicaba: Unimep. 2 a. ed., 1998.
- BALTODANO, Sara Elizabeth A.. *Psicologia pastoral y pobreza*. San José, C.R.: Universidad Bíblica Latinoamericana, 2003, 138p.
- BEOZZO, Jose Oscar; BEOZZO, Jose Oscar (Org.) et al. *Curso de verão: ano XVIII: educar para a justiça, a solidariedade e a paz*. São Paulo: Paulus/CESEP, 2004. V. 18. 156 p. (Teologia popular) p.143-156.
- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visao humanistica*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1972. 202 p.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. São Paulo: SBB, 2008.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BOOTZ, Everton Ricardo. *Consultei a Deus, ele me respondeu e me livrou de todos os temores* o uso de recursos espirituais no aconselhamento pastoral. 2003. 346p. Doutorado em TEOLOGIA, São Leopoldo.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução, introdução e notas de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2004.
- CAVALCANTI, Tereza M. P.. *A leitura Popular da Bíblia e a V conferência do CELAM. Atualidade Teológica, ano XI, n.25, p. 76-103, janeiro/abril 2007. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil.*

CLINEBEBELL, Howard. *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1987.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. Tradução de Lucilia Marques Pereira da Silva. São Paulo: Edições Vida Nova, 2004. 704 p. Possui Bibliografia.

_____. *Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*. Tradução de Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2005. 216 p

DUSSEL, Enrique. *1492 El encubrimiento del otro: Hacia el origen del mito de la modernidad*. Madri: Nueva Utopia, 1992.

_____. *Caminhos de libertação latino-americana: história, colonialismo e libertação*. Tradução de Jose Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985. 2 v.

_____. *Caminhos de libertação latino-americana: interpretação histórico-teológica*. Tradução de Jose Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985. 150 p.

_____. *Caminhos de libertação latino-americana: interpretação ético-teológica*. Tradução de Jose Carlos Barcellos, Hugo Alberto Toschi. São Paulo: Paulinas, 1985. 178 p

_____. *Caminhos de libertação latino-americana: reflexões para uma teologia da libertação*. Tradução de Jose Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985. 294 p.

COMBLIN, José. Perplexidade de quem educa: A educação cristã forma para a liberdade? In: VIDA PASTORAL –Janeiro-Fevereiro – n°198, São Paulo, 1998.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 11ª. Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 245 p.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 2008. Ed. Especial, p.148

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. Ed. 50, p.253

HINKELAMMERT, Franz J. *Crítica de la razón utópica*. Ed. ampliada y revisada. Bilbao: Desclée, 2002.

HOCH, L. C. *A Igreja e o universo negligenciado das emoções*. Aspectos antro- pológicos e psicológicos. Teologia em Debate, Porto Alegre, v. 5, p. 12-23, 1999.

_____. *A experiência como parceira da palavra para percepção do divino*. Aspectos bíblicos. Teologia em Debate, Porto Alegre, v. 5, p. 24-33, 1999.

_____ *A importância de ritos e símbolos no Aconselhamento Pastoral e na Celebração*. Aspectos pastorais. Teologia em Debate, Porto Alegre, v. 5, p. 34-47, 1999.

_____ *A função terapêutica dos Ritos Crepusculares: Aconselhamento Pastoral junto aos que andam no vale da sombra da morte*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 38, n. 1, p. 63-73, 1998.

_____ *A voz de Deus em outros povos. A religiosidade indígena na América Latina como desafio ao Cristianismo*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 35, n. 2, p. 177-185, 1995.

HOCH, L. C.; HEIMANN, Thomas (Orgs.). *Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade*. Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2008. 208 p.

HOCH, L. C.; LEON, J. A.; SCHIPANI, D.; COT, M. DE L. P. *La Teología Práctica en Busca de Identidad*. In: SCHIPANI, Daniel S. (Org.). *Nuevos Caminos en Psicología Pastoral*. Buenos Aires: Kairós, p. 129-145, 2010.

HOCH, L. C.; ROCCA L., Susana (Orgs.). *Sufrimento, Resiliência e Fé*. Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 224 p.

HOCH, L. C.; SANTOS, H. N.; LEON, J. A.; FARRIS, James; HAMMES, Érico João; NOÉ, Sidnei Vilmar. *La crisis personal y su dinámica*. In: SANTOS, Hugo H. (Org.). *Dimensiones del cuidado y asesoramiento pastoral. Aportes desde América Latina y el Caribe*. Buenos Aires: Kairós, p. 205-221, 2006.

HOCH, L. C.; SCHEUNEMANN, Arno Vorpagel. *Redes de Apoio na Crise*. São Leopoldo: Con-Texto, 2003. 126 p.

HOCH, Lothar Carlos; NOE, Sidnei Vilmar (Org.). *Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda*. 2. ed. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia: Sinodal, 2005. 125 p.

HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei V. *Pastoral junto aos que andam no vale da sombra da morte*. Estudos Teológicos, Pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar (Orgs.). *Comunidade São Leopoldo*, v. 38, n. 1, p. 63-73, 1998. Sinodal/EST, 2003. p. 96-106.

LECAROS, Véronique. *Bíblia y cultura em médios evangélicos*. Estudos de Religião, v. 26, n. 43, p. 203-219, 2012.

LEITE, Priscila. *Ler a vida: Contribuições da leitura popular da Bíblia para o Aconselhamento Pastoral*, in: PAULA, Blanches de (Org.). *Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça, p. 26-45, 2013.

LIBANIO, J. B. *Teologia da libertação: roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 292 (Coleção Fé e Realidade, 22).

MENDONÇA, Élcio Valmiro Sales. *Religião e Educação: O verbo Hebraico Lamed*, 2014, (artigo não publicado cedido pelo autor).

MESTERS, Carlos. *A leitura libertadora da Bíblia*. Medellín: Teología y Pastoral para América Latina, Bogotá, v. 22, n. 88, p.123-138, dez. 1996.

MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 206 p.

_____ *Por tras das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 261 p.

MESTERS, Carlos; MIRANDA, Márcio Lucio de. *Jesus Da Escuta Amorosa: As Bem-Aventuranças ontem e hoje*. Belo Horizonte: O Lutador: CEAP- São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2010, p. 271.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Sobre a Leitura Popular da Bíblia no Brasil: Metodologia*. In: CEBI, São Leopoldo, RS, 2005. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=12¬iciaId=132>> Acesso em: ago. 2014

_____ *A prática pedagógica de Jesus de Nazaré: um ensinamento novo dado com autoridade*. In: BEOZZO, Jose Oscar; BEOZZO, Jose Oscar (Org.) et al. *Curso de verão: ano XVIII: educar para a justiça, a solidariedade e a paz*. São Paulo: Paulus/CESEP, 2004, v. 18. 156 p. (Teologia popular) p. 69-90.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MÍGUEZ, Nestor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo. *Para além do espírito do império: novas perspectivas em política e religião*. São Paulo: Paulinas, 2012. Leopoldo, 2010

PAULA, Blanches de (Org.). *Escuta libertadora: temas emergentes para o aconselhamento pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça, 2013. 197 p.

PAULA, Blanches de. *Pedaços de nós: luto, aconselhamento pastoral e esperança*. São Bernardo do Campo: ASTE: EDITEO, 2011. 231 p.

PAULA, Blanches. *Mundo da Vida e Vida no Mundo: alicerces para a construção da Teologia Pastoral em Solo Latino-americano*. In: RENDERS; SOUZA. (Org.). *Teologia Wesleyana, Latino-americana e Global: uma homenagem a Rui de Souza Jogrillberg*. 1ed. São Bernardo do Campo - SP: Editeo, 2011, v. 1, p. 261-268.

RENDERS, Helmut; SOUZA, José Carlos de (Org.). *Teologia wesleyana, latino-americana e global: uma homenagem a Rui de Souza Josgrilberg*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2011. 288 p.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. O ser humano diante de suas situações-limite: uma reflexão teológica em Paul Tillich. In: RUBIO, Alfonso García (Org.). *O Humano Integrado: Abordagens de antropologia teológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 47-68.

RIEGER, J. & MIGUEZ, N. & SUNG, J. M. Para além do Espírito do Império: novas perspectivas em política e religião. São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTOS, Odja Barros. Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na Perspectiva da mulher nordestina: um relato de experiência. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São

SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança: Uma hermenêutica*. São Paulo: Aste, 2004. 144p.

_____. Uma aproximação crítica de concepções e práticas atuais de aconselhamento pastoral. IN: SANTOS, Hugo N. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral*. Contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: ASTE/Cetela, 2008.

SEGUNDO, Juan Luis. *O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático*. Tradução de Magda Furtado de Queiroz. 2 ed.: São Paulo: Paulinas, 2000. 441 p.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal/ASTE, 1998. 344 p.

_____. Aconselhamento Pastoral. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no Contexto da América Latina*. São Leopoldo: Aste, Sinodal, 1998.

SCHIPANI, Daniel. *O caminho da sabedoria no aconselhamento Pastoral*. Tradução: Paul Tornquist. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004, p. 122.

SCHWANTES, Milton, Caminhos da Teologia Bíblica. In: *Estudos Bíblicos*, nº 24, Petrópolis: Vozes, 1989, p.10.

SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 152 p.

SIQUEIRA, Tércio M.. Salmo 1: o Salmo dos dois caminhos. In: RENDERS; SOUZA. (Org.). *Teologia Wesleyana, Latino-americana e Global: uma homenagem a Rui de Souza Josgrilberg*. 1 ed. São Bernardo do Campo - SP: Editeo, 2011, v. 1, p. 27-36.

SOAES, Esny Cerene. Aconselhamento pastoral: história e perspectivas contemporâneas: uma análise da influência dos métodos de Jay Adams, Gary Collins e Howard Clinebell sobre o aconselhamento. 1999, 141p. Mestrado em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo.

STRECK, Valburga S. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

STRECK, Valburga S.; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Imagens da família: dinâmica, conflitos e terapia do processo familiar*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

SUNG, Jung Mo; ASSMANN, Hugo. *Deus em nós: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2010.

SUNG, Jung Mo. *Educar para reencantar a vida: pedagogia e espiritualidade*. 3. ed. São Paulo: Reflexão, 2012. 215 p.

SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à teologia pastoral*. São Paulo: Loyola, 1999.

WANGEN, Richard H. O Uso e Abuso da Bíblia na Poimênica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1979, Ano 19, n. 2, p. 95-106.

_____ Questões que a religiosidade popular levanta para mim. *Estudos Teológicos*, 16/3, p. 33-36, 1976.

_____ Auxílio Homilético sobre Mateus 23. 1-12. In: *Proclamar Libertação*, São Leopoldo: Sinodal, v. I p. 158-168, 1977.

_____ Tolerância. In: *Anuário evangélico 1998*, São Leopoldo: Sinodal, p. 56-57, 1977.

_____ A assistência pastoral no rito do sepultamento. In: *Proclamar Libertação suplemento 2- Ofícios*, São Leopoldo: Sinodal, p.83-90, 1988.

WANGEN, Richard H. Carlos Mesters: Por trás das Palavras (resenha). *Estudos Teológicos*, v. 15, n. 1, p. 39-41, 1975.